

**Sergio Fernandes Aleixo**

**QUE ESPIRITISMO É O NOSSO?**

**Ensaaios da Hora Extrema**

**Volume**

**I**

**2017**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

SERGIO FERNANDES ALEIXO

QUE ESPIRITISMO É O NOSSO?

Ensaios da Hora Extrema

VOLUME

I

2017

© 2017 Sergio Fernandes Aleixo

Capa, revisão e editoração  
Sergio Fernandes Aleixo

Aleixo, Sergio Fernandes, 1970-  
Que Espiritismo É o Nosso? Ensaios da Hora Extrema / Volume I /  
Sergio Fernandes Aleixo. — 1ª ed. — Rio de Janeiro:  
<http://sergioaleixo.blogspot.com.br>, 2017.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito do autor, sejam quais forem os meios empregados.

Aos meus fiéis leitores e amigos,  
aos meus irmãos na causa humanitária do espiritismo.

“Nunca esquecer, ao atacar a religião em nome da verdade, que a religião pode dificilmente ser substituída e a pobre criatura humana está chorando nas trevas.” — **Fernando António Nogueira Pessoa**. Obras em Prosa. Volume Único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998, p. 33.

## **SUMÁRIO.**

Apresentação.

1. Alma imortal.
2. Livre-Pensamento.
3. Ética e alteridade.
4. Ensino geral espírita.
5. Evangelizar.
6. Jesus de Nazaré.
7. O Espírito da verdade.
8. Guia de Kardec: Jesus?
9. Sequência profética.
10. Ecumenismo.
11. Religião filosófica.
12. Providência divina.
13. Predestinação.
14. Morte e desprendimento.
15. Perispírito.
  - 15.1. Inorgânico.
  - 15.2. Indestrutível.
16. Puros espíritos.
  - 16.1. Conselho supremo.
  - 16.2. Encarnação.
  - 16.3. Jesus.
17. Mediunidade.
18. Allan Kardec.
  - 18.1. Codificador.
  - 18.2. Médiun.
19. Racismo.
  - 19.1 Kardec.
  - 19.2. São Luís.
  - 19.3. MPF.
20. Homossexualidade.

21. Essência benigna.

22. Resignação.

23. Espiritismo e comunismo.

24. Spiritism e spiritisme.

Sobre o autor.

Notas.

## APRESENTAÇÃO.

No blogue mantido repositório de meus textos kardecistas de dez/2009 a ago/2014, dizem amigos que se encontravam os ensaios do gênero mais acurados dos últimos tempos e que ainda os guardam, ciosos; todavia se queixam de não estarem disponíveis senão em versões mal replicadas e conflitantes internet adentro. Natural. Porque os escrevia e reescrevia conforme pesquisas realizadas, ideias trocadas. Entrementes, como controlar cópias passadas adiante por terceiros, sem atualizações? Não supunha, além disso, uma tal repercussão.

Nem tudo era flores, porém. Nesse ínterim, restava em questão a obra de Chico Xavier. Que barulho! Uma irmã na causa confidenciou-me: — Você abalou minha fé. — Pensei: “Como pode ser? Que espiritismo é o nosso?”. Nunca lancei dúvida sobre um princípio sequer da doutrina espírita. Entretanto, muito que se apresenta nessa condição, sem possuir de fato tal característica,<sup>1</sup> não mereceu de mim pudores, porque o **spiritisme** francês jamais recebeu, das investidas usurpadoras que o atingiram, senão a trama urdida do esquecimento de sua lógica kardeciana. Hoje o espiritismo mal excede os limites de um culto ingênuo, um temerário fascínio, mais próximo dos produtos difusos do seu irmão primogênito anglo-americano, o **spiritism** ou **new spiritualism**.

Oxalá os espíritas, quaisquer que sejam seus graus, não prossigam por mais décadas a fio no obscurantismo e se dediquem a plantar as melhores sementes do pensamento kardeciano, ainda capazes de potencializar alvissareiros destinos às nossas teses e práticas.

---

<sup>1</sup> Sobre os princípios do espiritismo, suas verdades tidas e havidas como adquiridas não existirem listadas, tratarei na segunda parte desta obra.

Oferto-lhes, pois, a primeira parte da obra *Que Espiritismo É o Nosso?* Ensaios da Hora Extrema (Vol. I.) Ela contém dezenove dos reclamados ensaios, ora reescritos e reagrupados em definitivo, de modo mais harmônico e fluido, acrescidos de cinco novos temas; portanto, vinte e quatro capítulos. As matérias movem-se na esteira de reflexões críticas que entendo urgentes em face da hora extrema dessa doutrina filosófica e moral, quer no Brasil, quer no mundo. Saúde e paz.

*Sergio Fernandes Aleixo*

Rio de Janeiro, 26 de março de 2017.

### **1. ALMA IMORTAL.**

Disse um físico que adoraria ter alma e, quando seu corpo pifasse, renascer em outro; que histórias de espiritismo, vida após a morte e as várias versões das religiões seriam apenas mecanismos que criamos para lidar com nosso problema fundamental: a mortalidade. Seus amigos espíritas lembraram-lhe que a maneira científica de pensar o mundo é só uma entre tantas. Ele objetou que usar a ciência para justificar a existência, ou não, da alma, nunca dará certo. E assegurou que se sabe, agora, não haver alma; o cérebro é que seria, segundo ele, um organismo ao extremo complexo. Com fundamento em quê, afinal, poder-se-ia dizer que se sabe, hoje, realmente não haver alma? Numa ciência que sequer provou o materialismo? Tudo é energia. O físico não tinha declarado, por outra, que usar a ciência para justificar a existência, ou não, da alma, nunca daria certo? Não estaria usando essa ciência, ou o que aprendeu nela, ou, pelo menos, a posição de que desfruta perante a mesma, para conferir preferência à complexidade cerebral e negar a alma, essa arte, pois, que criaríamos para lidar com nossa mortalidade?

A ciência é a ciência de um estado de consciência, oficializada pelos que convergem num consenso mais amplo sobre algo; mas, nesse caso, conforme Kardec, fora de competência. Para além desse consenso, já afirmaram, certos cientistas, existir uma alma em nós. 1930. Universidade de Duke. Estados Unidos da América. O lendário prof. Rhine sustentou que o cérebro não explicaria a mente e que esta não seria física, embora pudesse agir, segundo ele, no mundo físico por vias não físicas. A sobrevivência após a morte foi defendida em Cambridge, Oxford e Londres, por Carington, Price, Soal e, na própria Duke, pelos Rhine e por Pratt.

Antes disso, Bozzano estabeleceu a interessante tese de que a crença na sobrevivência à morte não teria surgido do pensamento abstrato, sim da experiência vital com fenômenos supranormais. À medida que ordenava imagens refletidas em espelhos d'água, sombras, ecos, etc., a razão humana teria preenchido categorias prévias com repercussões supervenientes dessas experiências, muitas delas, objetivas, sensoriais, de efeitos físicos.<sup>2</sup> Bozzano declarou, por fim, constituírem os fenômenos supranormais admirável complexo de provas anímicas e espíricas, todas convergentes para um centro favorável à demonstração “científica” da existência e sobrevivência do espírito.<sup>3</sup>

Fazia cerca de sessenta anos, o descobridor do tálio, inventor do radiômetro e do tubo de raios catódicos, **sir** Crookes, inferira a existência da matéria radiante em meio a investigações de faculdades mediúnicas da srta. Cook — experimentos com aparições tangíveis de um espírito, por mais de três anos, no lar do próprio cientista britânico.<sup>4</sup> Para Denis,<sup>5</sup> teria advindo desse fato espírita toda uma série

---

<sup>2</sup> Povos Primitivos e Manifestações Supranormais. [1925.]

<sup>3</sup> International Psychic Gazette, mai/1930.

<sup>4</sup> Fatos Espíricas.

de descobertas, uma revolução na físico-química. Crookes afirmou que fora absolutamente verdadeira a conexão estabelecida entre este mundo e o outro.<sup>6</sup>

Outros atingiram tal convicção, independentemente das corporações oficiais de que eram membros, como o naturalista inglês Wallace, coautor da teoria de evolução e seleção das espécies, que publicou *O Aspecto Científico do Sobrenatural*;<sup>7</sup> o astrônomo alemão Zöllner, que editou *Provas Científicas da Sobrevivência*,<sup>8</sup> e o criminalista italiano Lombroso, que escreveu *Hipnotismo e Mediunidade*.<sup>9</sup>

Igualmente o descobridor do agente da raiva e do pênfigo agudo, diretor do Instituto Bacteriológico de Nova York, dr. Gibier, depois de observar pelo menos quinhentas vezes a escrita direta dos espíritos, fez publicar *Análise das Coisas*.<sup>10</sup> Não satisfeito, ao IV Congresso Internacional de Psicologia,<sup>11</sup> dirigiu detalhado relato de suas repetidas experiências espíritas: *As Materializações de Fantasmas, a Penetrabilidade da Matéria e Outros Fenômenos Psíquicos*.

Já na segunda metade do século 20, o ilmo. prof. dr. Sabom, cardiologista, relacionou 116 casos de estranhas vivências de seus pacientes entre 1976/81. Os insólitos teriam evidenciado uma dissociação entre cérebro e espírito.<sup>12</sup> Corroboram-no as casuísticas dos ph.d. Moody Jr., Ring, Ritchie, Kübler-Ross, Morse, etc. Após anestesia geral, coma e até morte clínica, muitos afirmavam haver

---

<sup>5</sup> O Além e a Sobrevivência do Ser.

<sup>6</sup> International psychic gazette, 1917.

<sup>7</sup> 1866.

<sup>8</sup> 1878.

<sup>9</sup> 1909.

<sup>10</sup> 1890.

<sup>11</sup> Paris, 1900.

<sup>12</sup> Recollection of Death.

estado fora do seu próprio corpo, testemunhando, no ínterim, o que sucedia nas salas em que estavam ou mesmo para além desses lugares; não raro, conversavam com defuntos acerca do presente, do passado e... do futuro. As EQM, experiências de quase morte, ou de morte aproximada, seriam estados especiais dos órgãos e evidenciarão algo mais que o corpo; o organismo não funciona, ou mal funciona; porém o espírito se mostraria ativo.<sup>13</sup>

Da psicologia analítica, o dr. Jung não acreditava ser possível a morte da mente. Esta não conheceria passado, presente ou futuro; segundo ele, se a mente prevê o devir, estaria acima do tempo e, assim, não se poderia limitar a um corpo. Para o dr. Jung, a plenitude da vida exigiria algo mais que um ser; necessitaria do espírito, espécie de complexo independente e superior, que seria o único capaz de chamar à vida as possibilidades psíquicas que a consciência — ego — jamais alcançaria por si.<sup>14</sup>

E atestam o quê, tão vastos acervos de regressões de memória, senão essas possibilidades? Centenas de casos documentados por Banerjee, Stevenson, Drouot, Weiss, etc., mereceriam só conspirações de silêncio? Weiss foi contundente afirmando que, talvez, o mais importante não seja a cessação de sintomas físicos e emocionais, sim o conhecimento de que não findamos com o corpo.<sup>15</sup> Drouot escreveu que a exploração de vidas anteriores não é apenas psicológica, mas espiritual.<sup>16</sup>

Nos congressos espíritas de 1889 e 1900 é que se falou pela vez primeira da regressão de memória a outras vidas; trabalhos

---

<sup>13</sup> KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos, 422-a.

<sup>14</sup> SANTOS, Jorge Andréa dos. Palingênese, a Grande Lei. Reencarnação. Cap. V. pp. 129/30.

<sup>15</sup> A Cura Através da Terapia de Vidas Passadas. [1996.]

<sup>16</sup> Reencarnação e Imortalidade. [1989.]

apresentados pelo sr. Colavida, do grupo de estudos psíquicos de Barcelona, e pelo sr. Marata, da união espírita de Catalunha, conforme Denis e Delanne.<sup>17</sup> Sobre tais regressões, verificadas, contudo, num espírito, existiam dois artigos no *jornal de estudos psicológicos* de Allan Kardec, a *Revista Espírita* (1858/69):<sup>18</sup> “repertório mais completo do espiritismo em seu tríplice aspecto: histórico, dogmático e crítico”.<sup>19</sup>

O *Livro dos Espíritos* assinalou que viria um tempo em que disporíamos de meios mais diretos e acessíveis aos sentidos nas comunicações com o além-túmulo.<sup>20</sup> Era a profecia das TCI? Como quer que haja sido, contatos desafiadores estão disponíveis a toda análise.

Verifica-se que muito do que se diz parte dos que tudo ignoram acerca dos fatos espíritas, sejam anímicos, sejam mediúnicos.<sup>21</sup> Ante uma tão vasta documentação, dentro e fora das universidades e por todo o mundo, os mais sensatos podem hesitar talvez, mas não resolver pela negação pura e simples.

O pensamento kardeciano rompe com o reducionismo de um dado modelo de ciência, não com seu escopo: o conhecimento exato da realidade. Muito por força do discurso positivista de persuasão, Kardec insistia na cientificidade do espiritismo. Mais exato que se veja na base prático-filosófica de sua formulação doutrinária a tentativa mais ambiciosa de uma aliança entre a ciência e a religião, visando pulverizar a dicotomia entre razão e fé.

---

<sup>17</sup> O Problema do Ser, XIV; A Reencarnação, VII.

<sup>18</sup> Revista Espírita. Jun/1866: Visão retrospectiva das várias encarnações de um espírito. Sono dos espíritos. Jul/1866: Visão retrospectiva das existências do espírito. A propósito do dr. Cailleaux.

<sup>19</sup> KARDEC, Allan. Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas. Introdução.

<sup>20</sup> O Livro dos Espíritos, 934.

<sup>21</sup> KARDEC, Allan. A Gênese, XIII: 9. [Paris, 1868.]

A doutrina dos espíritos sistematizada por Kardec em tão acurados escrutínios tem na mais alta consideração quanto, fora de si, resulte científico e é também nesses termos que pensa o mundo; todavia forçosa necessidade lógica e prática faz que lhes adicione o que vem de seu próprio estudo do princípio espiritual.

Kardec constatou vários fenômenos **in loco**: tiptologia (comunicação dos espíritos por batidas); sematologia (por letras e/ou sinais); psicografia mediata ou indireta (lápiz adaptado a cestas e pranchetas); psicografia imediata ou direta (lápiz retido na mão do médium); vidência (possivelmente aferida na companhia doutro sensitivo);<sup>22</sup> cura por passes magnéticos (desenganado, o próprio mestre, de um mal que lhe acometia as vistas),<sup>23</sup> etc.

Na casa da família Baudin, Kardec chegou a formular perguntas aos espíritos em vários idiomas desconhecidos dos jovens médiuns; algumas até sem palavras, e ainda assim respostas nasciam políglotas, profundas e lógicas por debaixo da cesta sobre os bordos da qual as meninas impunham suas mãos adolescentes. Desse modo foi capturada boa parte d'*O Livro dos Espíritos*, mais que fundamental, obra-fundamento da doutrina espírita.<sup>24</sup>

Quanto à psicografia imediata, Kardec se reporta, instigante, à mudança radical das caligrafias de acordo com a identidade dos espíritos, que conservavam a mesma escrita quando voltavam a se manifestar, ainda que de modo alternado, ao ponto de se verificar

---

<sup>22</sup> Cf. item 18.2 deste trabalho.

<sup>23</sup> Afirma Kardec haver ficado quase cego por volta do ano de 1852. Não lia, não escrevia nem ao menos reconhecia quem lhe desse a mão. Após consultas com os maiores especialistas, foi declarado que sofria de amaurose e que devia resignar-se. Uma sonâmbula é que lhe disse não ser amaurose, mas apoplexia que poderia resultar em amaurose. Tratou-o garantindo-lhe que em quinze dias experimentaria discreta melhora; em um mês, começaria a ver novamente e, em dois ou três meses, estaria curado. E assim lhe sobreveio, diz o mestre. (Cf. Revista Espírita. Ago/1862. Conferências do Sr. Trousseau.)

<sup>24</sup> 1857, a primeira edição. 1860, a definitiva, uma “nova obra” no dizer de Kardec.

flagrante semelhança de certas escritas mediúnicas com a correspondente caligrafia de algumas pessoas quando vivas, obtidas assinaturas de exatidão perfeita, sobretudo de mortos havia pouco tempo.<sup>25</sup>

Esse tipo de fenômeno, aliás, foi constatado no Brasil. Chico Xavier, em 22/07/78, psicografou carta da sra. Ilda Mascaro Saullo, italiana falecida em Roma a 20/12/77. Como já ressaltara Kardec, pessoa morta recentemente. Porém, havia um complicador: no italiano. Titular de identificação datiloscópica e grafotécnica da Universidade Estadual de Londrina, o prof. Perandrea atestou que a escrita mediúnica, em número e qualidade, possuía consideráveis e irrefutáveis características de gênese gráfica suficientes para revelação e identificação da defunta como autora da mensagem.<sup>26</sup>

Disse-o Léon Denis que, se alguém possui alguma experiência dos fenômenos psíquicos, fica pasmado ante a penúria de raciocínio dos críticos científicos do espiritismo; que escolhem, na multidão dos fatos, sempre alguns casos que se aproximem de suas teorias, silenciando sobre os que as contradigam. Denis pergunta se esse, afinal, seria um procedimento digno de verdadeiros sábios.<sup>27</sup>

Kardec asseverou que a ciência era incompetente para se pronunciar sobre o espiritismo. Defendeu que o método experimental, no entanto, podia ser aplicado à metafísica e que, sem a ciência, faltaria ao espiritismo comprovação.<sup>28</sup> Quis dizer que não podia o espiritismo abdicar de sua parte prática, porque a ciência, sem ele, estaria impotente para explicar o que lhe exorbitaria da alçada. Kardec propôs, desse

---

<sup>25</sup> O Livro dos Espíritos. Introdução: XII.

<sup>26</sup> A Psicografia à Luz da Grafoscopia. [1991.]

<sup>27</sup> No Invisível. Prefácio. [1911.]

<sup>28</sup> O Livro dos Espíritos. Introdução: VII. A Gênese. I:14.

modo, um regime de complementação entre um e outra. Mas a ciência não se há suposto necessitada de nada que seu projeto exclua. O físico S. Hawking decretou, por isso, o fim da filosofia e adotou o cientismo. Para ele, Deus não é necessário à criação. Nem, por efeito, o espírito, ao corpo.

Os espíritas, porém, não dependem do parecer da ciência para crer no espírito e em Deus; o que não significa que a desprezem ou a entendam, hoje, necessariamente equivocada quanto ao espiritismo, porquanto ela, na verdade, só está sendo coerente com seu projeto particular. Seguem, os espíritas, com suas práticas, e surpreendidos, vez por outra, com provas de identidade dos espíritos. Como disse o mestre, cada um pode chegar a essa convicção individualmente.<sup>29</sup> Que parte toma nisso a ciência?

## 2. LIVRE-PENSAMENTO.

Para os que compreendem a posição epistêmica do espiritismo em face dessa ciência de um estado de consciência — oficializada por consensos que não deixam de constituir outros tantos discursos de poder —, as negativas de cientistas acerca dos fatos espíritas pouco representam. Kardec foi claro: **le spiritisme n'est pas du ressort de la science**: o espiritismo não é da alçada da ciência.<sup>30</sup> Depois da morte do mestre, espíritas impacientaram-se de ansiedade por converter meio mundo e, para tanto, não hesitaram em conferir a hipóteses fugidias a precipitada condição de verdades doutrinárias. Resultado: todo um cortejo de pseudossabedorias a serviço de um movimento espírita desatento às lições de Kardec, a quem alguns preferiram mal criticar em vez de assimilar em sua especialidade. Quantos ainda ressaltam a adoção da geração espontânea como erro exarado na

---

<sup>29</sup> O Livro dos Espíritos. Introdução: VII.

<sup>30</sup> O Livro dos Espíritos. Introdução: VII.

doutrina? Kardec esclareceu que esse tema pertencia aos especialistas, não sendo da competência espírita. A opinião de Kardec só foi isto: sua opinião, bem como, em espiritismo, também o é a opinião dos espíritos, mormente se isenta de aferição do ensino geral e de lógica mais rigorosa.<sup>31</sup> Assim, com todos os pretendidos erros de Kardec e do espiritismo por ele codificado: apresentam-se aos que não compreendem seus contornos epistemológicos, ou a quem não interessa compreendê-los, por trazerem à tona pensador válido de fio praticamente a pavo e, por isso, inconveniente a tantas rupturas subsistêmicas que emergem de jogos de poder e controle, dentro e fora da institucionalidade espírita no Brasil e no mundo.

Muito se apela ao livre-pensamento. E num contexto em que o catolicismo era repressor absoluto, com poder de polícia, ele podia ser aliado perfeito do espiritismo; nas suas possibilidades, facultava, senão demolir, pelo menos questionar dogmas, levando à provável, ainda que incerta opção pela fé raciocinada proposta por Kardec. O ignorado é que o livre-pensamento faculta também a escolha ateísta, agnóstica, niilista. Fato que a Igreja católica perdeu muito de sua força e esse livre-pensamento tem conduzido, com menos embaraços, a essas opções. Kardec não deixa de ressaltá-lo ao dizer que os livres-pensadores constituem nova denominação para os que não se encontram sujeitos à opinião de ninguém quanto a assuntos de religião e espiritualidade. Vendo nisso mais espírito de sistema que livre-pensamento, observa o mestre que a qualificação de livre-pensador pode ser atribuída aos adeptos de qualquer nuance do espiritualismo racional, bem como da incredulidade absoluta; alguém, pois, não se conduzindo pela fé cega, só por isso seria livre-pensador; e o espírita, igualmente. Todavia, a despeito desses livres-pensadores menos

---

<sup>31</sup> Revista Espírita. Jul/1868: A geração espontânea e A *Gênese*.

prevenidos, haveria os radicais do livre-pensamento, para quem este não implica crer apenas no que é visto, sim em nada crer, nem mesmo em Deus. Para esses, a espiritualidade seria entrave e não a quereriam, pelo que se apropriariam da emancipação intelectual do livre-pensamento para evitarem o que os adjetivos materialista e ateu abrigam de repulsivo.<sup>32</sup> E desvirtuariam, assim, o sentido da emancipação intelectual do livre-pensamento — tolerância por todas as opiniões —, por vezes atirando pedras aos que como eles não pensam.

Para Kardec, mister se faz, pois, distinção entre os que se dizem livres-pensadores, igualmente se verifica entre os que se nomeiam filósofos.<sup>33</sup> O livre-pensamento deve ser entendido, segundo ele, como o livre uso da faculdade de pensar e, assim, de fato, um pensamento livre, quer **político**, filosófico ou religioso. Desse modo, todas as opiniões e crenças podem ter seus livres-pensadores. O livre-pensamento consistiria na liberdade absoluta da escolha das crenças; significaria livre-exame, liberdade de consciência, fé raciocinada. Esse é o entendimento de Kardec.<sup>34</sup> No entanto, salvo engano, parece hoje prevalente a opinião ali combatida pelo mestre, a dos radicais do livre-pensamento: toda limitação, sobretudo religiosa, forçosamente implica ausência de liberdade ao pensar.

No ínterim, pergunto-me se podem, os espíritas, estar entre esses radicais livres-pensadores e tornar-se insubmissos aos princípios a que aderiram, supõe-se, por convicção. Admite-se, **lato sensu**, que os não haja kardecistas.<sup>35</sup> E além? Quero dizer: pode haver espíritas ateus, por

---

<sup>32</sup> “De fato, que é o agnosticismo, senão um materialismo envergonhado?” (F. Engels. Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico, 1880.)

<sup>33</sup> Revista Espírita. Jan/1867: Olhar retrospectivo sobre o movimento espírita.

<sup>34</sup> Revista Espírita. Fev/1867: Livre-Pensamento e livre-consciência.

<sup>35</sup> Cf. cap. 24 deste trabalho: Spiritism e spiritisme.

exemplo? Mesmo sem falar de neutralidade, para questionar o que lhes pareça merecedor de crítica, livres-pensadores têm de especular a certa equidistância. Compreende-se. Os radicais do livre-pensamento, todavia, exorbitam. É-lhes necessário descompromisso com toda escola, especialmente se afinada a ideias religiosas, caso confesso do espiritismo kardecista: “Intimamente vinculada às ideias religiosas, esclarecendo-nos sobre nossa natureza, a **doutrina espírita** mostra-nos a felicidade na prática das virtudes evangélicas”.<sup>36</sup> O livre-pensamento, nesse viés, pois, não veria hoje, na fé, senão prévio limite consigo incompatível. Essa, a razão pela qual talvez se devesse mesmo distinguir a liberdade de pensamento daquilo que é a condição de livre-pensador de ofício, digamos; esta, salvo melhor juízo, clama mais e mais por ausência de vínculo formal.

Como quer que seja, antes de uma ruptura com Kardec em nome do livre-pensamento, convém avaliar se o que nos falta não se define melhor só como liberdade de pensamento; apenas aquela margem para exercícios especulativos em que não há rompimento com princípios. O espiritismo **stricto sensu**, que é, sim, o kardecismo, não fixa como princípio senão o que se achar demonstrado ou ressaltar logicamente da observação; comunica-se com todos os ramos do saber e da cultura, aos quais oferece suas descobertas e dos quais assimila, em caso de máxima pertinência, o que lhe seja premente. Assim, o ideário e a práxis do modal espírita kardecista nunca seriam ultrapassados; se lhes fossem demonstrados erros, modificar-se-iam em favor de toda verdade.<sup>37</sup> Erasto pede-nos que falemos ao coração, o caminho das conversões sérias. E se convenientes forem julgados fenômenos materiais para convencimento dalguns, que possam ocorrer de modo a

---

<sup>36</sup> KARDEC, Allan. Revista Espírita. Mar/1858: Sr. Home (Segundo artigo).

<sup>37</sup> A Gênese, I: 55.

evitar falsas interpretações, porquanto, a não ser assim, servem de argumento para os incrédulos, em vez de convencê-los.<sup>38</sup>

Se é verdade que o **spiritisme** de Kardec não se galardoou científico, igualmente o é que aqueles que o acusaram de credulidade e tentaram reescrevê-lo também não alcançaram essa cidadania. Por que eu, kardecista, devo, então, trocar um por outros? Se eventual aprovo consensual acadêmico houver, das hipóteses andarilhas que disputam a institucionalidade espírita, o aceitarei de boa mente. Por ora, contudo, são meras nomenclaturas do que não vai além de pseudociência, aposto hoje, aliás, do próprio espiritismo. O erro dalguns é quererem tornar o **spiritisme** uma nova metapsíquica, parapsicologia, psicotrônica, ou coisa o que o valha, com a mesma limitação paradigmática do academicismo, que Kardec se encarregou logo de superar, oportunizando à humanidade a criativa pavimentação do caminho inicial, mas resolutivo, daquela que chamou ciência do infinito.<sup>39</sup> O que desgasta radicais do livre-pensamento perante certos espíritas é a pretensão de provar que são necessariamente mais clarividentes por não pertencerem a nenhuma escola. Não o suficiente, entretanto, para atinarem que há espíritas oriundos das escolas que lançam os mesmos questionamentos e desconstruções de que se ufanam esses radicais. Sim, há espíritas ex-agnósticos, ex-ateus, etc., que preferiram algo a lhes conferir, agora, um sentido, em vez de retirá-lo. É escolha. E por que não?

De mais a mais, se é fato que o positivismo teve grave influência nas formulações do kardecismo, também o é que estas não se limitaram àquele primeiro. Basta dizer que, desde 1858, Kardec proclamava o advento do período psicológico, para além do

---

<sup>38</sup> O Livro dos Médiuns, 98.

<sup>39</sup> O Livro dos Espíritos. Introdução: XIII.

científico.<sup>40</sup> E já em 1859, Kardec alegava que o sistema de Comte não conhecia todas as leis naturais para fixar-lhes limite irrecorrível. O espiritismo, ao contrário, demonstrava a possibilidade da alma em favor da ampliação dos domínios da ciência, não dos do sobrenatural, o que, para Kardec, tornava o próprio espiritismo “uma ciência”.<sup>41</sup> Não se trata, pois, de subproduto comteano. A doutrina espírita possui uma sofisticação própria. Os que atingem Kardec com a pecha genérica de ultrapassado, infenso ao novo, e querem com ele romper em nome do livre-pensamento, não devem fazê-lo antes de saber que, segundo o mestre, o espiritismo não pretende haver dito a última palavra sobre nada, nem mesmo acerca do que é do seu próprio jaez; não aparece, assim, como dose impoluta do possível e aguarda, hígido, o futuro, ainda que o infelicite nalguma medida.<sup>42</sup> Mas o que é o conhecimento? Eis uma questão bastante litigiosa.

### 3. ÉTICA E ALTERIDADE.

Renomado teólogo pergunta: — O que é alteridade? — Ao que responde: — É ser capaz de apreender o outro na plenitude da sua dignidade, dos seus direitos e, sobretudo, da sua diferença.<sup>43</sup> — Essa ética filosófica quer estabelecer uma relação de entendimento entre os que considera essencialmente diferentes, mas para um dos seus maiores teóricos: “O absolutamente outro é outrem; não faz número comigo”.<sup>44</sup> Bem; contornemos essa tão funda singularidade antes que trague toda nossa luz. O fato é que se impôs o clamor por um espiritismo em que Kardec não seja senão mais uma corrente em

---

<sup>40</sup> Revista Espírita. Abr/1858.

<sup>41</sup> O Que É o Espiritismo? Cap. 1: O maravilhoso e o sobrenatural.

<sup>42</sup> A Gênese, XIII: 8.

<sup>43</sup> Frei Betto. Alteridade. In: Agencia Latinoamericana de Información. <http://alainet.org/active/3710>(=es.

<sup>44</sup> Lévinas, E. Totalidade e Infinito. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1988, p. 26.

tantas, o que, por sinal, sem qualquer novidade, remete não à rota criteriosa da **doctrine spirite** pelo mestre sonhada, sim ao **new spiritualism** ou **spiritism** anglo-americano, mais difuso.<sup>45</sup> O instrumento usado para tanto há sido a ética da alteridade; mas o que se almeja, desse modo, é progredir sem óbices entre kardecistas, fazendo os adeptos deste modal espírita, por natureza mais exigente, acreditarem não ser boa conduta opor lúcida resistência a certas heterodoxias um tanto excêntricas por vezes.

Essa filosófica ética alteritária, todavia, não afronta em nada o **spiritisme**. Ninguém respeitou mais as diferenças e apreendeu, nelas, o outro, do que o professor H.-L.-D. Rivail. O controle por ele feito do ensino geral dos espíritos o obrigava a ter em conta mesmo o que seres de pouca elevação tinham a dizer. Para esse gênio da observação, os espíritos foram, do menor ao maior, meios de se informar, não reveladores predestinados.<sup>46</sup> Aos detratores, respondia que a doutrina preconiza a liberdade de consciência como direito natural de seus adeptos e de todo mundo; respeita convicções sinceras e exige a reciprocidade.<sup>47</sup> Que saberiam, porém, da filosófica ética da alteridade os que, desde a morte do mestre, asseveram, em falso, que estaria de todo ultrapassado e oferecem, como solução, as obras que eles adotam de outrem, escrevem por si ou recebem de espíritos sem nenhum confronto de aferição? Não há ética alteritária nisso, salvo se a reciprocidade lhe seja de somenos. O espiritismo **stricto sensu**, a **doctrine spirite** — sim, o kardecismo —, não seria um absolutamente outro que é outrem e, afinal, diverso, merecendo seu

---

<sup>45</sup> Fonte primeira do espiritismo moderno; 1837 (fenômenos entre os Shakers), 1848 (entre os Fox), 1854 (publica-se a palavra **spiritism**). Kardec se refere “a um dos mais fervorosos adeptos da doutrina e que, havia muitos anos, desde 1849, se ocupava com a evocação dos espíritos. (Cf. O Livro dos Espíritos. Introdução: IV.)

<sup>46</sup> Obras Póstumas. Minha primeira iniciação no espiritismo.

<sup>47</sup> Obras Póstumas. Ligeira resposta aos detratores do espiritismo.

direito de existir tal qual é? Como podem os paladinos desse pluralismo dito “filosófico” se proclamar kardecistas em flagrantes contraditas a Kardec? 1) reencarnação é castigo a espíritos falidos noutra linha de evolução [Roustaing]; 2) incensos e defumadores são detonadores de miasmas astralinos [Ramatis/Armond]; 3) a atual filosofia espírita é limitada por não nos esclarecer as primeiras origens do universo e o plano geral da criação, faltando-lhe visão completa do todo [Ubaldo]; 4) o espiritismo é uma doutrina laica, neutra quanto ao pensamento religioso, não pode ser cristão [CEPA/NEFCA]; 5) espiritismo é toda interpretação que possibilite espiritualização e, por isso, deve imperar o regime do mais livre pluralismo de concepções sobre os postulados da doutrina [movimento Atitude de Amor]; dentre outros subsistemas.

Certos campeões da ética alteritária defendem respeito às diferenças, mas, para o caso particular da diferença que caracteriza o **spiritisme** francês, trabalham por diluí-la, isto é, a identidade kardeciana do espiritismo. A pretexto de atualizá-la, de combate às ações doutrinantes que a engessariam, não deixam de reproduzi-las a seu próprio modo. Onde, pois, a ética alteritária? Querem-na, é verdade; por obrigação alheia, contudo. Ora; não obstante o zelo da composição doutrinária de Kardec, ela registra esse espiritismo **lato sensu**, de alcance vário, por assim dizer. Ideias e fatos antigos mencionados pelo mestre como espiritismo: entre os druidas, na bíblia, etc.;<sup>48</sup> o que ocorria, outrossim, na literatura estadunidense: **ancient spiritism, present spiritism**: espiritismo antigo, espiritismo atual.<sup>49</sup> Por conseguinte, **lato sensu**, mas só por esse motivo admissível **in totum**, espíritas já o são todos os que pura e

---

<sup>48</sup> Cf. cap. 24 deste trabalho: Spiritism e spiritisme.

simplesmente se filiem a estudos e práticas que impliquem a crença na ação dos espíritos. Isso mais remete ao **spiritism**, ao **new spiritualism** anglo-americano, anterior ao *Livro dos Espíritos*; contudo não lhe é, a este último, alheia essa pluralidade mais difusa. Na introdução dessa sua magna obra, Kardec escreve que a **doctrine spirite**<sup>50</sup> tem por princípio as relações do mundo material com os espíritos e que o adepto do espiritismo (**celui qui croit aux manifestations des esprits**: aquele que crê nas manifestações dos espíritos)<sup>51</sup> será o espírita ou espiritista, vocábulo, aliás, também do inglês: **spiritist**, idioma em que a palavra central da “ciência” e da doutrina já fora tomada ao latim: **medium**.<sup>52</sup> Na conclusão da mesma obra fundamental, postula Kardec algo inédito, três graus entre os adeptos: os que se limitam à ciência experimental; os que admitem a moral que dela decorre, e os que praticam ou se esforçam por praticar a moral do **spiritisme philosophique**.<sup>53</sup>

Portanto, o **spiritisme**, a **doctrine spirite**, corresponde, sim, ao produto singular da lógica estreme do método de composição kardeciano; todavia nem por isso deixou ao desabrigo do qualificativo **spirites** ou **spiritistes** os que não chegam a progredir nos três graus da doutrina ou que não a acolhem toda, os que se conservam na fase

---

<sup>49</sup> GOODRICH, Chauncey. *The Apocatastasis; Or Progress Backwards*. Cap. VI, p. 64. Burlington, 1854.

<sup>50</sup> Salvo melhor juízo, locução kardeciana que, ali, tornou-se sinônima da palavra de língua inglesa adaptada ao francês: **spiritisme** (de **spiritism**). — “Si donc j’ai adopté les mots **spirite**, **spiritisme**, c’est parce qu’ils expriment sans équivoque les idées relatives aux esprits. Tout **spirite** est nécessairement **spiritualiste**, mais il s’en faut que tous les **spiritualistes** soient **spirites**.” — Se assim eu adotei os termos **espírita**, **espiritismo**, é porque eles exprimem, sem equívoco, as ideias relativas aos espíritos. Todo **espírita** é necessariamente **espiritualista**, mas nem todos os **espiritualistas** são **espíritas**. (O Que É o Espiritismo. Cap. I. Espiritismo e espiritualismo.)

<sup>51</sup> *Le Livre des Mediums*. Nouvelle édition conforme à la onzième édition de 1869. Union Spirite Française et Francophone. Chapitre XXXII. Vocabulaire spirite.

<sup>52</sup> GOODRICH, Chauncey. *The Apocatastasis; Or Progress Backwards*. Cap. V, p. 51. Burlington, 1854.

<sup>53</sup> Conclusão: VII.

empírica e, como vimos, por extensão retroativa, até mitológica, oracular, profética; donde haver, sim, **lato sensu**, espiritismo na umbanda, no candomblé, por exemplo, como havia na bíblia, entre os druidas e por toda antiguidade. Tanto assim é que Kardec fez publicar sem reparos em sua Revista, já em 1868: “Por não ser espírita completo, não se é menos espírita, o que faz por vezes que se o seja sem saber, algumas vezes sem o querer confessar e que, entre os sectários de diferentes religiões, muitos são espíritas de fato, quando não de nome”.<sup>54</sup> A dicotomia espiritualismo/espiritismo que se quer impor no Brasil, no sentido: não kardecista/kardecista, está eivada de uma deletéria pretensão hegemônica e, nalguns casos, de um criminoso preconceito contra as religiões afro-brasileiras; além de falsear a história do espiritismo. Não havia distinção entre espíritas e espiritualistas entendidos como adeptos e não adeptos de Kardec, sim entre os espiritualistas que criam nas manifestações dos espíritos e os que nelas nem sempre criam. Kardec percebeu esta confusa sinonímia estadunidense: spiritualists **or** spiritists, espiritualistas **ou** spiritistas.<sup>55</sup> A primeira, tradicional, ligada ao **spiritualism**; a segunda, neologismo, ao **spiritism**. Didata, Rivail logo preferiu **spiritism** e **spiritist**, para o que diz respeito aos espíritos e suas manifestações, a **spiritualism** e **spiritualist**, ainda que adjetivados, estes, por **modern** e **new**. Com isso, Kardec evitou qualquer dúvida quanto ao fato de a intervenção dos espíritos ser o traço distintivo do **spiritism** e a crença central dos **spiritists**, no que nem sempre eram acompanhados pelos **spiritualists**.<sup>56</sup> Estabelecera-se, assim, o grande divisor de águas; não entre os adeptos e os não adeptos de Kardec, mas entre os crentes e os descrentes na intervenção dos espíritos no mundo natural.

---

<sup>54</sup> Emile Barrault, engenheiro. In: Revista Espírita. Jun/1868. Nota bibliográfica. Por Allan Kardec.

<sup>55</sup> BROWNSON, Orestes Augustus. The Spirit-Rapper. Cap. XX, p. 294. Boston, 1854.

#### 4. ENSINO GERAL ESPÍRITA.

Quem reclama aplicação moderna da norma de generalidade do ensino, com a qual Kardec avaliava os dizeres dos espíritos, esquece que seu controle universal serviu apenas para estabelecer os **princípios** da doutrina espírita; não foi aplicado, como salientou o mestre, a conteúdos adjacentes. Para Kardec, só a concordância havida, em várias localidades, das revelações espontâneas dos espíritos mediante grande número de médiuns estranhos uns aos outros, ofertava-lhes uma segurança mínima; não se tratando, contudo, dos assuntos de menos relevância, sim dos **princípios** da doutrina, enunciados de modo concomitantemente idêntico em diversos pontos, senão pela forma, pelo fundo.<sup>57</sup> Tal situação, no século 19. E hoje? O maior óbice à aplicação desse controle seria a espontaneidade. Com a doutrina difundida mundo afora e a telecomunicação instantânea entre todos os pontos do planeta, que espontaneidade seria confiável? Haveria nos médiuns contemporâneos um maior nível de isenção que aquele suposto na época anterior ao assentamento da doutrina por Kardec?<sup>58</sup> Tem-se visto médiuns psicografando e defendendo, eles mesmos, o que pensam sobre assuntos tratados nos livros que “recebem”. Será coincidência que antagonizem a obra do mestre, ou até a contrariem ao mesmo tempo em que a aclamem?

Se novos princípios resultassem de aplicação moderna desse controle, poderiam contradizer os estabelecidos no séc. 19? Kardec respondeu negativamente a isso; deixou claro, além de tudo, que os ensinamentos dos espíritos, ainda que majoritários e concordantes, não

---

<sup>56</sup> Cf. cap. 24 deste trabalho: Spiritism e spiritisme.

<sup>57</sup> O Evangelho segundo o Espiritismo. Introdução: II.

<sup>58</sup> O Livro dos Espíritos. Introdução: XVI.

dispensavam o julgamento incansável da razão, de sua razão,<sup>59</sup> o que assim repisou: “A opinião da maioria dos espíritos é um poderoso controle para o valor dos **princípios** da doutrina, mas não exclui o do julgamento e da razão, cujo uso incessante todos os espíritos sérios recomendam”.<sup>60</sup> Inferre-se daí o sensível contrapeso do julgamento e, pois, da razão do mestre, no processo de constituição do **spiritisme**, que o distinguiu do **new spiritualism**, do **spiritism** anglo-americano. Mais que isso: o gênio dialógico de Kardec se interpunha a distorções pontuais do ensino já concordante, evitando que se propagassem efeitos decorrentes. Supô-lo coadjuvante é, portanto, um equívoco. Ele mesmo o disse: “Haveria puerilidade em crer que, fazendo abnegação de nossa iniciativa, não obedeceríamos, como instrumento passivo, senão a um pensamento que se nos impunha”.<sup>61</sup> Se princípios fossem ditados sob a eventual aferição de um novíssimo controle do ensino geral dos espíritos, creio eu que não contraditariam o consignado kardeciano. Seres de fato superiores não se contradizem. Dessarte, o melhor padrão de aferição das comunicações mediúnicas é Kardec, adicionadas a pesquisa científica e a análise filosófica, conforme o assunto.<sup>62</sup> Só isso pode garantir a qualidade daquilo que hoje escrevem do aquém e do além sob o epíteto de **doctrine spirite**. Caso se queira, a exemplo de Emmanuel, divulgar filosofia

---

<sup>59</sup> A Gênese. Introdução.

<sup>60</sup> Revista Espírita. Mar/1868: Comentários sobre os messias do espiritismo. Edicel, p. 75. Obs.: Registre-se aqui um erro na tradução febian: “mas não exclui o do julgamento e da razão, cujo uso sério todos os espíritos recomendam”, o que não corresponde ao original: “mais qui n'exclut pas celui du jugement et de la raison, dont tous les Esprits sérieux recommandent sans cesse de faire usage”.

<sup>61</sup> Revista Espírita. Mar/1868. Edicel, p. 75.

<sup>62</sup> Descrições falsas de Vênus e Marte, por exemplo, bem como outras imprecisões de várias naturezas, fazem parte dos textos clássicos da doutrina espírita, mas não constituem princípios da mesma. Entenda-se-o bem. Sob pena de obscurantismo. Isso se atualiza, sim, conforme os tempos. Kardec o recomenda. Do contrário, o que distinguiria kardecistas dos mais arcaicos biblicistas? Nada.

espiritualista,<sup>63</sup> é que não se tem compromisso com a doutrina espírita tão só; caso ainda assim se afirme tê-lo, prevarica-se, porque não é seguro um espiritismo que se pretenda hígido a contrariar as normas de Kardec.<sup>64</sup>

Tem-se preterido o legado normativo de Kardec. Sua lição, a despeito do que pareça a uma primeira vista, não leva a engessamento, sim a prudente relativização, até do ensino geral exarado sob as cautelas kardecianas. Disse Kardec, no fim de sua carreira, que as comunicações dos espíritos são opiniões e não devem ser aceitas cegamente pelo nosso julgamento e livre-arbítrio, pois seria prova de ignorância e leviandade aceitar como verdades absolutas tudo quanto vem deles, que só falam do que sabem e, portanto, a submissão dos seus ensinamentos à lógica e à razão é hoje tarefa de todos nós.<sup>65</sup> Não se empolguem com meu dizer sobre relativizações até de ensinamentos gerais. André Luiz e congêneres, clamam seus entusiastas, inovaram, mas os espíritos já haviam relatado essas ilusões de uma vida praticamente física no além desde sempre, e Kardec enquadrava tudo conforme os critérios do seu método. Essas normas por ele assentadas não são hoje usadas para qualquer aferição, com a desculpa de que vêm aí coisas inteiramente novas. Ora; vimos que, para invalidar o primeiro ensino geral, os espíritos superiores deveriam mudar e dizer, no presente, o contrário do que ontem disseram. Não estavam cientes? **Exempli gratia**, sabe-se que os espíritos não têm órgãos, nem podem satisfazer necessidades típicas do corpo; que uma coisa é a ilusão em que muitos deles podem estar e, outra, bem diversa, a realidade de sua situação. Mas veio André Luiz e subverteu isso, desmentindo princípios da

---

<sup>63</sup> Emmanuel (1938). Explicando. F.E.B., 15ª ed., 1991, p. 15.

<sup>64</sup> ALEIXO, Sergio F. Que Espiritismo É o Nosso? Vol. II.

<sup>65</sup> Revista Espírita. Abr/1869: Profissão de fé espírita americana. 12.

universalidade do controle kardeciano. Que fizeram os espíritas brasileiros, em sua maioria? Encorajaram esse padrão com sua credulidade excessiva, por conta da santidade de Chico Xavier, e misturam, agora, água e óleo, dizendo que André Luiz completa, subsidia Kardec. Outros asseveram mesmo que o primeiro supera e substitui o segundo, sendo que já existiriam os que suplantam o próprio André Luiz. Sim, porque, afinal, mais não fazem os novos cronistas que irem aonde o autor de *Nosso Lar* os autorizou a ir. Se existem pássaros no além, porque não colocariam ovos? Se os espíritos casam e coabitam no mundo espiritual, por que não filhos, reencarnação por lá? Não é de admirar; um mero efeito da institucionalidade federativa e do mito rustenista que nela surgiu e se alimentou: a infalibilidade mediúnica de Chico Xavier, herdada de E. Collignon, médium belga do neodocetismo (des)organizado por J.-B. Roustaing no mais completo isolamento.<sup>66</sup>

Como sempre digo: ler é perigoso. Porque é estabelecer relações. Mas, nisso, também por vezes enxergar o que não existe no texto lido. É o caso de muitos articulistas espíritas defensores dos chacras e do aura no espiritismo. Não raro, inserem-se na tentativa de confirmar Chico Xavier/André Luiz mediante recortes de literaturas clássicas, aliás, bem distintas, como Kardec e Denis. Este último, por sinal, sempre dividido entre elogiar Kardec e subvertê-lo.<sup>67</sup> A matéria densa tem um estado radiante e nada, nada isso tem a ver com o perispírito, que está para além dela e não possui em si centros de força ou vitalidade, simplesmente porque não é um corpo físico, orgânico, nem esses centros de vitalidade se referem, ali, no *Livro dos Espíritos*, a nada sequer parecido com a estética hindu de chacras físicos e espirituais.

---

<sup>66</sup> ALEIXO, Sergio F. O Primado de Kardec. Rio de Janeiro: ADE-RJ, 2011. [oprimadodekardec.blogspot.com.br](http://oprimadodekardec.blogspot.com.br)

Kardec a eles nunca recorreu.<sup>68</sup> Que a verdade seja uma só, não duvido. Mas convém se não misturem esses olhares distintos acerca da dita-cuja. Ressalto-o, pois muito se ouve espíritas, sobretudo médicos, dizerem que as obras de Chico Xavier/André Luiz estão comprovadas cientificamente. Ora; tais comprovações, assim supostas, devem ser informadas urgentemente às academias. Nenhuma atribuiu, até aqui, coisa alguma ao “corpo fisiopsicossomático” — recuso-me a chamar esse comboio silábico de perispírito. Conceito, por sinal, a elas completamente alheio. “Científica comprovação” para quem? Comunicada essa façanha às academias, finalmente o espiritismo alcançaria sua tão sonhada cidadania de ciência e deixaria de ser, para essas academias, o que tem sido desde seu nascimento estadunidense: uma pseudociência. Seria um fato a ser comemorado. Fico na torcida de espírita sincero. O mesmo quanto ao magnetismo animal, ou mesmerismo, outra pseudociência para as academias. Foi abandonado completamente. É importante para o espiritismo porque lhe emprestou seus modelos teóricos, sendo seu irmão mais velho. Kardec nunca lançou interdição às práticas magnéticas.<sup>69</sup> Era um magnetista. Não sendo certo que fosse magnetizador. Mas também não se sabe como eram utilizadas na sua Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

---

<sup>67</sup> ALEIXO, Sergio F. Que Espiritismo É o Nosso? Vol. II.

<sup>68</sup> Cf. cap. 15 deste trabalho: Perispírito.

<sup>69</sup> Em set/1865, em seu artigo sobre a mediunidade curadora, n. 4, diz Kardec: “(...) seria imprudência submeter-se à ação magnética do primeiro desconhecido. Abstração feita dos conhecimentos práticos indispensáveis, o fluido do magnetizador é como o leite de uma nutriz: salutar ou insalubre”. Quais são esses conhecimentos práticos julgados ali indispensáveis, senão os das técnicas mesmeristas? Isso, ressalto-o, ao magnetizador puro e simples, ao não espírita sobretudo, não já ao médium curador. Este pode tornar-se naquele primeiro se debaixo de assistência espiritual. Diz Kardec no n. 8: “(...) os médiuns curadores são todos mais ou menos magnetizadores, razão por que agem conforme os processos magnéticos (...)”. Ainda parece indispensável o domínio do mesmerismo. Contudo, finaliza o mestre no n. 12, deixando-nos na esteira do passe magnético entre os kardecistas de hoje: “O conhecimento dos processos magnéticos é útil em casos complicados, mas não indispensável. Como a todos é dado apelar aos espíritos bons, orar e *querer* o bem, muitas vezes basta impor as mãos sobre uma dor para a acalmar; é o que pode fazer qualquer pessoa, se trazer a fé, o fervor, a vontade e a confiança em Deus”.

Entendo que todo esse conceito mesmerista acabou reduzido por Kardec, no seu espiritismo, à ação do pensamento sobre os fluidos, relegada a papel secundário toda e qualquer gestualidade, que o gênio de nosso tempo deve instruir no melhor senso, evitando trejeitos ou toques abusivos, em face do que importa realmente: a qualidade do fluido emitido pelo magnetizador, encarnado, desencarnado, ou por ambos em acordo. Vale a leitura do cap. XIV de *A Gênese* e das *Revistas Espíritas* de abr-set/1865.<sup>70</sup>

De volta à suposta cartografia do mundo espírita, em ago/1863, o espírito do sr. Cardon, evocado por Kardec, reportou-lhe que vira o esplendor de “um céu” só possível aos sonhos, quando, em rápida excursão pelo “infinito”, percorreu “lugares etéreos”. E é tudo que de mais detalhado existe nas páginas kardecianas sobre o “além” e sua natureza. Cada um o imagina como quer. Mais intrigante é, sem dúvida, a declaração *sui generis* do espírito Mesmer publicada em mai/1865 e que, mal lida, empolga mais os que aguardam o mundo espiritual abrigando uma experiência, digamos, geofísica, semelhante à terrena; mas dura pouco essa alegria: “O mundo dos invisíveis é como o vosso. Em vez de ser material e grosseiro, é fluídico, etéreo, da natureza do perispírito, que é o verdadeiro corpo do espírito, haurido nesses meios moleculares, como o vosso se forma de coisas mais palpáveis, tangíveis, materiais. O mundo dos espíritos não é o reflexo do vosso; o vosso é que é uma imagem grosseira e muito imperfeita do reino de além-túmulo”. Claro e evidente que o nosso mundo é que é imagem grosseira e imperfeita do além-túmulo. Por lá, as coisas não se podem passar como por aqui: afinal, lá não se morre mais. E justo por essa razão, disse Kardec: “Há sensações que têm sua fonte no próprio estado de nossos órgãos. Ora; as necessidades inerentes ao nosso corpo não

---

<sup>70</sup> Abril: Poder curativo do magnetismo espiritual. Setembro: Mediunidade curadora.

podem ocorrer, desde que o corpo não existe mais. O espírito, portanto, não experimenta fadiga nem necessidade de repouso ou de nutrição, porque não tem nenhuma perda a reparar, como não é acometido por nenhuma de nossas enfermidades. As necessidades do corpo determinam as necessidades sociais que, para os espíritos, não mais existem, tais como as preocupações dos negócios, as discórdias, as mil e umas tribulações do mundo e os tormentos a que nos entregamos para garantirmos as necessidades ou as coisas supérfluas da vida”.<sup>71</sup>

Oras, o governador da cidade Nosso Lar se apoia num cajado de substância luminosa; manda irmãos a calabouços por crime de intercâmbio clandestino (contrabando) de carboidratos e proteínas, vícios de alimentação por lá; a turma tem sala de banho; acredita em almas gêmeas; paga ingresso em eventos, e de alto a baixo na escala espírita dependem de alimentação, donde haver pomares e fábricas de sucos; mas não só: também de utensílios e roupas, com a devida mão de obra que, assim, regenera milhões de espíritos. Tudo, menos kardecismo. Kardec ensina que há vida depois da morte; não que esta vida (que vivemos agora) continua depois dela. Diz Kardec sobre a ideia de vida depois da morte no Alcorão (Surata XXXVII, v. 39 a 47): “Sem dúvida se notará que os rios, as fontes, os frutos abundantes e as sombras aí representam grande papel, por faltarem sobretudo aos habitantes do deserto. Os leitos macios e as roupas de seda, para gente habituada a dormir no chão e vestida com grosseiras peles de camelo, também deviam ter grande atrativo. *Por mais ridículo que tudo isto nos pareça*, pensemos no meio em que vivia Maomé e não o censuremos muito, pois, com o auxílio deste atrativo, ele soube tirar um povo da barbárie e dele fazer uma grande nação”. E o que diria Kardec de *Nosso Lar* e cia.? — Não censuremos muito André Luiz e congêneres porque

---

<sup>71</sup> Revista Espírita. Abr/1859. Quadro da Vida Espírita.

assim trazem muitos católicos para o espiritismo? — Duvido. Kardec identificaria a inverossimilhança perante os princípios de suas obras fundamentais e diria que, embora coincida em certos pontos com a doutrina espírita, em sua maior parte está em contradição com os dados da ciência e o ensino geral dos espíritos, embora a relacionasse, decerto, no seu *Catálogo Racional de Obras para a Formação de uma Biblioteca Espírita*; porém com essa ressalva, como o fez a alguns livros, inclusos na categoria geral das “obras diversas sobre o espiritismo” e, nem por isso, obrigatoriamente “complementares da doutrina”.

Verdade que Kardec registrou, para legiões de espíritos, uma prolongação mista da vida terrena, uma vida intermediária, nem física nem propriamente espiritual. Esses dizeres, porém, roubados a seu contexto, não têm o condão de salvar as “reportagens” andreluizinas. Kardec, otimista, disse que os espíritas escapam naturalmente a essa condição intermediária. André Luiz parece não o desejar. Montou até uma cidade sobre o Rio de Janeiro para que se possa habitar confortavelmente por séculos de ilusão ainda das necessidades físicas. No entanto, não; não há correspondência entre a vida intermediária de Kardec, exclusivo fruto da persistência de interação com a vida corporal a que não se pertence mais, e a estada em cidades no além. A *Revista Espírita* de jun/1868 não permite dúvidas: “(...) deixando seu invólucro carnal, certos espíritos continuam a vida terrestre com as mesmas vicissitudes, durante um tempo mais ou menos longo. Isto parece singular, mas é, e a observação nos ensina que tal é a situação dos espíritos que viveram mais a vida material do que a vida espiritual, situação por vezes terrível, porque a ilusão das necessidades da carne se faz sentir, e se tem todas as angústias de uma necessidade impossível de satisfazer. O suplício mitológico de Tântalo, nos Antigos, acusa um conhecimento mais exato do que se supõe, do estado do mundo de

além-túmulo, sobretudo mais exato que entre os modernos. Sim, legiões de espíritos continuam a vida corporal com suas torturas e suas angústias. Mas quais? Os que ainda estão muito avassalados à matéria para dela se desprenderem instantaneamente. É uma crueldade do Ser Supremo? Não; é uma lei da natureza, inerente ao estado de inferioridade dos espíritos e necessária ao seu adiantamento; é uma prolongação mista da vida terrena durante alguns dias, alguns meses, alguns anos, conforme o estado moral dos indivíduos. (...) Aliás, não depende de cada um escapar a essa vida intermediária, que, francamente, nem é a vida material, nem a vida espiritual? Os espíritas a ela escapam naturalmente, porque, compreendendo o estado do mundo espiritual antes de nele entrar, imediatamente se dão conta de sua situação”.<sup>72</sup>

## **5. EVANGELIZAR.**

Educar é um processo muito amplo e complexo. São tantas as possibilidades... O centro espírita kardecista não consegue, hoje, sequer ensinar doutrina espírita codificada por Kardec, que dirá educar em sentido mais extenso, coisa que, por sinal, nem mesmo escolas e universidades fazem a contento todo o tempo. Não se trata, pois, de saber se educar é mais ou menos que evangelizar, ou se evangelizar é palavra exclusiva da Igreja romana. Trata-se de saber se a educação, para o espiritismo kardecista, está a dispensar o evangelho cristão. Segundo Kardec, a educação moral está acima da educação intelectual, da educação pelos livros, porque seria, antes de tudo, a arte de formar o caráter, inculcando a aquisição de hábitos.<sup>73</sup> A moral do espiritismo kardecista não é mais a moral de Jesus? O mais completo manual

---

<sup>72</sup> A morte do sr. Bizet, cura de Sétif - A fome entre os espíritos. Cf. também jun/1866: Visão retrospectiva das várias encarnações de um espírito – Sono dos espíritos.

<sup>73</sup> O Livro dos Espíritos, 685.

dessa moralidade não seria o exemplo de Jesus? Não seria ele, a fonte primeira da evangelização? Necessitariam os espíritas kardecistas, de uma palavra nova para um novo evangelho? Um novo Jesus? Mas espírito é palavra nova? Alma? Deus? Mesmo o vocábulo espiritismo, Kardec não o criou, adotou-o do inglês, afrancesando-o: **spirit/ism/e**. Espírito, em francês, é **esprit**, não **spirit**. O mestre foi, por isso, acusado de barbarismo.<sup>74</sup> Seria, portanto, agora, a ocasião de novo verbo, de não mais evangelizarmos, sim espiritismizarmos ou, pior, espiritificarmos? Ora; só a morte nos torna espíritos de fato; antes disso, somos mulheres ou homens.

Os evangelhos cristãos não são propriedade da Igreja romana. Evangelizar não é, necessariamente, catequizar. Para os adeptos do espiritismo kardecista, cuja doutrina mais não é que aplicação e desenvolvimento da doutrina do evangelho,<sup>75</sup> evangelizar, pois, será educar moralmente conforme Jesus, sempre mais que consoante Buda, Maomé, ou quaisquer outros, apesar do respeito que se lhes deve naquilo em que convirjam com o singular camponês judeu do mediterrâneo. Foi dito aos leitores de Kardec: “Vede Jesus”.<sup>76</sup> A moralidade dos evangelhos cristãos não será tudo na educação do ser espiritual. Mas que adiante seria se este se evangelizasse deveras. Que adiante, meu Deus! Porque estar evangelizado significa estar educado para o amor incondicional. Segundo Kardec, os espíritos são as vozes do céu, para esclarecer os homens e convidá-los à prática do evangelho. Nessa medida, também são eles, evangelizadores.<sup>77</sup> No

---

<sup>74</sup> O Que É o Espiritismo? Cap. 1: Espiritismo e espiritualismo.

<sup>75</sup> KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo, XXIV: 16: “O mesmo acontece com os adeptos do espiritismo, pois sendo a sua doutrina o desenvolvimento e a aplicação da doutrina do Evangelho, a eles também se dirigem essas palavras do Cristo. Eles semeiam na Terra o que colherão na vida espiritual: os frutos da sua coragem ou da sua fraqueza”.

<sup>76</sup> O Livro dos Espíritos, 625: “Voyez Jésus”.

<sup>77</sup> KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo. Introdução: I.

kardecismo, ninguém se educa moralmente sem se evangelizar; Jesus é seu guia e modelo.

## **6. JESUS DE NAZARÉ.**

Muito se fala em reforma íntima, interior. Que seja. A expressão, contudo, é insuficiente a propósitos demasiado transversais como os da doutrina espírita. Simples reformas não operam mudanças substantivas, cuja significação anime em definitivo o fomento de uma nova sensibilidade coletiva, que é, sem dúvida, a meta suprema do legado daquele camponês judeu do Mediterrâneo. Os ensinamentos e a vida de Jesus em tudo se distanciam desses simulacros comportamentais, de meras exibições de prosélito egocêntrico, que as religiões do oportunismo capitalista ousam chamar de conversões. Há que considerar os sentidos mais originários das falas daquele magnético iletrado de Nazaré, que se reportam a nossa mudança de mente, à passagem de nossos níveis de consciência a percepções mais apuradas do existir, mediante a compreensão da necessidade de enfrentarmos o coexistir segundo sua revolucionária proposta: devemos fazer aos demais aquilo que queremos nos façam.

Não há verdadeiro amor a Deus que não se faça amor ao próximo; do contrário, não haverá amor e, mais ainda: já não existirá Deus em qualquer cristão de fato. Para tanto, são precisos movimentos de grande profundidade no ser anímico, que o conduzam para além da face animal, da mecânica física e da aparência perispiritual, e lhe proporcionem surpreender-se nesse poder de constante transformação, fundamentalmente moral e espiritual, por influência de nossa identidade perene em sua incorruptível transcendência, de divina natureza. Todos somos filhos do Altíssimo! Esses movimentos de grande profundidade no espírito não se verificam de um momento inusitado para outro de simples capricho. A reencarnação é o processo

natural que opera essa transformação gradativa da consciência dos seres imortais, em âmbitos de especialíssimos estados, cada vez mais identificados com nossa filiação indissimulável, até que nos sobrevenha aquela plenitude definitiva, destinada às criaturas em sua realizável perfeição: a angelitude real, donde não se decai.

A providência mesma se nos manifesta. Dizem os espíritos-guias da doutrina espírita, que Jesus é o tipo mais perfeito que Deus nos ofereceu para guia e modelo.<sup>78</sup> Não se há de tratar de um guia cego, modelo ectoplásmico neodocetista, distante de nossas vidas precárias. Decerto conhece o caminho pelo qual nos enveredou com sua entrada neste mundo de sangue e água, pele e ossos. Veio para dar testemunho da verdade, e esta mais não era que a plenitude espiritual, sempre capaz de transformar, impactar também a vida terrena. No mundo teremos tribulações, mas tenhamos bom ânimo, pois o mestre é vitorioso nos sistemas de coisas pelo menos há milhões anos. Não se distraiu à margem da longa estrada; veio até nós para que a trilhemos com decisão. Conheceremos a verdade e esta nos tornará livres se permanecermos no Caminho daquele que encarnou o amor perfeito de todo o bem; daquele que assumiu para si que o que se faça ao menor de seus irmãos a ele mesmo estará sendo feito. Sim, ao menos uma vez, o mais simples foi visto como o mais importante, lembrando dizeres de saudoso poeta dos anos 1980, exaltada desse modo a lei de justiça, amor e caridade.

Para além disso, seria cristologia. Bem... Pastorino dizia que, sim, o “Pai” era só um espírito, o guia de Jesus; ele se baseia numa tradição de Hebreus e assevera que esse ser era o mítico Melquisedeque. Ramatis pensa mais ou menos o mesmo, que era o Cristo da Terra que inspirava o Galileu e, portanto, Jesus não era Cristo. Kardec não

---

<sup>78</sup> O Livro dos Espíritos, 625.

aceitou tais hipóteses e, já em 1863, criticou um padre por este ter de Jesus uma visão de simples criatura em provação, necessitada dos sofrimentos para atingir sua glória espiritual, que ele, Kardec, supunha já conquistada antes de sua vinda ao mundo. A verdade? Não sei. Kardecista, tendo a pensar com Kardec as questões exclusivamente espirituais. Mas não cegamente. Kardec não podia saber mais sobre isso que qualquer teólogo. Valer-me do fato de sua inspiração pelo Espírito da verdade é novo dogma de fé. Serve para mim. Eu creio. Todavia, cada um na sua e sempre com alguma coisa em comum, lembrando aquela antiga propaganda de cigarros.

As tradições não são pacíficas. Até Jesus teria precisado de uma forcinha angelical segundo Lucas. Mesmo o Espírito da verdade a menciona no **best-seller** da codificação espírita.<sup>79</sup> E Kardec? Em *A Gênese*, diz que só de Deus vinham inspirações a Jesus, por ser um espírito puro. Precisaria, pois, nessa condição, da inspiração de um semelhante, dado que, segundo ainda o mestre espírita, Jesus, mesmo num corpo físico, **ipsis verbis**: “dominava de modo absoluto a matéria”? Ainda que sem se referir àquela tradição diretamente, certo que essa opinião kardeciana a inviabiliza. Noutro flanco, seu Estudo da Natureza do Cristo, em *Obras Póstumas*, utiliza a tradição de sofrimento no famoso horto das Oliveiras para ressaltar a humanidade de Jesus em contraposição à sua proclamada divindade. Nesse viés, já lhe interessou um domínio, digamos, menos absoluto da matéria do corpo de Cristo. A crença é que decide. Sempre. E sequer há o que perdoar nisso. Humano, demasiadamente humano.

---

<sup>79</sup> O Evangelho segundo o Espiritismo, VI, 6: “Venho instruir e consolar os pobres deserdados. Venho dizer-lhes que elevem a sua resignação ao nível de suas provas, que chorem, porquanto a dor foi sagrada no Jardim das Oliveiras; mas que esperem, pois que também a eles os anjos consoladores lhes virão enxugar as lágrimas”. (Cf. Lucas 22:43.)

Fundamental recuperar essa dimensão em Jesus. Ora; o texto correto da bíblia é: “Devolvei a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. De Deus, para os judeus daquele contexto histórico, era a terra que lhes fora expropriada pelo conquistador romano. Jesus, pois, como qualquer judeu, queria sua terra livre de invasores. E deixou, pacificamente, bem dado o recado. Este Jesus, porém, foi aclimatado, uma desjudaização proporcional a sua europeização, que o transformou no meigo rabi de um reino exclusivamente espiritual, erigido sobre uma fuga da vida terrena quando, na verdade, a própria Terra é recompensa prometida aos pacificadores. A doutrina espírita, igualmente, ensina uma articulação de evoluções, espiritual e material. É contra isso que nosso atual tipo de sociedade e seus meios de produção e acumulação se colocam flagrantemente. Urge reconhecê-lo. Tudo mais é aquiescer e capitular. Seja teu falar sim, sim; não, não. Porque não se pode servir a dois senhores; a Deus e às riquezas. O capitalismo estampa no seu nome a quem serve.

### **7. O ESPÍRITO DA VERDADE.**

No francês: **P'esprit de vérité**; ou seja, o espírito portador da verdade. Kardec repeliu ser essa a qualificação dos espíritos superiores; que eles se proclamariam assim. Tal condição, no caso deles, abrigaria orgulho e induziria a erro se literalmente considerada. Nenhum espírito, mesmo superior, poder-se-ia arrogar a verdade, a santidade absolutas, só peculiares aos puros. A referida qualificação, para Kardec, pertenceria a um único ser; seria nome próprio expresso no evangelho; espírito que raramente se comunicaria com os homens.<sup>80</sup> Dizer-se o espírito da verdade somente não tipificaria empáfia disfarçada nesse caso especificado pelo mestre. Por quê? Está claro. Kardec acreditava que essa entidade fora mesmo Jesus quando

---

<sup>80</sup> Revista Espírita. Jul/1866: Qualificação de santo aplicada a certos espíritos.

esteve na Terra; razão pela qual o tratou por **l'Esprit de vérité**,<sup>81</sup> atribuindo a presidência da regeneração planetária, ora ao camponês judeu do Mediterrâneo, ora a **l'Esprit de Vérité**.<sup>82</sup> Perguntará, o leitor: — Maiúsculas ou minúsculas? — Direi que ambas se alternam nos originais franceses; da *Revista Espírita*, inclusive. A primeira menção preposicionada foi: **l'Esprit de vérité**;<sup>83</sup> já ao assumi-lo como guia, Kardec escreveu: **mon guide spirituel: l'Esprit de Vérité**;<sup>84</sup> sendo raras, mas também encontradas: **l'esprit de Vérité, l'esprit de vérité**.<sup>85</sup> Nesta altura, o leitor inquirir: — Será espírito **de** verdade, ou **da** verdade? — No português, os substantivos devem ser determinados por artigos às vezes. Por exemplo: Um amigo **de** verdade é também um amigo **da** verdade. E se vê que são coisas distintas. O que se quer, pois, não é dizer que o espírito é **de** verdade, mas **da** verdade, em função de ser um portador dela.

Sabe-se que a 25/3/1856, escreveu-se a Kardec: — **Por toi, je m'appellerai La Vérité**: Para ti, chamar-me-ei A Verdade. — E a 12/6/1856, uma missão foi-lhe confirmada pelo **Esprit Vérité**: Espírito Verdade;<sup>86</sup> locução, pois, não preposicionada, a originar-se de substantivo determinado e simples, cuja publicidade Kardec só fez exarar em jun-jul/1858.<sup>87</sup> Começou, então, um hiato de 17 meses. E a

---

<sup>81</sup> O Livro dos Médiuns, 48.

<sup>82</sup> O Evangelho segundo o Espiritismo, I: 7; A Gênese, I: 42.

<sup>83</sup> Revista Espírita. Dez/1859: Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. (25/11/1859. Sessão geral.)

<sup>84</sup> Revista Espírita. Nov/1861: Banquete oferecido pelos espíritas bordeleses ao sr. Allan Kardec. Discurso e brinde do Sr. Allan Kardec.

<sup>85</sup> Revista Espírita. Jun/1862: Conversas familiares de além-túmulo. Sr. Sanson. Terceira conversa, n. 13: "**l'esprit de Vérité**". Fev/1867: Dissertações espíritas. A Clareza: "**l'esprit de vérité**".

<sup>86</sup> Obras Póstumas.

<sup>87</sup> Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas [jun/1858]. Cap. II. Das manifestações espíritas. Manifestações espontâneas: "Tendo interrogado esse espírito, ele se deu a conhecer sob um nome alegórico. (Vim a saber posteriormente, através de outros espíritos, que é o de um ilustre filósofo antigo)". [Revista Espírita. Jul/1858: Conversas familiares de além-túmulo. O tambor de Beresina.] Atente-se à nota de Kardec sobre o nome de seu guia, antes omitido no

partir de dez/1859, todas as menções a esse espírito se tornaram preposicionadas, afora uma. De início, **La Vérité, Esprit Vérité**; depois, **P'Esprit de vérité**. Do alegórico ao profético. Mas nem por isso há conflito. Pelo menos não nas psicografias obtidas na localidade de Passy, a 20/12/1861, pela médium sra. Dozon. Ali, o recém-morto sr. Jobard declara que nada responderá sem **P'Esprit de vérité**, o qual, ato contínuo, informa-lhe haver sido de Kardec o pedido da evocação. Adiante, o sr. Jobard diz que o mais esclarecido dos espíritas fora inspirado por **LA VÉRITÉ**, quem assina o esclarecimento da mensagem seguinte, sobre o porquê da partida precoce do recém-morto, uma insólita reedição metafísica do mito de Ícaro: “Não vades mais longe”.<sup>88</sup> No latim de S. João, em 14,17: **Spiritum veritatis**; 16,13: **Spiritus veritatis**; 15,26: **spiritum veritatis**;<sup>89</sup> no grego: **tò pneuma tês alêtheias**.<sup>90</sup> Nas escrituras, sempre o caso genitivo; portanto, preposicionado no português. Sim, nessa medida, o Espírito é **da** verdade, e não **a** Verdade.<sup>91</sup> Como quer que seja, não resta prejudicado o fato espiritual de que se trata de um ser elevadíssimo; no dizer de Kardec, ser espiritual que preside a doutrina espírita e a regeneração planetária. Tudo indica que o discípulo de Pestalozzi acreditou que esse espírito fora, na Terra, Jesus;<sup>92</sup> segundo a tradição joanina, por sinal, justamente ele, o caminho **da** verdade.<sup>93</sup>

---

Instruções Práticas: “O espírito familiar da casa deu-se a conhecer sob o nome alegórico de a **Verdade**”. (No fr.: le nom allégorique de la **Vérité**.)

<sup>88</sup> Revista Espírita. Mar/1862: Conversa de Além-Túmulo. Sr. Jobard. Entrevista: Passy, 20/12/1861. Médium: sra. Dozon.

<sup>89</sup> Bíblia Sacra, Vulgatæ Editionis, Parisiis, 1838, p. 826/28.

<sup>90</sup> PASTORINO, C. T. Sabedoria do Evangelho. 8.º Vol., p. 15.

<sup>91</sup> Silvino Canuto Abreu, contrariando Kardec, insistia na forma não preposicionada. (O Primeiro Livro dos Espíritos de Allan Kardec. Revista dos Tribunais Ltda. & Companhia Editora Ismael, abr/1957.)

<sup>92</sup> O Livro dos Médiuns, 48; O Evangelho segundo o Espiritismo, I: 7; A Gênese, I: 42.

<sup>93</sup> PASTORINO, C. T. Sabedoria do Evangelho, vol. 1º, introdução, pp. XII/XIII: “(...) existem frequentes hendiades (...) duas palavras unidas pela conjunção ‘e’, em vez de o serem pela

Uma única aparente contradita — entre parêntesis, além disso — estaria na segunda obra espírita por Kardec publicada e, por ele, jamais reeditada, em que se lê: “Tendo interrogado esse espírito, ele se deu a conhecer sob um nome alegórico. (Vim a saber posteriormente, através de outros espíritos, que é o de um ilustre filósofo antigo)”.<sup>94</sup> Especulam-se candidatos. Máxime, entre os desagradados da correspondência em geral aceita entre Verdade e Espírito da verdade. Suscitam, pois, resolução no nome de Sócrates. Porém, sua assinatura ladeia a do próprio Espírito da verdade no encerramento dos emblemáticos **prolégomènes** d’*O Livro dos Espíritos*, subscrições publicadas na segunda edição da obra, assim: “SAINT JEAN L’ÉVANGÉLISTE, SAINT AUGUSTIN, SAINT VICENT DE PAUL, SAINT LOUIS, L’ESPRIT DE VÉRITÉ, SOCRATE, PLATON, FÉNELON, FRANKLIN, SWEDENBORG, ETC., ETC.”<sup>95</sup> A mim, de perfeito arremate, servem-me os justos epítetos, ao iletrado camponês do Mediterrâneo, atribuídos pelo prof. Burton L. Mack. Estudioso do evangelho perdido, mas reconstituído, chamado Q, Mack esclarece que Jesus não era visto pelos discípulos como cristo, i. e., filho de Deus, sim como mestre e líder contracultural, verdadeiro Sócrates judeu, diz o historiador de Claremont, Estados Unidos.<sup>96</sup> Nada a dever, portanto, a qualquer ilustre filósofo antigo e, assim, só mesmo a condição a que o próprio Kardec o alçou: **l’Esprit**

---

preposição: ‘ressurreição e vida’ por ‘ressurreição da vida’; ‘o caminho e a verdade e a vida’, por ‘o caminho da verdade e da vida’, etc.” (Também vol. 8º, pp. 6/11.)

<sup>94</sup> Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas [jun/1858]. Cap. II: Das manifestações espíritas. Manifestações espontâneas. Obs.: Anote-se, ainda, a impressão de Kardec sobre a ação de seu guia: “(...) esse espírito jamais me deixou. Deu-me inúmeras provas de grande superioridade e sua intervenção benévola e eficaz me foi manifesta tanto nos negócios da vida material quanto no que se refere às coisas metafísicas”.

<sup>95</sup> Paris, mar/1860. A primeira edição é de abr/1857.

<sup>96</sup> The Lost Gospel, 1993.

**pur par excellence,**<sup>97</sup> **un Messie divin,**<sup>98</sup> poderia tornar-se obstáculo à compatibilidade entre **Esprit Vérité** e **Esprit de vérité**; entre filósofo-profeta e Messias; ou seja, no fim de contas, entre espírito superior e puro espírito. A historiografia contemporânea nos levaria a convergir para a primeira hipótese. Escreve Reza Aslan: “O problema para a Igreja primitiva é que Jesus não se adaptava a qualquer dos paradigmas messiânicos oferecidos pela Bíblia Hebraica, nem cumpria uma única exigência que fosse esperada do messias”.<sup>99</sup>

### 8. GUIA DE KARDEC: JESUS?

A tradição joanina do evangelho cria que Jesus iria enviar o Paráclito (Consolador), o Espírito da verdade, o Espírito santo.<sup>100</sup> Para Kardec, referência profética ao espiritismo, à terceira revelação.<sup>101</sup> Querem alguns, porém, que isso inviabilize o fato de o seu guia espiritual, quando encarnado, haver sido o próprio Jesus. Não faria sentido, segundo eles, que Jesus houvesse prometido enviar a si mesmo. A primeira inconsistência dessa opinião é exigir da linguagem bíblica significados assaz precisos, por lógica de exclusão mais aplicável a ciências exatas. O segundo ponto falho é que a referência profética, para Kardec, é à doutrina espírita, ali personificada no

<sup>97</sup> O Livro dos Médiuns, XXXI:9. Revista Espírita. Jun/1863: Algumas refutações: “um espírito puro, enviado à Terra com missão divina”.

<sup>98</sup> A Gênese, I: 41: “não é simplesmente um filósofo”; XV: 2: “seria mais do que um profeta”.

<sup>99</sup> Zelota. A vida e a época de Jesus de Nazaré. 11. Quem vós dizeis que eu sou? Trad.: Marlene Suano. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

<sup>100</sup> Cap. 14, vv. 16, 17 e 26: “Et ego regabo Patrem, et alium **Paracletum** dabit vobis, ut meneat vobiscum in aeternum. **Spiritum veritatis**, quem mundus non potest accipere (...) **Paracletus** autem **Spiritus sanctus**, quem mittet Pater in nomine meo, ille vos docebit omnia, et suggeret vobis omnia, quaecumque dixerit vobis.” Cap. 15, vv. 26: “Cum autem venerit **Paracletus**, quem ego mittem vobis a Patre, **spiritum veritatis**, qui a Patre procedit, ille testimonium perhibebit de me (...)”. Cap. 16, vv. 13: “Cum autem venerit ille **Spiritus veritatis**, docebit vobis omnem veritatem (...)”.

<sup>101</sup> Revista Espírita. Mar/1861. Dissertações Espíritas. A lei de Moisés e a lei do Cristo. Set/1861. Dissertações Espíritas. Um espírito israelita aos seus correligionários. O Evangelho segundo o Espiritismo, I e VI; A Gênese, I: 20.

Consolador; nada obstante à existência de um espírito que assumiu a ele o nome alegórico de Verdade, interpretação que o símbolo, polissêmico, permite numa lógica inclusiva. A terceira dificuldade é que essa opinião desconsidera o fato de que a tradição de João também atribui a Jesus as seguintes ditas, em 14,18: “não vos deixarei órfãos; tornarei a vós”; em 16,7: “é conveniente para vós que eu vá porque, se não for, o paráclito não virá a vós; mas se eu for, eu vo-lo enviarei”; em 16,12: “tenho ainda muitas coisas a vos dizer, mas não podeis compreendê-las agora”; em 16,25: “eu vos disse estas coisas em parábolas; hora há de vir entretanto em que não vos falarei mais por parábolas, mas abertamente vos falarei do Pai”.<sup>102</sup> Essas palavras da tradição joanina convidam ao entendimento de que, sim, o próprio Jesus, mais tarde, encarregar-se-ia de ensinar aquilo que não pudera quando esteve encarnado. A isso respondem que o próprio Kardec teria negado ser Jesus a identidade terrena do seu guia espiritual. Será? De fato, Kardec argumenta que, se um outro Consolador seria enviado por Jesus, não deveria ser esse Consolador o próprio Jesus;<sup>103</sup> e, aparentemente, mal arremata que, do contrário, o Nazareno teria dito: “Voltarei para completar o que vos tenho ensinado”.<sup>104</sup> Mas a tradição pôs, sim, na boca de Jesus, a fala reclamada; e não só Kardec não a ignorava, como já a comentara havia dois parágrafos apenas.<sup>105</sup>

---

<sup>102</sup> Novo Testamento. Versão da vulgata por D. Vicente M. Zioni. São Paulo: Paulinas, 1975.

<sup>103</sup> Leciona o prof. C. T. Pastorino: “O termo paráklêtos é vulgarmente transliterado ‘paráclito’ ou ainda ‘paracleto’; ou é traduzido como ‘consolador’, ‘advogado’ ou ‘defensor’. Examinando-o, vemos que é formado de pará(ao lado de, junto de) e de klêtos do verbo kalêô (chamar). Então, paráklêtos é aquele que é ‘chamado para junto de alguém’: o ‘evocado’. A melhor tradução literal é ‘advogado’, que deriva do latim advocatus (formado de vocatus, ‘chamado’ e ad, ‘para junto de alguém’). (...) O sentido de paráklêtosé mais passivo que ativo: não exprime aquele que toma a iniciativa de defender-nos, mas sim aquele que nós chamamos ou evocamos ou invocamos para permanecer junto de nós”. (Sabedoria do Evangelho, 8.º vol., O Advogado.)

<sup>104</sup> A Gênese, XVII: 39.

<sup>105</sup> A Gênese, XVII: 37.

Tudo reside no fato de que Kardec não afirmou que o Espírito da verdade não era Jesus; Kardec afirmou, isto sim, que o Consolador não era Jesus. Porque os considerou distintos. Em que sentido, então, Kardec escreveu que Jesus teria indicado claramente que esse Consolador não era ele mesmo, em pessoa? Ora; leia-se o escrito kardeciano por completo, não apenas a sua primeira terça parte.<sup>106</sup> O mestre espírita disse que a eterna estada entre nós, desse Consolador, não poderia se referir a uma individualidade encarnada; sim, a uma doutrina. Foi quando Kardec bifurcou sua exegese e asseverou que o Consolador era a personificação de uma doutrina soberanamente consoladora, cujo inspirador seria o Espírito da verdade.<sup>107</sup> Coisas, portanto, algo diversas, embora ligadas. Se a tradição de João sugere Jesus a dizer que, sim, voltaria para completar seu ensino; se isso foi antes reconhecido por Kardec, uma de três: a) Kardec se contradisse depois de escrever apenas dois parágrafos; b) houve erro de revisão; c) ele quis evidenciar que Jesus não completaria seu ensino como individualidade encarnada, mas inspirando uma doutrina consoladora, de modo espiritual. O pedagogo pestalozziano distinguiu ensino doutrinário (o Consolador) e seu maior inspirador e presidente espiritual (o Espírito da verdade). Kardec, pois, tinha razão em dizer que o Consolador não era Jesus, porque era a doutrina espírita. Sem embargo, todavia, do envolvimento espiritual daquele que, na Terra, fora Jesus de Nazaré, agora sob o nome Espírito da verdade. Já lembrei que Kardec chamou Jesus de Espírito da verdade; afirmou que o espiritismo é obra do camponês judeu do Mediterrâneo e que este — sendo o Espírito da verdade — é presidente da doutrina e da

---

<sup>106</sup> A Gênese, XVII: 39.

<sup>107</sup> A Gênese, XVII: 39.

regeneração planetária.<sup>108</sup> Publicou sem reparos mensagem de Hahnemann revelando que o Espírito da verdade dirige este globo;<sup>109</sup> de Erasto, a tratar o Espírito da verdade por nosso bem-amado mestre;<sup>110</sup> sem deixar, por fim, de registrar, sobre parte das comunicações assinadas Espírito de verdade, que, apesar de recebidas por diversos médiuns, em épocas distintas, há entre elas notável semelhança de tom, de estilo e de pensamentos, indicando uma origem única.<sup>111</sup>

### 9. SEQUÊNCIA PROFÉTICA.

A verdade é universal e sua espiritualidade, evidente; entretanto Jesus parece tê-la demonstrado. Bem se costuma dizer que ele matou a morte e Kardec assinou-lhe o atestado de óbito. Houve muitas revelações. Mas, **a priori**, infensas à noção de processo, caminho natural da razão, mesmo nos domínios do espírito. Essa noção exulta no complexo civilizatório judaico-cristão, nas suas revelações concatenadas, em que, segundo admite o espiritismo, uma etapa anuncia e prepara a outra. Alguns querem que o islamismo seja considerado uma fase desse complexo. Mas como? A influência de Jesus deu origem à tradição do seu novo mandamento, que corresponde não mais a amarmos o próximo como a nós mesmos, e sim mais ainda do que a nós, ao ponto da abnegação, do sacrifício, pois ninguém possuiria amor maior do que quem entrega a própria vida pelos seus amigos.<sup>112</sup> Aperfeiçoando assim a antiga lei mosaica, a herança de Jesus foi selada com seu martírio pessoal. Que fez Maomé? E já 600 anos depois? Conduziu tribos idólatras à crença no Deus

---

<sup>108</sup> Cf. cap. 7 deste trabalho: O Espírito da verdade.

<sup>109</sup> Revista Espírita. Jan/1864: Um caso de possessão.

<sup>110</sup> Revista Espírita. Out/1861: Epístola aos espíritas lioneses.

<sup>111</sup> Revista Espírita. Dez/1864: Comunicação espírita.

único dos patriarcas; deu-lhes identidade: o que Moisés fizera aos hebreus 2000 anos antes do fundador do islã.

A lei mosaica, admite-o a tradição, anuncia um messias; este, por sua vez, promete o Espírito da verdade. Onde o islã nisso? No seu desejo de retorno a Abraão e ao seu Deus único? Tem mais a dizer ao catolicismo e seus congêneres; porque, para o espiritismo, Deus é a inteligência suprema e a causa primária de todas as coisas, jamais um ser humano deificado num dogma incompreensível. Nem por isso nos consideremos tão distantes assim do islã. Segundo Kardec: “Tendo suas raízes no antigo e no novo testamento, o islamismo é uma derivação deles. Pode-se considerá-lo como uma das numerosas seitas nascidas das dissidências que surgiram desde a origem do cristianismo, no que respeita à natureza do Cristo”.<sup>113</sup> Maomé, dizem-no, declarou-se o selo dos profetas. **Nec plus ultra!** Todo respeito a essa doutrina de santa disciplina, legítima em sua providência divina, mas revelação que não se pode enquadrar nesse esquema progressivo de Kardec: Moisés, Jesus, espiritismo. Sim; foi o mestre que acolheu a notícia da existência desse sequenciamento judaico-cristão-espírita, psicografia do sr. Rodolphe R., médium judeu de Mulhouse. Era 1861. Com direito a exegese neotestamentária do quarto evangelho e a mensagens espirituais de aclamação, Kardec veio a consolidar a tese das três revelações em 1864, no **best-seller** *O Evangelho segundo o Espiritismo*,<sup>114</sup> bem como, depois, em *A Gênese*, de 1868.<sup>115</sup> Ainda assim, ele nunca deixou de apostar no espiritismo como elo possível de uma vindoura fusão religiosa, uma religião universal, a despeito de ter sido dito ao

---

<sup>112</sup> João 13:34-35.

<sup>113</sup> Revista Espírita. Ago-Set/1866: Maomé e o Islamismo.

<sup>114</sup> Cap. VI: O Cristo Consolador, e cap. I: Não vim destruir a lei.

<sup>115</sup> Cap. I, n. 20 e ss.

mesmo médium judeu que milhares e milhares de gerações ainda não a veriam na Terra.<sup>116</sup>

## 10. ECUMENISMO.

O mestre espírita postulava que “a unidade se fará em religião, como já tende a fazer-se socialmente, politicamente, comercialmente, pela queda das barreiras que separam os povos.”<sup>117</sup> Não deixou, pois, de expressar perspectiva ecumênica, universalista, ou como preferirem. Balizou-a ao dizer qual seria a melhor de todas as religiões e, depois, manteve-se nessa rota, detalhando-a: “(...) a melhor de todas as religiões é aquela (...) que procura melhor combater o egoísmo e lisonjear menos o orgulho e a vaidade dos homens; aquela (...) em nome da qual se comete menos mal, porque uma boa religião não pode servir de pretexto a nenhum mal; ela não lhe deve deixar porta alguma aberta, nem diretamente, nem por interpretação.”<sup>118</sup> — “(...) a religião que terá de congregar um dia todos os homens sob o mesmo estandarte será a que (...) for a emancipadora da inteligência, com o não admitir senão a fé racional; aquela cujo código de moral seja o mais puro, o mais lógico, o mais de harmonia com as necessidades sociais, o mais apropriado, enfim, a fundar na Terra o reinado do bem, pela prática da caridade e da fraternidade universais”.<sup>119</sup>

Percebe-se que as balizas dessa perspectiva ecumênica de Kardec não demarcam limites puramente morais; fincam-se em terreno filosófico e mesmo científico, distinguindo enfaticamente a importância da marcha progressiva da humanidade e das necessidades sociais para esse processo unificador. O mestre, não custa lembrá-lo,

---

<sup>116</sup> Revista Espírita. Mar/1861: Dissertações espíritas. A lei de Moisés e a lei do Cristo. Set/1861: Dissertações espíritas. Um espírito israelita aos seus correligionários.

<sup>117</sup> A Gênese, XVII: 32. Cf. O Céu e o Inferno. Primeira parte. Cap. I, n. 14.

<sup>118</sup> O Que É o Espiritismo? Cap. I. Terceiro diálogo.

apresentara o espiritismo como “o mais potente auxiliar da religião”,<sup>120</sup> na medida em que “a missão do espiritismo é combater a incredulidade pela evidência dos fatos, reconduzir a Deus os que o desconheciam, provar o futuro aos que criam no nada.”<sup>121</sup> O resultado, porém, foi que a Igreja lançou ferozes anátemas sobre aqueles a quem o espiritismo dava fé e, paradoxalmente, mais ainda do que quando muitos desses em nada criam. Segundo Kardec, ao repelir os que acreditavam em Deus e na alma pelo espiritismo, a Igreja os constringia a buscarem refúgio fora de si mesma. Algo descontente com a situação, o mestre não hesitou em vaticinar com acerto: “Se algum dia [o espiritismo] tornar-se uma religião, é o clero que o terá provocado”.<sup>122</sup>

Sempre montado numa razoabilidade granítica, Kardec estabeleceu mais tarde: “Uma religião que não estivesse, por nenhum ponto, em contradição com as leis da natureza, nada teria que temer do progresso e seria invulnerável”.<sup>123</sup> Poderia ser o espiritismo? Kardec nunca o afirmou com todas as letras. Por outro lado, sua perspectiva francamente ecumênica funda-se em balizas fixadas justamente pelo espiritismo a princípio, e que, para o mestre, equivaleriam a um credo, mesmo a uma religião e, ainda assim, conciliável com qualquer culto, na medida em que garantiria: 1) a liberdade de os espíritas permanecerem em seus cultos, caso os tivessem; 2) a unidade entre esses espíritas a despeito de suas diferentes situações; 3) uma futura adesão do gênero humano a esse credo pela força mesma das coisas, culminando na sonhada fusão, num ecumenismo irrestrito alheio a

---

<sup>119</sup> A Gênese, XVII: 32.

<sup>120</sup> O Livro dos Espíritos, 148.

<sup>121</sup> Revista Espírita. Jul/1864: Reclamação do abade Barricand. F.E.B., p. 270.

<sup>122</sup> Revista Espírita. Jul/1864: Reclamação do abade Barricand. F.E.B., p. 270.

<sup>123</sup> A Gênese, IV: 10.

qualquer tipo de ingerência, sendo a revelação espírita o ponto de ligação de todos os cultos.<sup>124</sup> É o que se depreende de seu último discurso, no qual, após elencar aquelas balizas, concluiu: “(...) eis o *Credo, a religião do espiritismo*, religião que pode conciliar-se com todos os cultos, isto é, com todas as maneiras de adorar a Deus. É o laço que deve unir todos os espíritas numa santa comunhão de pensamentos, esperando que ligue todos os homens sob a bandeira da fraternidade universal”.<sup>125</sup> Que credo seria esse com o poder de unir, num primeiro momento, os diferentes espíritas e, **a posteriori**, mesmo toda a humanidade? Quais as balizas dessa perspectiva ecumênica de Allan Kardec? Foram assim consolidadas poucos meses antes do seu decesso: “Crer num Deus Todo-Poderoso, soberanamente justo e bom; crer na alma e em sua imortalidade; na preexistência da alma como única justificação do presente; na pluralidade das existências como meio de expiação, de reparação e de adiantamento intelectual e moral; (...) esforçar-se cada dia para ser melhor que na véspera, extirpando toda imperfeição de sua alma; submeter todas as crenças ao controle do livre-exame e da razão, e nada aceitar pela fé cega; respeitar todas as crenças sinceras, por mais irracionais que nos pareçam, e não violentar a consciência de ninguém; ver, enfim, nas descobertas da ciência, a revelação das leis da natureza, que são as leis de Deus”.<sup>126</sup>

Utopia? Quem o saberá ao certo? Mas o fato é que muito diverge do que, mediante falas mansas e bem calculadas, vem sendo proposto por ávidos candidatos a condutores dessa fusão religiosa, os quais, na verdade, ambicionam que seus velhos dogmas permaneçam infensos a

---

<sup>124</sup> A Gênese, I: 45.

<sup>125</sup> Revista Espírita. Dez/1868. Sessão anual comemorativa do Dia dos Mortos.

<sup>126</sup> Revista Espírita. Dez/1868. Sessão anual comemorativa do Dia dos Mortos.

qualquer revisão e, a despeito desse engodo, ainda mereçam a adesão da maioria. Espíritas empolgados com o novo bispo de Roma deveriam atentar aos marcos da perspectiva ecumênica kardeciana antes de se renderem aos inegáveis encantos pessoais de Sua Santidade o Papa Francisco. Só haveria motivos de um tão grande entusiasmo se o sucessor de Pedro deixasse de apenas dizer aquilo que, no momento, não só é conveniente, mas vital à sua Igreja imersa no escândalo e, avançando, anunciasse profunda revisão dos dogmas ancestrais, hoje insustentáveis, aproximando-se, quem sabe, do credo por Kardec expresso. Afora isso, nada se afigura tão elogiável, porquanto falas mansas e mesmo atos de benevolência podem servir de disfarce a novíssimas contrarreformas, a invasivas catequeses que tenham neles o necessário passaporte, a inconfessa e sedutora senha para almejada conquista massiva de incautas adesões. Irmãos espíritas! Não nos esqueçamos de que Sua Santidade chefia os herdeiros imperiais de Constantino e do anátema de Niceia, grave distintivo da fé católica. E nós? Viemos sustentar francas heresias, as quais já foram cristianismos em passadas eras, e que Roma tentou apagar com todas as forças do seu fanatismo; ressurgiram, todavia, das cinzas da própria morte, pela reencarnação e pela comunicação mediúnica por vezes dos perseguidos e supliciados, a reivindicarem seu direito à verdadeira herança de Jesus Nazareno, a fim de que seja mais prontamente compartilhada com os que dela necessitam, agora sem os vícios peculiares àqueles antigos entraves corporativos. E eis aí a doutrina dos espíritos, a portentosa obra de Allan Kardec.

Todavia, há esperança para Roma. Tudo pode melhorar. Em face de certas correntes do pensamento teológico, mais plausíveis a seu ver e que pareciam tomar vulto em seu tempo, sobretudo contra a eternidade e a materialidade das penas após a morte, Kardec chegou a

dizer que, sem o suspeitar, a Igreja marchava em direção ao espiritismo, sendo essa uma verdade a ser mais tarde constatada.<sup>127</sup> Mesmo no seu herético estudo sobre a natureza do Cristo,<sup>128</sup> onde nega, em nome das escrituras, que o Nazareno haja sido Deus, não deixa Kardec de observar que tais discussões, sempre estabelecidas de forma alheia aos fatos, só levaram ao cansaço e, pior, à incredulidade, afastando muita gente da “parte mais essencial do ensino do Cristo, a única que podia garantir a paz para a humanidade.” Ao final desse escrito, Kardec relaciona, perspicaz, uma tendência de retorno “às ideias fundamentais da Igreja primitiva e à parte moral dos ensinamentos do Cristo, por ser a única que pode tornar melhores os homens.” Para ele, se a Igreja tivesse seguido esse caminho, não estaria atingida pelo descrédito nem seccionada. A menção a esse direcionamento conta cerca de século e meio. Concretizou-se na teologia da libertação? Como quer que haja sido, desejamos o melhor à Igreja de Roma e ao seu Papa. Nossos corações estão abertos; mas, de forma nenhuma, fechados os nossos olhos.

## **11. RELIGIÃO FILOSÓFICA.**

Na primeira matéria da *Revista Espírita* de dez/1868, que traz seu último discurso à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, por ele fundada havia onze anos, Kardec diz que, sim, no sentido filosófico: comunhão de pensamentos, sentimentos, princípios e crenças, o espiritismo é uma religião; ao mesmo tempo em que esclarece que não o é na acepção usual do termo: liturgia, culto, forma. Defendido pelo presidente espiritual da SPEE, São Luís, e por seu presidente físico, Allan Kardec, o espiritismo é o cristianismo da Idade moderna, apropriado ao desenvolvimento da inteligência e isento dos

---

<sup>127</sup> Revista Espírita. Jul/1864. A religião e o progresso.

<sup>128</sup> Obras Póstumas. Segunda parte.

abusos.<sup>129</sup> Para o mestre, a doutrina é inseparável das ideias religiosas, principalmente das cristãs, sendo a negação dessas ideias uma igual negação do espiritismo; o cristianismo, tal qual saiu da boca de Jesus, e apenas tal qual dali saiu, é invulnerável, porque lei de Deus.<sup>130</sup> Sob tal ótica, o espiritismo só não seria uma religião se o próprio cristianismo não o fosse. Mediante a sensitiva srta. Japhet, em Paris, aos 30/4/1856, houve a primeira revelação da tarefa espiritual do professor Kardec. Por psicografia mediata, foi-lhe dito que, sim, deixaria de haver religião, mas uma se faria necessária, verdadeira, grande, bela e digna do Criador; que, justo aí, estava a sua missão: evidenciar a religião natural, que parte do coração diretamente a Deus, como psicografado a 15/4/1860 acerca do futuro do espiritismo, em Marselha, pelo médium sr. Brion Dorgeval.<sup>131</sup> Quando Kardec nega ser o espiritismo uma religião, o faz, pois, ao sentido litúrgico, que remete a igrejas constituídas, sacerdócios organizados; nega, desse modo, tão só a acepção usual do termo, se aplicada ao espiritismo. Roustaing, Bezerra de Menezes, Emmanuel e todo séquito de jesuítas d'além-túmulo fizeram dele um catolicismo com reencarnação e mediunidade, uma igreja reformada, o que nada tem a ver com o cristianismo da Idade moderna proclamado em França por Kardec, São Luís, Erasto **et alii**, sob a inspiração do Espírito da verdade. No entanto, há quem evite essa fina distinção histórica e queira um espiritismo laico a todo custo, sob a alegação de que a obra kardeciana não excede um esforço demasiado de conciliação da doutrina espírita com a teologia católica. Ah! o laicismo, essa flor de estufa estatal, onde, aí sim, deve ser padrão; ao Estado, cabe ser laico por definição;

---

<sup>129</sup> Revista Espírita. Nov/1863: Dissertações espíritas. A nova torre de Babel. Jun/1865: Nova tática dos adversários do espiritismo.

<sup>130</sup> Revista Espírita. Abr/1863: Suicídio falsamente atribuído ao espiritismo; jul/1864: A religião e o progresso.

mas o espiritismo **stricto sensu**, kardecista, não é um Estado, sim uma doutrina, cujas características são de totalidade, o que não pode nem deve excluir a religião, menos ainda a cristã, como não exclui a ciência nem a filosofia. No sentido filosófico bem autorizado pelo mestre e pelo qual chegou a se gloriar, a religião do espiritismo possui até credo, que Kardec diz ser capaz de conciliar-se com todos os cultos, com todas as maneiras de adorar a Deus, sendo o laço que deve unir todos os espíritas numa santa comunhão de pensamentos, esperando que ligue todos os homens sob a bandeira da fraternidade universal.

A importância desse último discurso de Kardec à sua SPEE está no fato de que, nele, o mestre explica por que sempre negou que o espiritismo fosse uma religião. Ali, tal negativa vem motivada pela primeira e única afirmação de que o espiritismo é, sim, uma religião, ainda que sem culto e forma, do que Kardec, repito-o, até se gloria. Em boa semiótica, restam duas respostas ao mote do discurso: O espiritismo é uma religião? 1) Sim, na acepção filosófica, larga e verdadeira do termo: comunhão de pensamentos, sentimentos, princípios e crenças; 2) Não, no seu sentido usual, de culto e forma.<sup>132</sup> E veio bem a calhar ao futuro da doutrina essa oportuna ambivalência. Na prática, o espiritismo é, hoje, uma religião; do contrário, bem pouca coisa representaria na sociedade contemporânea. **Lato sensu**, espíritas sempre foram os que tão só creem nas manifestações dos espíritos e, por isso, um número agigantado assim se pode identificar com razão, mesmo a contragosto dos mais ortodoxos. Kardec não queria ser chefe nem papa, embora soubesse ter uma missão. Cumpriu-a com equilíbrio incomum, modéstia singular, e chamou para

---

<sup>131</sup> Obras Póstumas.

<sup>132</sup> Revista Espírita. Dez/1868. Sessão anual comemorativa do Dia dos Mortos.

si a responsabilidade máxima quando isso foi necessário, como se viu no projeto da constituição transitória do espiritismo, em que o mestre visou diminuir o número aparente de espíritas, tentando conferir maior coesão ao grupo vinculado somente a suas publicações; sem êxito, entretanto.<sup>133</sup> Na época de instauração da doutrina só havia lugares de frequência para adeptos das outras escolas. As pessoas iam às igrejas, às sinagogas, às mesquitas, às academias, e faziam experimentos mediúnicos em casa, ou na de parentes e amigos. E era (e continua a ser) suficiente para serem espíritas; Kardec, porém, de boa mente, já alertava que havia espíritas e espíritas.<sup>134</sup> Com a multiplicação das sociedades espíritas e, sobretudo, a crescente hostilidade da ciência e das religiões havida contra, sobretudo, a popularidade do espiritismo, os espíritas substituíram um comportamento por outro. Em vez de irem às igrejas, às academias, passaram a frequentar os núcleos espíritas. Donde o gérmen das arengas entre místicos e científicos no espiritismo.

Como ciência, não foi aceito. Como filosofia, pouquíssimo; sempre acusado de misticismo. Restou o quê? A religião. Essa, a frieza glacial do processo histórico do espiritismo. E nenhuma novidade haveria nele para Kardec. Em 1863, já pressentira o mestre, que um dos períodos de instalação social da doutrina espírita seria justamente o período religioso.<sup>135</sup> Os espíritos definiram a própria missão dizendo estarem encarregados de preparar o reino de Deus anunciado por Jesus, sendo necessário que ninguém venha a interpretar a lei de Deus ao sabor das suas paixões, nem falsear o sentido de uma lei que

---

<sup>133</sup> Cf. cap. 24 deste livro: Spiritism e spiritisme.

<sup>134</sup> O Livro dos Espíritos. Conclusão: VII.

<sup>135</sup> Revista Espírita. Dez/1863. Período de Luta.

é, toda, amor e caridade.<sup>136</sup> Não é isso religião? Sim, é. E com dimensão profética. É filosofia? Também. Pode ser justificado numa ciência não restrita ao materialismo? Decerto. Mas, para quem mais, além de nós, os espíritas, especialmente os kardecistas? Os que repelem a palavra religião, em prol de clareza à divulgação do espiritismo, desconhecem esse processo histórico, ou não o admitem. Ademais, nenhuma palavra sequer, de qualquer dicionário que seja, detém um significado invariável. Bem oportuno é este, aos fins da religião filosófica do espiritismo: “Religião. (...) modo de pensar ou agir escrupulosamente; princípios: Ex.: Minha religião é praticar o bem”.<sup>137</sup> Mesmo ciência se presta a semânticas múltiplas; doutro modo, não existiria uma parte da filosofia que se debruça sobre o que seria de fato conhecimento: a epistemologia. E tão proeminente se tornou essa parte da filosofia, que chega mesmo a absorvê-la. Fato que Kardec indicou os fins a que deveriam chegar todos os que, superando a mera experimentação mediúnica, compreendessem o que ele chamou de espiritismo filosófico. Não coincidentemente, o primeiro desses objetivos é o desenvolvimento do sentimento religioso, sendo os demais, a resignação em face das vicissitudes da vida e a indulgência para com todos os defeitos alheios.<sup>138</sup> Bem científico, não?

Se o mestre evitou a palavra religião no seu sentido usual, é nesse sentido que estaremos obrigados a afastá-la. Se a aplicou ao espiritismo nos termos em que disso até se gloriou, é nessa acepção em que poderemos empregá-la. Em trechos daquela que constitui o repertório mais completo do espiritismo em seu tríplice aspecto:

---

<sup>136</sup> O Livro dos Espíritos, 627.

<sup>137</sup> Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, A.B.L., 2ª ed., 2008.

<sup>138</sup> O Livro dos Espíritos. Conclusão: VII.

histórico, dogmático e crítico,<sup>139</sup> Kardec se refere, **ipsis verbis**, ao caráter essencialmente moral e religioso do espiritismo; a suas consequências filosóficas, morais e religiosas; que lhe moldam o fim essencial como obra humanitária e, a partir do que, o grande pedagogo assume a responsabilidade do que chama de espiritismo cristão; sim, o mestre, não a FEB.<sup>140</sup> Evidente, pois, o vínculo religioso da moralidade espírita, que assim bem se explica: “A razão prática, ou seja, a consciência moral não se basta, se o sujeito não for mobilizado por um impulso amoroso, por uma aspiração à transcendência, por um estado de ânimo que pautar a sua conduta de forma rica e intensa. A moral sem a religiosidade é como a bússola que sequer pode ser vista sem o candeeiro. O homem que age de forma correta possui uma atitude louvável, mas o homem que age por amor torna a sua atitude sublimada. À medida que o espírito se eleva, não lhe satisfaz agir por dever, mas sim agir pela alegria de satisfazer os anseios de sua natureza essencial: amar mais e mais, buscar a Deus infinitamente. E essa sensibilidade espiritual se aguça através do exercício da religiosidade”.<sup>141</sup>

De fato religiosos, os racionalmente religiosos, como queria Kardec.<sup>142</sup> Dados eloquentes são as informações dicionárias: “**es.pi.ri.tis.mo** s.m. 1 doutrina baseada na imortalidade da alma, na reencarnação e na comunicação mediúnica 2 kardecismo”. — “**kar.de.cis.mo** s.m. doutrina religiosa, codificada por Allan Kardec, que prega a reencarnação — kardecista adj.2g.s.2g. — kardecístico

<sup>139</sup> Disse-o Kardec, a respeito da Revista Espírita. Cf. Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas. Introdução.

<sup>140</sup> Revista Espírita. Mar/1864: Variedades. Abr/1866: O espiritismo independente. Nov/1867: Notas Bibliográficas: A razão do espiritismo, por Michel Bonnamy. O Livro dos Médiuns, n. 350.

<sup>141</sup> SAYEGH, A. Ser para Conhecer, Conhecer para Ser. Filosofia Espírita. FEESP, 2004. Cap. VI, pp. 229/30.

<sup>142</sup> A Gênese. XIII: 19.

adj.”<sup>143</sup> Sintomática, a sinonímia registrada para **espiritismo** e **kardecismo**, bem como a classificação do último: doutrina religiosa; o que já não acontece ao **kantismo**: “s.m. doutrina filosófica de Immanuel Kant”. Puro processo histórico. O espiritismo, **stricto sensu**, é mesmo um kardecismo religioso; no entanto detentor de todos os elementos para que não se chame doutrina espírita a ditados de um único espírito, por um único médium, a emitir opiniáticas esdrúxulas. Sustentar o espiritismo como religião filosófica não é servir a nenhum clero; mas vislumbrar sua interdisciplinaridade constitutiva. O que se impõe é a granítica lógica kardeciana que, nesse viés, não exclui, totaliza. Assim como Kardec, sou signatário do compromisso paradoxal entre Alexandre Busca e Jacó Satanás: “Nunca esquecer, ao atacar a religião em nome da verdade, que a religião pode dificilmente ser substituída e a pobre criatura humana está chorando nas trevas”.<sup>144</sup>

## 12. PROVIDÊNCIA DIVINA.

Kardec desenvolveu a primeira parte de *O Livro dos Espíritos* em sua última obra, *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*, onde lecionou que não é possível perscrutarmos a natureza íntima de Deus, porque nos falta o sentido que só uma completa depuração do nosso espírito pode fornecer-nos; desse modo, só o perceberemos em todo o seu esplendor quando formos espíritos puros, isto é, no mais alto grau de desmaterialização.<sup>145</sup> Assim, Deus não nos seria incognoscível para sempre. Isso deveria ser suficiente para afastar as pretensões de empréstimo ao espiritismo daquele sabor agnóstico do deísmo independente. Os adeptos dessa ideia mereceram oposição de Kardec,

<sup>143</sup> Houaiss: Objetiva, 2001, pp. 179 e 265.

<sup>144</sup> PESSOA, Fernando. Obras em Prosa. Volume único. Nova Aguilar, 1998, p. 33.

<sup>145</sup> Cap. II, ns. 8 e 34. Cf. *O Livro dos Espíritos*, 10, 11; e 17 a 20.

o qual não cria que, uma vez estabelecidas as leis gerais que regem o Universo, daí por diante, aquele que as promulgou de mais nada se ocupe. Para o mestre, ao fazê-lo demasiado grande para se abaixar até suas criaturas, findam por torná-lo grande egoísta e o rebaixam até o nível dos animais que abandonam suas crias à natureza. Esses deístas independentes se distinguem dos deístas providencialistas, que creem não só na existência e no poder criador de Deus, na origem das coisas, como também na sua intervenção incessante na criação; a Deus, os últimos oram, mas não admitem o culto exterior e os dogmatismos.<sup>146</sup> Pode-se pensar, portanto, que Deus atua sem cessar. Mediante leis imutáveis, é verdade; por meio de inumerável cooperação espiritual, sem dúvida. Mas daí resulta que se ausente quando suas leis se cumpram e seus prepostos ajam? Se as divinas leis se executam e seus colaboradores se movimentam para tanto, isso se verifica por força de quê? Não é por determinação da própria inteligência suprema?

Ante o mais grave aspecto da lei moral do universo, os espíritos não usaram de meias palavras e disseram que a pena de talião é a justiça de Deus; que é ele, conforme nossos erros, quem a aplica, nesta ou numa outra vida; que fazer sofrer nossos semelhantes nos levará a situações em que poderemos sofrer outro tanto.<sup>147</sup> **Pari passu**, ensinaram que Deus não proclama julgamentos contra os infratores de suas leis; que, por outra, as punições resultam naturalmente das infrações.<sup>148</sup> Dizem alguns que isso, no entanto, já não seria uma ação de Deus, sim de suas leis. A meu ver, um sofisma que empresta insustentável dicotomia ao caso. Deus não se isola da divina lei; está agindo nela e por ela. Caso o deísmo providencialista da doutrina espírita mal nos sirva,

---

<sup>146</sup> Obras Póstumas. As cinco alternativas da humanidade. III – doutrina deísta.

<sup>147</sup> O Livro dos Espíritos, 764.

<sup>148</sup> O Livro dos Espíritos, 964.

poderemos optar pelo deísmo independente do Albert Einstein de 1929: “Acredito no Deus de Espinosa, revelado na harmonia de tudo o que existe, mas não em um Deus que se preocupa com o destino e as ações dos homens”.<sup>149</sup> O fato é que o extremo veredicto de certos juízos faz de tudo antropomorfismo. Deixemo-lo à mitologia; do contrário, até a clássica resposta sobre Deus a Kardec terá sido antropomórfica; ou porventura a inteligência não é mais atributo do homem?

### **13. PREDESTINAÇÃO.**

O respeito que se deve a vítimas de fatos terríveis autorizaria os espíritas a negarem a providência, a aclamarem o acaso? A hora, o momento, o instante da morte há suscitado controvérsia. Porém, asseguram os espíritos que não é fatal, no verdadeiro sentido da palavra, senão o instante da morte.<sup>150</sup> Dizem que esse instante, pois, está prefixado, e não que morrer é inevitável aos mortais, porque ao núcleo do sujeito: instante, dirige-se o seu predicativo: fatal. Sobre o instante, pois, é que incide a fatalidade, não sobre a morte em si mesma. Razão pela qual Kardec decreta em sua exegese sumária que, no que afeta à morte, sim, nos encontramos sujeitos de uma maneira absoluta à inexorável lei da fatalidade, não podendo escapar à sentença que nos marca o fim da existência, nem ao gênero de morte que deva interromper seu curso.<sup>151</sup> Consta ainda que, seja qual for o perigo que nos ameace, se a hora de nossa morte não chegou, não morreremos; que não só Deus sabe de que gênero ela será, mas até nosso espírito não o ignora às vezes, por lhe ter sido revelado quando, no mundo

---

<sup>149</sup> GLEISER, M. O Deus de Einstein. Folha de São Paulo, 10 de abril de 2005.

<sup>150</sup> O Livro dos Espíritos, 853.

<sup>151</sup> O Livro dos Espíritos, 872.

espírita, escolhemos nossa vida terrena.<sup>152</sup> Decerto por isso é dito que a duração da vida da criança falecida pode ter sido, para o espírito nela encarnado, o complemento de existência interrompida antes do **terme voulu**: fim requerido.<sup>153</sup> O suicídio, premeditado ou não, frustra, desse modo, um tempo prefixado à nossa vida na Terra; donde ser possível que futura encarnação nos seja tão duradoura quanto não nos foi o tempo inconcluso da precedente vida abreviada; ou seja, se era nosso destino viver de 1970 a 2030, e praticamos suicídio em 2020, vindoura morte na condição de criança falecida aos dez anos de idade poderá ser o complemento de nossa existência interrompida antes daquele final exigido em 2030.<sup>154</sup> Se for destino a morte, assim se verificará; e mesmo a interferência de espíritos ocorrerá para tanto, sem que nenhuma lei natural seja desrespeitada. Caso devamos perecer alvejado por um raio, ser-nos-á inspirado que lá estejamos no local preciso; se devemos morrer da queda do alto de uma escada podre, ser-nos-á inspirado nela subir; caso, por outra, não devamos ser atingidos por um tiro, uma de duas: a pontaria do atirador será ofuscada, ou seremos inspirados a nos desviarmos da trajetória do projétil.<sup>155</sup> Então, exceto por suicídio, todos morrem no instante certo, quer individual, quer coletivamente.

Para uns, o instante e o gênero de morte é expiação; para outros, provação. Não se supõe, todavia, a predestinação dos dolos ou das culpas dos causadores da morte de terceiros, porquanto ninguém encarna com a missão de fazer o mal;<sup>156</sup> tão só se supõe, com isso, a

---

<sup>152</sup> O Livro dos Espíritos, 853-a.

<sup>153</sup> O Livro dos Espíritos, 199; cf. RÓNAI, Paulo. Dicionário Francês-Português. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

<sup>154</sup> O Livro dos Espíritos, 199.

<sup>155</sup> O Livro dos Espíritos, 526, 527 e 528.

<sup>156</sup> O Livro dos Espíritos, 470.

infallibilidade da divina lei, cuja matemática nos escapa. Também não se inocentam, aí, os negligentes e os criminosos; trata-se de saber, isto sim, por que a uns a sorte sorri, enquanto de outros, ela aparenta esquecer-se. Temerário fora dizer com certeza, mais ainda, com dureza, se há expiação, ou simples provação, em fatos pontuais; sobretudo acerca do gênero e do instante de óbitos. Nas partidas coletivas, por exemplo, pode haver: 1) simples prova escolhida por todos; 2) expiação necessária a todos; 3) concomitantemente, provação para uns; expiação para outros. A hora da morte, contudo, terá chegado para todo o grupo. O espírito errante, de ordinário, pensa diferentemente de quando está encarnado; pode ter conhecimento antecipado de momentos-chave de sua encarnação, donde se explicarem certas previsões depois confirmadas.<sup>157</sup> É que, no mundo espírita, o que melhor serviria ao seu adiantamento já lhe fora prefixado, sem embargo da liberdade de ação moral. Na Terra, porém, não é rara a hesitação dos mais fracos ante essas pré-escolhas dos tipos de provação. Portanto, o gênero e o instante da morte seriam fatais segundo a doutrina colhida por Kardec, pelo menos para os que não partem: 1) por suicídio; 2) por suicídio moral, o fim antecipado pelo excesso de paixões tornadas necessidades físicas.<sup>158</sup> Os que de um ou de outro jeito se retiram desta vida deverão responder, pois, por esse tempo malbaratado, seja em nova e mais curta encarnação, como vimos, ou doutra forma: padecendo penoso apego do espírito ao cadáver, estado que pode durar, outrossim, o tempo de vida abreviada pelo suicídio.<sup>159</sup> Seja como for, segundo o mestre espírita, não há falta

---

<sup>157</sup> O Livro dos Espíritos, 522.

<sup>158</sup> O Livro dos Espíritos, 952.

<sup>159</sup> O Céu e o Inferno. Segunda parte. Cap. V: O suicida da samaritana. Nota final.

sem penalidade; contudo não há regra absoluta e uniforme nos meios de punição. Tudo é conforme atenuantes e agravantes.<sup>160</sup>

#### 14. MORTE E DESPRENDIMENTO.

Morte é para o corpo; desencarnação, para o espírito. Essas palavras, contudo, equivalem-se. Por isso se diz que fulano desencarnou, em vez de se dizer que morreu. Espíritas, somos cientes de que a separação entre alma e corpo raramente é instantânea, donde passarmos, às vezes, dessa equivalência a uma diferença artificial e, pior, nada técnica, entre morte e desencarnação, quando existe, na verdade, entre desencarnação e desprendimento. Kardec utilizou o subst. **désincarnation**: desencarnação, só duas vezes, por mais que os tradutores o tenham feito aparecer, e a formas do verb. **désincarner**: desencarnar, onde nunca estiveram. Em *O Livro dos Espíritos*, p. ex., nenhuma ocorrência há do subst. desencarnação, de qualquer forma do verbo desencarnar, nem do part./adj. **désincarné**: desencarnado. Kardec se refere, ali, ao **incarné**: encarnado; ao **reincarné**: reencarnado, e ao **non incarné** ou **errant**: não encarnado ou errante; i. e., ao **dégagé du corps**: desembaraçado, liberto do corpo. Os tradutores febianos é que sempre ousam mais. E até essas ousadias indicam equivalência, e não diferença, entre morte e desencarnação. Se não, vejamos.

Em *O Livro dos Espíritos*.

1 — nota ao n. 188: **Une personne décédée**: uma pessoa falecida.

G. Ribeiro: um espírito que desencarnara.

E. N. Bezerra: um espírito que havia desencarnado.

J. H. Pires: uma pessoa falecida.

---

<sup>160</sup> O Céu e o Inferno. Segunda parte. Cap. V: O suicida da samaritana. Nota final.

2 — n. 257: **pendant les premiers instants, l'Esprit**: durante os primeiros instantes, o espírito.

G. R.: durante os primeiros minutos depois da desencarnação, o espírito.

E. N. B.: durante os primeiros instantes, o espírito.

J. H. P.: nos primeiros instantes, o espírito.

3 — n. 339: **sortie du corps**: saída do corpo.

G. R. e E. N. B.: ao desencarnar.

J. H. P.: desencarnação.

4 — n. 399: **l'état d'Esprit e l'état d'incarnation**: o estado de espírito e o estado de encarnação.

G. R. e E. N. B.: quando desencarnado e quando encarnado.

J. H. P.: no estado de espírito e no estado de encarnado.

5 — n. 402: **à leur mort**: na sua morte.

G. R.: desencarnando;

E. N. B.: ao desencarnarem.

J. H. P.: ao morrerem.

6 — n. 1014-a: **Esprits errants, ou nouvellement dégagés**: espíritos errantes, ou recentemente libertos.

G. R. e E. N. B.: recém-desencarnados.

J. H. P.: recentemente libertados.

Em *O Céu e o Inferno*.

7 — parte II, cap. II: Sr. Sanson, numa nota Kardec escreve: **mais en raison de la mort récente de M. Sanson**: mas em razão da morte recente do Sr. Sanson.

M. J. Quintão: visto que o Sr. Sanson desencarnara recentemente.

J. H. P.: mas em virtude da morte recente do Sr. Sanson.

8 — parte II, cap. II: O Doutor Demeure, a certa altura escreve Kardec: **lendemain de sa mort**: no dia seguinte ao de sua morte.

M. J. Q.: da sua desencarnação.

J. H. P.: da sua morte.

Etc. etc.

Kardec chegou a fazer uso do part./adj. **désincarné**, do subst. **désincarnation**, mas nunca do verb. **désincarner** e suas formas, o que coube, antes, aos espíritos Viennois: **désincarnent**, Lamennais: **désincarne**, e Clélie Duplantier: **désincarnant**.<sup>161</sup> Eis os dois únicos empregos substantivos do mestre.

Em *O Céu e o Inferno*.

1 — Parte I, cap. III, n. 17. F.E.B., 2003, 51ª ed., p. 37, meu, o acréscimo da palavra espíritos entre colchetes; no original: **mêmes Esprits**: “Cada globo tem, de alguma sorte, sua população própria de espíritos encarnados e desencarnados, alimentada em sua maioria pela encarnação e **desencarnação** dos mesmos [espíritos]. Esta população é mais estável nos mundos inferiores, pelo apego deles à matéria, e mais flutuante nos superiores”.

Na *Revista Espírita*.

2 — Jan/1866. A Jovem Cataléptica da Suábia. Estudo Psicológico. F.E.B., 2007, 2ª ed., p. 41: “Tal é a alma durante a vida e depois da morte. Para ela há, portanto, dois estados: o de encarnação ou de constrangimento, e o de **desencarnação** ou de liberdade; em outras palavras: o da vida corporal e o da vida espiritual”.

No primeiro contexto, desencarnação opõe-se a encarnação, justamente como morte a nascimento; no segundo, é o estado de liberdade, de vida espiritual. Registre-se que **désincarnation** surgiu primeiramente numa correspondência publicada na *Revista Espírita* de set/1863. No texto do missivista, lê-se: **désincarnation ou mort corporelle**: desencarnação ou morte corporal, sinonímia que não mereceu de Kardec nenhum reparo.<sup>162</sup> As duas ocorrências substantivas restantes pertencem aos espíritos Demeure e Clélie Duplantier; em ambas, permanece o paralelismo com a palavra morte.

Em *O Céu e o Inferno*.

1 — Parte II, cap. II. O Doutor Demeure. Trad.: J. Herculano Pires: “quanto mais cedo se der a sua **desencarnação**, mais cedo poderá se dar também a reencarnação que lhe permitirá acabar a sua obra”.

Na *Revista Espírita*.

2 — Mar/1869. As Árvores Mal-Assombradas da Ilha Maurício. F.E.B., 2007, 2ª ed., p. 122: “Em geral, sendo a população mauriciana inferior, do ponto de vista moral, a **desencarnação** não pode fazer do espaço senão um viveiro de espíritos muito pouco desmaterializados, ainda marcados por todos os seus hábitos terrenos, e que continuam, não obstante espíritos, a viver como se fossem homens”.

Quando, por outra, os espíritos e Kardec trataram da intimidade do processo quase sempre gradual da separação entre alma e corpo, i. e., no suceder mesmo da morte e do pós-morte, não o fizeram com a palavra **désincarnation**, sim com o vocábulo **dégagement**:

---

<sup>161</sup> Revista Espírita. Mai/1863, p. 222. Out/1863, p. 429. Abr/1869, p. 121. F.E.B.

<sup>162</sup> Revista Espírita. Questões e Problemas. Sobre a expiação e a prova. F.E.B., 2007, 3ª ed., p. 366.

desprendimento.<sup>163</sup> E não sem motivos. O princípio espírita é que a vida orgânica pode animar um corpo sem alma, mas a alma não pode habitar um corpo sem vida orgânica.<sup>164</sup> Ora; após a morte, por mais demorado que o seja, o desprendimento não implica, segundo o mestre, a existência no corpo de nenhuma vitalidade, nem a possibilidade de retorno à vida, mas a simples persistência de uma afinidade entre o corpo e o espírito, afinidade que está sempre na razão da preponderância que, durante a vida, o espírito deu à matéria.<sup>165</sup> O estado de encarnação, assim, pressupõe vitalidade corporal; a ausência desta caracteriza, por sua vez, o de desencarnação. O cadáver não pode estar mais ou menos morto; na mesma proporção, a alma não estará mais ou menos **désincarné**: desencarnada, sim mais ou menos **dégagé**: desembaraçada, liberta, conceito bem distinto. Ao ocorrer a cessação da atividade do princípio vital, o corpo não mais retém a alma, embora esta, não raro, é que insista em identificar-se à matéria inerte. Com a morte, não há mais, no corpo, nenhuma vitalidade; todavia pode existir, entre alma e corpo, alguma ou muita afinidade, o que gera pontos de contato entre o cadáver e o perispírito. Entretanto que eram essas ligações fluídicas apenas pela atividade do princípio vital, passam a ser mantidas por uma força de aderência que, agora só devida ao espírito, o retém identificado ao corpo, e não mais encarnado nele. No francês: **points de contact; force d'adhérence; liens fluidiques**.<sup>166</sup> Esses laços fluídicos podem gerar uma espécie de repercussão moral que transmite ao espírito a sensação do que se passa no corpo, muito embora, mais que depressa, Kardec esclareça que repercussão não é o melhor termo,

---

<sup>163</sup> O Livro dos Espíritos, 154 a 162. O Céu e o Inferno, Parte II, cap. I: Le Passage.

<sup>164</sup> O Livro dos Espíritos, 136-a. Trad.: J. Herculano Pires.

<sup>165</sup> O Livro dos Espíritos, 155-a.

<sup>166</sup> O Céu e o Inferno. Parte I, cap. I, ns. 4, 5, 10 e 11.

por dar a ideia de um efeito muito material àquilo que, antes, está mais para uma ilusão que o espírito toma como realidade. Ora; neste, as sensações não dependem mais de órgãos sensitivos; são gerais e não mais se devem a agentes exteriores.<sup>167</sup> Portanto, a desencarnação só se opera com a morte; o desprendimento, já durante a vida. A primeira depende da morte corporal; o segundo, da elevação moral. Durante a encarnação, é a vitalidade do corpo que prende a alma; depois da morte, é a afinidade da alma com a matéria que a identifica ao cadáver. Dessarte, morte equivale, sim, a desencarnação e antes difere, mais propriamente, de desprendimento. Morto o corpo, o espírito está efetivamente desencarnado, sem estar, porém, necessariamente desembaraçado, liberto.

## 15. PERISPÍRITO.

### 15.1. INORGÂNICO.

Há, no corpo físico, formas diversas de compactação da matéria: líquida, gasosa, gelatinosa, sólida. E não se conclui que haja vários corpos. Por idêntico, Kardec se reportou ao perispírito, substância semimaterial que seria o primeiro envoltório da alma;<sup>168</sup> uma espécie de elemento intermediário que até possuiria certas propriedades da matéria; uma interface que, unida ao corpo, molécula por molécula, durante os estados de encarnação,<sup>169</sup> teria feito da própria alma uma coautora da evolução biológica; o que reabilitaria Lamarck sem negar Wallace e Darwin. **C'est l'Esprit lui-même qui façonne son enveloppe et l'approprie à ses nouveaux besoins:** É o próprio espírito que conforma seu envoltório e o apropria a suas novas necessidades, segundo Kardec. Tradutores brasileiros optaram por

---

<sup>167</sup> O Livro dos Espíritos, 257.

<sup>168</sup> O Livro dos Espíritos, 134.

<sup>169</sup> A Gênese, XI: 18.

fabrica, modela, embora não constem do original **fabriquer** ou **modeler**. Há boa sinonímia, porém, entre **façonner** e **modeler**: conformar, modelar.<sup>170</sup> O conceito de semimaterialidade traria **per si** essa coexistência de formas distintas de compactação fluídica no corpo espiritual. A porção mais densa viabilizaria sua união intramolecular com a matéria e sofreria mais de perto a compressão imposta pela carne. A porção menos grosseira conservaria mais flexibilidade e, decerto, justificaria os seguintes fatos: 1) o perispírito, apesar da união intramolecular com o corpo, não estaria circunscrito a este; irradiaria ao seu derredor, envolvendo-o numa atmosfera fluídica;<sup>171</sup> 2) na emancipação da alma, ou espírito, em pleno sono, essa porção menos grosseira seria a **partie de son périsprit**: parte do seu perispírito com a qual se afastaria do corpo.<sup>172</sup> Se uma porção do corpo fluídico seguiria com a alma na emancipação, outra necessariamente não o faria, porque só a morte restitui ao ser plena liberdade, apenas parcial no sono; o princípio vital, sem sede no perispírito, é que ainda o manteria, em parte, adeso ao corpo carnal; donde aquele **lien fluídique**: laço fluídico, ou **traînée lumineuse, phosphorescente**: rastro luminoso, fosforescente, pelo qual médiuns videntes e mesmo espíritos diferenciariam vivos fora do corpo de mortos.<sup>173</sup> Não haveria, portanto, corpos da alma, mas formas distintas de compactação fluídica no perispírito, o que levou Kardec a dizer que esse corpo etéreo, a um só tempo, conteria eletricidade, fluido magnético e, até certo ponto, a própria matéria inerte; metáforas possíveis à física de seu tempo.<sup>174</sup> O mestre chegou a sustentar que seria o perispírito o

---

<sup>170</sup> A Gênese, XI, 11.

<sup>171</sup> A Gênese, XI, 17.

<sup>172</sup> O Livro dos Médiuns, 119, primeira pergunta.

<sup>173</sup> O Livro dos Médiuns, 118 e 284; A Gênese, XI, 18.

<sup>174</sup> O Livro dos Espíritos, 257.

próprio princípio da vida orgânica; que a partida do espírito mataria o corpo; entretanto mudou de ideia **a posteriori**: a união intramolecular entre perispírito e corpo só ocorreria sob a influência do princípio vital do embrião e, por outra, a morte do corpo é que ensejaria a partida do espírito;<sup>175</sup> mediante seu perispírito, a alma transmitiria aos órgãos carnis, não a vida vegetativa, sim apenas os movimentos que exprimem sua vontade.<sup>176</sup> Por isso não se fala de corpos da alma na doutrina espírita: mental, causal, emocional, vital, etc.; inteligência, pensamento, vontade, memória, sentimento, todos os nossos atributos e faculdades, enfim, teriam sua sede na própria alma, i. e., no princípio inteligente individualizado, do qual o perispírito seria o único agente, o único instrumento de ação, o único órgão sensitivo.<sup>177</sup> Eis um ser integral, sem partes; que, com perispírito denso, ainda perceberia algo dos nossos sons, dos nossos odores, mas não por uma parte determinada, como quando vivo. Esse corpo fluídico seria, pois, inorgânico, antes constituindo, ele mesmo, o único órgão sensitivo da alma; donde Kardec dizer que, destruído o corpo, as sensações se tornariam generalizadas: não mais se localizariam em órgãos assemelhados aos que nos servem na Terra; não veríamos por olhos, não sentiríamos por tato, etc.<sup>178</sup> Mesmo assim, a alma teria seus atributos a se traduzirem nos fluidos que lhe constituem o corpo etéreo; a causa puramente metafísica tornar-se-ia efeito fluídico e, quiçá, material. Os pensamentos não seriam partículas, nem fluidos, nem matéria; todavia os alterariam e influenciariam, revelando-se sons ou malsãos; atraindo-se os afins e repelindo-se os dessemelhantes. O espírito estenderia, pois, ao próprio corpo físico a sua influência mais

---

<sup>175</sup> A Gênese, XI: 18.

<sup>176</sup> Revista Espírita. Dez/1862. Estudos sobre os possessos de Morzine. 3ª ed., F.E.B., 2007, p. 489.

<sup>177</sup> O Livro dos Médiuns, 55. A Gênese, XIV: 22.

<sup>178</sup> O Livro dos Espíritos, 257. A Gênese, XIV: 22.

ou menos determinante; tanto que Kardec assegurou que o perispírito se ligaria à fisiologia tão bem quanto à psicologia, sendo parte ativa de afecções orgânicas a serem combatidas pela medicina, através, exatamente, do conhecimento dessa interface semimaterial.<sup>179</sup> Modelo teórico tomado por empréstimo à ciência-irmã mais velha do espiritismo, o magnetismo animal, ou mesmerismo.<sup>180</sup>

## 15.2. INDESTRUTÍVEL.

Sendo inorgânico, o perispírito não se destruiria; sua constituição é que se transformaria. Haveria mundos em que o espírito só teria esse corpo espiritual, inclusive; nos quais seria muitíssimo etéreo; a tal ponto que, para nós, seria como se não existisse: condição dos puros espíritos.<sup>181</sup> Tratar-se-ia do fluido universal, ou matéria elementar primitiva, em sua simplicidade absoluta.<sup>182</sup> Essa, a situação final. Do processo que a ela conduz, sabe-se que a substância do perispírito seria mais ou menos eterizada segundo os globos; que, passando de um a outro, os espíritos revestiriam a matéria própria de cada um, fenômeno cuja duração seria tão curta como a do relâmpago: **d’aussi peu de durée que l’éclair.**<sup>183</sup> A alma, pois, não poderia ficar sem o corpo espiritual. Pelo menos, não definitivamente. Só durante lapso tão rápido quanto instantâneo, ao mudar-se de mundo. Seria menos que brevíssima falta, de pronto recomposta, e somente nas ascensões evolutivas, nunca nos fictícios decessos de uma doutrina espírita que se desaprende em André Luiz **et alii**, acerca, p. ex., dos improváveis

---

<sup>179</sup> A Gênese, I: 39. Obras Póstumas. Caráter e consequências religiosas das manifestações dos espíritos. § I — O perispírito como princípio das manifestações; n. 12.

<sup>180</sup> Cf. cap. 4 deste trabalho: Ensino geral espírita.

<sup>181</sup> O Livro dos Espíritos, 186.

<sup>182</sup> O Livro dos Médiuns, 74, quinta pergunta. O Evangelho segundo o Espiritismo, IV: 24.

<sup>183</sup> O Livro dos Espíritos, 187. Também O Livro dos Espíritos, 257; A Gênese, XIV: 8; O Evangelho segundo o Espiritismo, IV: 24.

espíritos ovoides. Suscitado por inquiridores, Kardec até admitiu uma desagregação dos elementos constitutivos do perispírito na eventual troca de um por outro; uma metáfora, porém, de sua transformação. **Ip. v.:** “A cada novo estágio na erraticidade, novas maravilhas do mundo invisível se desdobram diante do seu olhar, porque, em cada um desses estágios, um véu se rasga. Ao mesmo tempo, seu envoltório fluídico se depura; torna-se mais leve, mais brilhante e mais tarde resplandecerá. É quase um novo espírito; é o camponês desbastado e transformado. Morreu o espírito velho, mas o **eu** é sempre o mesmo. É assim, cremos, que convém se entenda a morte espiritual”.<sup>184</sup>

## 16. PUROS ESPÍRITOS.

### 16.1. CONSELHO SUPREMO.

Supôs Kardec que, se subisse incessantemente, a alma nunca chegaria à felicidade perfeita e, por isso, concluiu: **La raison dit que l'âme étant un être fini, son ascension vers le bien absolu doit avoir un terme:** A razão diz que, a alma, sendo um ser finito, sua ascensão para bem absoluto deve ter um fim.<sup>185</sup> O princípio espiritual iniciaria sua evolução no que os espíritos chamaram: átomo primitivo. E esse princípio encerraria seu progresso **presque infini:** quase infinito, no arcanjo; que figuraria o estado definitivo dos seres da categoria mais elevada, cuja natureza das ocupações seria receber diretamente os comandos de Deus, pertencendo à classe única da primeira ordem da escala espírita: **purs esprits.**<sup>186</sup> Kardec somou, depois, a essa primeira ordem, mais classes que a solitária e original **classe unique** e, enfim, hierarquia se estabeleceu entre puros espíritos; adjetivou-os bem-

---

<sup>184</sup> Obras Póstumas. A morte espiritual. 32ª ed., F.E.B., 2002, p. 205. Também O Livro dos Médiuns, 55; A Gênese, I: 39.

<sup>185</sup> Revista Espírita. Set/1862. Poesias Espíritas. Peregrinações da alma. Observação.

<sup>186</sup> O Livro dos Espíritos, 112, 113, 169, 226, 540 e 562.

aventurados; gozariam de todos os esplendores da criação; penetrariam todas as coisas e contemplariam Deus. O detalhe precioso é que **ceux de l'ordre le plus eleve**: aqueles **da** ordem mais elevada, ou seja: os que integrariam o **conseil suprême**: conselho supremo, **sous l'oeil même de Dieu**: sob o olhar mesmo de Deus, seriam os únicos a possuir-lhe e compreender-lhe os segredos, sendo-lhe **représentants directs**: representantes diretos. Anote-se o demonstrativo seguido da crase de preposição e artigo: os **da**, aqueles **da**, e não **de** ordem mais elevada; a mais elevada entre os puros espíritos, no caso.<sup>187</sup>

Nessa escala de seres perfeitos, subordinados ao supremo conselho, estariam os chefes superiores, aos quais é incumbida a direção de sistemas planetários e de planetas em particular. Tratar-se-ia, ainda assim, de puros espíritos; Kardec diz que presidiriam à formação desses mundos e mesmo à harmonia geral do Universo, ao que não chegariam senão **par la perfection**: pela perfeição. Deus não só os julgaria capazes de cumprir essas missões mas os teria, além disso, como incapazes de comprometê-las. Ora; apenas a obtenção da soma de perfeições acessível às criaturas poderia assegurar isso; ou seja, a infalibilidade decorrente de uma absoluta superioridade intelectual e moral. Ao atingir o estado de pureza, os espíritos gozariam de inalterável felicidade; não teriam mais que passar por provas ou expiações; estariam capacitados à contemplação de Deus, à penetração de todas as coisas, mas, lógico agora é supô-lo, na respectiva esfera de particulares limitações atinentes aos seus estádios angélicos. A progressiva conquista de chefias cósmicas, à frente das quais nunca errariam, seria, portanto, o que os conduz ao conselho supremo, a serem os mais dignos entre os dignos, em cuja órbita lhes seriam

---

<sup>187</sup> O Céu e o Inferno. 1ª Parte, III, 12 e 13.

revelados os segredos de Deus e se tornariam seus representantes diretos.

Tudo quase impecável até que Kardec decidiu valer-se, depois, do plural: **les conseils du Tout-Puissant**: os conselhos do Todo-Poderoso, nos quais seriam recebidos os espíritos ao lograrem o ponto culminante do progresso. Culminante? Sim, progresso quase infinito, portanto finda. Talvez sejam esses conselhos os que reuniriam chefias universais de planetas, sistemas, etc., e que, nem por isso, deixariam de se subordinarem àquele conselho supremo dos mais dignos entre os dignos, sob o olhar mesmo de Deus.<sup>188</sup> Menos simétrica é a condição de **ministres directs pour le gouvernement des mondes**: ministros diretos para o governo dos mundos, que Kardec agora atribui aos puros espíritos de todos os conselhos, não só aos do supremo. Entretanto, a todos não deixaria de assistir a patente, desde que considerada na fronteira de suas responsabilidades, no âmbito das quais seriam de fato os que melhor filtram o pensamento divino, dele impregnados malgrado as subordinações a que se sujeitem no supremo, apenas no qual se poderia ter ao próprio Deus como superior imediato propriamente.

## 16.2. ENCARNAÇÃO.

Kardec elucidou certa feita: “Só nas fileiras inferiores a encarnação é material. Para os espíritos superiores não há mais encarnação material e, conseqüentemente, não há procriação”.<sup>189</sup> Haveria, pois, encarnações fluídicas, menos grosseiras.<sup>190</sup> Nessa fase, dispensável já seria a procriação e, mesmo a morte, não teria nenhum dos horrores da decomposição, e longe de ser motivo de pavor, seria considerada

---

<sup>188</sup> A Gênese, XI: 27 (ou 28).

<sup>189</sup> Revista Espírita. Jul/1862. Ensinos e dissertações espíritas. Observação.

<sup>190</sup> O Evangelho segundo o Espiritismo, IV: 24.

transformação feliz.<sup>191</sup> Para além, só os puros espíritos. Não mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, viveriam exclusivamente a vida espiritual, em que continuariam a progredir, mas agora, segundo Kardec, **dans un autre sens et par d'autres moyens**: num outro sentido e por outros meios. Sem dúvidas, tratar-se-ia da escala dos puros espíritos, onde a meta seria integrar o conselho supremo; estar entre os dignos mais dignos, sob o olhar mesmo de Deus.<sup>192</sup> Desobrigados da encarnação não significaria, vale salientar, que lhes estaria interdita; cumpririam missões. Eles não teriam nenhuma influência da matéria porque despojados de todas as impurezas da matéria,<sup>193</sup> não de toda a matéria; tanto que possuiriam um corpo etéreo composto pelo fluido universal, ou matéria elementar primitiva, em sua simplicidade absoluta.<sup>194</sup> Kardec, aliás, explicitou que os puros espíritos poderiam encarnar mesmo aqui: **C'est ainsi que des Esprits de l'ordre le plus élevé peuvent se manifester aux habitants de la terre, ou s'incarner en mission parmi eux**: É assim que os espíritos da ordem mais elevada podem-se manifestar aos habitantes da Terra, ou se encarnar em missão entre eles.<sup>195</sup> Com crase de preposição e artigo: **da** ordem mais elevada, não **de** ordem mais elevada. Um guia espiritual dissera e Kardec publicou que os espíritos incumbidos, em cada mundo, da execução das divinas leis, seriam agentes da vontade de Deus sob direção de um **délégué supérieur**: delegado superior, pertencente **nécessairement à l'ordre des esprits les plus élevés**: necessariamente à ordem dos espíritos mais elevados; seria injusto Deus abandonar ao capricho de uma criatura imperfeita o destino de

---

<sup>191</sup> O Evangelho segundo o Espiritismo, III: 8.

<sup>192</sup> A Gênese, XI: 27 (ou 28).

<sup>193</sup> O Livro dos Espíritos, 112 e 113.

<sup>194</sup> O Livro dos Médiuns, 74, quinta pergunta. O Livro dos Espíritos, 186.

<sup>195</sup> A Gênese, XIV: 9.

milhões. Fala-se, pois, de um ser perfeito, puro espírito. De novo, com preposição e artigo: o chefe superior pertenceria **à** ordem mais elevada, não **a uma** ordem qualquer, embora mais elevada. Quando inquirido o guia em França se esse espírito-chefe também poder-se-ia encarnar, respondeu: “Sem dúvida alguma, quando recebe a missão, o que ocorre quando sua presença entre os homens é julgada necessária ao progresso”.<sup>196</sup>

### 16.3. JESUS.

Dúvidas não pode haver sobre sua condição doutrinária: **l'Esprit pur par excellence**: o Espírito puro por excelência. Além disso, Kardec sequer aceitava que outro espírito pudesse ter inspirado Jesus e afirma que o Nazareno, se recebia algum influxo estranho, só poderia ser de Deus.<sup>197</sup> Vieram à baila estudos do grande pedagogo de França sobre a natureza do antigo mestre, nos quais disse: **Jésus était un messie divin par le double motif qu'il tenait sa mission de Dieu, et que ses perfections le mettaient en rapport direct avec Dieu**: Jesus era um messias divino pelo duplo motivo que ele tinha sua missão de Deus, e que suas perfeições o mantinham em relação direta com Deus.<sup>198</sup> Nessa lógica, o estádio angélico de Jesus seria o mais elevado possível entre os puros espíritos, equivalente ao dos integrantes do conselho supremo; ao dos que nada mais têm de fato a adquirir, únicos a efetivamente dispensar a inspiração de qualquer outro que não seja o próprio Deus. Contudo, Kardec evidenciou crer, outrossim, que **l'Esprit de vérité**: o Espírito da verdade, seria o presidente da nossa regeneração, o inspirador da doutrina espírita

<sup>196</sup> Revista Espírita. Set/1868. A Alma da Terra. Sociedade Espírita de Bordéus. Abril de 1862.

<sup>197</sup> O Livro dos Médiuns, XXXI:IX; A Gênese, XV:2.

<sup>198</sup> Obras Póstumas. Estudo sobre a natureza do Cristo, §VIII.

como paráclito prometido e o diretor deste globo;<sup>199</sup> portanto não mais que, do próprio Jesus, um novo nome: “aquele que recebeu a missão de vos regenerar volta, e ele disse: ‘Bem-aventurados os que conhecerem o meu novo nome!’”.<sup>200</sup> Nessa lógica, o estádio angélico de Jesus, o Espírito da verdade, seria o daqueles delegados, ou chefes superiores, já entre os puros espíritos, na incumbência gloriosa a que só correspondem pela sua perfeição: a presidência da formação e a direção de planetas. No caso, da nossa nave Terra.

### 17. MEDIUNIDADE.

Kardec leciona no seu *Livro dos Médiuns*, n. 159, que “toda pessoa que sente a influência dos espíritos, em qualquer grau de intensidade, é médium.” Não diria, portanto, que todas as pessoas sentem isso, do que se conclui que nem todas seriam médiuns. A seguir, sentencia que “essa faculdade é inerente ao homem, por isso mesmo não constitui privilégio”, do que já se poderia supor que todo mundo é médium. Segue para assegurar ainda que seriam “raras as pessoas que não a possuem pelo menos em estado rudimentar”, do que se volta, de novo, a concluir que nem todos seriam médiuns. Noutra conclusão, escreve o mestre: “Pode-se dizer, pois, que todos são mais ou menos médiuns”, donde se depreende que ele passa a desconsiderar a parcela mínima que não possui nem rudimentos de mediunidade, preferindo generalizar a faculdade. Adiante, contudo, torna a restringir a qualificação de médium, explicando que, “usualmente, se aplica somente aos que possuem uma faculdade mediúnica bem caracterizada, que se traduz por efeitos patentes de certa intensidade, o que depende de uma organização mais ou menos sensitiva.” Esse é o texto. E fato é que, baseados tão só nele, poderemos sustentar que

<sup>199</sup> Cf. cap. 7 deste trabalho: O Espírito da verdade.

<sup>200</sup> Revista Espírita. Mar/1868. Instruções os Espíritos. A Regeneração.

todos seríamos médiuns ou, por outra, que nem todos o seríamos, e, ainda assim, sempre estaremos com relativa razão. Doutro lado, se usualmente seriam médiuns os que possuem uma faculdade bem caracterizada e, além disso, considerada a existência de raros indivíduos que nem mesmo num estado rudimentar a possuiriam, mais coerente é, pois, que se diga: — Não, nem todos somos médiuns. Potencial mediúnico, haveria em todos nós. Mas tecnicamente, o crucial é que sempre dependeria da “disposição orgânica” que caracterizaria toda condição de médium,<sup>201</sup> disposição que não, definitivamente, nem todos a possuiríamos. Por isso, Kardec ensina que “não se podem designar pelo nome de médium as pessoas que, nenhuma faculdade mediúnica possuindo, só produzem certos efeitos por meio da charlatanaria.”<sup>202</sup> O mesmo se verifica quando o mestre pondera: “Para que serviriam hoje médiuns pagos, desde que qualquer pessoa, se não possui faculdade mediúnica, pode tê-la nalgum membro da sua família, entre seus amigos, ou no círculo de suas relações?”<sup>203</sup> Em *O Livro dos Espíritos*, n. 450-a, aprende-se que a dupla vista, faculdade que também se presta a fatos mediúnicos, depende da organização física, pois haveria “organizações que se lhe mostram refratárias.” E a esta pergunta de Kardec: “A suspensão da faculdade não implica o afastamento dos espíritos que habitualmente se comunicam?”, respondem: “De modo algum. O médium se encontra então na situação de uma pessoa que perdesse temporariamente a vista, a qual, por isso, não deixaria de estar rodeada de seus amigos, embora impossibilitada de os ver. Pode, portanto, o médium e até mesmo deve continuar a comunicar-se pelo pensamento com seus espíritos familiares e persuadir-se de que é ouvido. Se é certo que a

---

<sup>201</sup> O Livro dos Médiuns, 174, 209, 226: 1ª

<sup>202</sup> O Livro dos Médiuns, 196.

falta da mediunidade pode privá-lo das comunicações ostensivas com certos espíritos, também certo é que não o pode privar das comunicações morais”.<sup>204</sup>

Tal foi a razão pela qual Kardec, querendo afastá-la do signo do privilégio, disse que, sim, todos possuiriam mediunidade, embora também haja deixado claro que, não, nem todos têm a disposição orgânica para sua manifestação. Na falta da mediunidade propriamente dita, não há, pois, comunicações ostensivas com os espíritos, a despeito de haver, entre nós e eles, comunicações morais, quando, persuadidos de que nos ouvem, lhes endereçamos pensamentos. Médiun de fato, contudo, é aquele que se comunica com os espíritos, não só se dirigindo a eles, mas deles obtendo distinguida resposta. Ao encontro deste entendimento, vem o fato de que a mediunidade é uma concessão;<sup>205</sup> isto é, radicada na constituição física do indivíduo, trata-se daquilo que permite ao seu perispírito, segundo Erasto, “uma força de expansão particular, que lhe suprime toda refratariedade.”<sup>206</sup> Ora; se médiuns seriam os que podem servir de medianeiros entre os espíritos e os homens,<sup>207</sup> é que os haveria que positivamente não o podem, pois não têm as disposições orgânicas para tanto. Tendo vida psíquica, recebe pensamentos do mundo invisível, embora não lhes distinga a origem. E eis aqui mais uma lição em que Kardec volta a mencionar ausência de mediunidade nalguns raros indivíduos: “Os médiuns facultativos têm consciência do seu poder e produzem fenômenos espíritas pela própria vontade. Essa faculdade, embora inerente a espécie humana, como dissemos, não se manifesta em todos no

---

<sup>203</sup> O Livro dos Médiuns, 305.

<sup>204</sup> O Livro dos Médiuns, 220: 8ª

<sup>205</sup> O Livro dos Médiuns, 220: 14ª, e 306.

<sup>206</sup> O Livro dos Médiuns, 236.

<sup>207</sup> O Livro dos Médiuns, vocabulário espírita.

mesmo grau. Mas, se são poucas as pessoas que **não a possuem**, ainda mais raras são as que produzem grandes efeitos como a suspensão de corpos pesados no espaço, o transporte através do ar e, sobretudo, as aparições”.<sup>208</sup> Portanto, como “a faculdade propriamente dita é orgânica”,<sup>209</sup> sua simples existência, ou falta, no corpo físico de alguém, é a condição **sine qua non** para a produção, ou nulidade, mediante sua pessoa, de qualquer fenomenologia mediúnica. Vale ponderar ainda que, se raros eram, no séc. 19, os que, da mediunidade, não possuíam sequer um rudimento, na população de hoje, menos raros serão esses tais. Esta instrução nos deixará estremes de dúvidas. **Ipsis verbis:** “O mal é que muitos médiuns confundem a experiência, fruto do estudo, com a aptidão, que decorre apenas do organismo. Julgam-se elevados e mestres, porque escrevem com facilidade, rejeitam todos os conselhos e se tornam presa de espíritos mentirosos e hipócritas, que os apanham lisonjeando-lhes o orgulho”.<sup>210</sup>

## **18. ALLAN KARDEC.**

### **18.1. CODIFICADOR.**

Codificador, sim, o mestre o foi de fato, da doutrina espírita. Kardec o disse: “Em tudo isto não fiz senão recolher e coordenar metodicamente o ensino dado pelos espíritos; sem levar em conta opiniões isoladas, adotei as do maior número, afastando todas as ideias sistemáticas, individuais, excêntricas ou em contradição com os dados positivos da ciência”.<sup>211</sup> Modesto, vê-se que o grande didata

---

<sup>208</sup> O Livro dos Médiuns, 160. Cf. 188: “(...) Médiuns facultativos ou voluntários: os que têm o poder de provocar os fenômenos por um ato da própria vontade. (Ver n.º 160.) Por maior que seja essa vontade, eles nada podem se os espíritos se recusam, o que prova a intervenção de uma potência estranha”.

<sup>209</sup> O Livro dos Médiuns, 226: 1ª

<sup>210</sup> O Livro dos Médiuns, 192.

<sup>211</sup> Revista Espírita. Set/1863: Segunda Carta ao Padre Marouzeau.

minimizou sua participação; entretanto, ali, o advérbio revela sua magna importância pessoal: recolher e coordenar “metodicamente”. Não menos relevante é o fato de Kardec haver delimitado a matéria-prima do seu trabalho: o ensino espírita. Ressalte-se ainda sua condição de veterano magnetista, que decerto lhe garantiu acesso privilegiado ao mais moderno berçário teórico daquilo que viria a chamar-se **spiritism/e**. Kardec não inventou princípios, não criou nada, nem mesmo o vocábulo espiritismo. Tudo resultou do trabalho de homens e espíritos, quer no eixo anglo-americano, quer no europeu, quiçá mais além; mas, no nosso caso, em submissão à especial conjuntura dialógica dessa coleta e coordenação metódica kardeciana, sem o que houvera **spiritism**; porém não **doctrine spirite**. Codificação implica codificar, que não é só reunir, compilar; há que se fazê-lo sistematicamente.<sup>212</sup> Houve, sim, reunião, compilação; entretanto por meio de atenta inferência paradigmática de princípios, cuja fixação se deveu ao método kardeciano antes que ao simples ensino de homens e espíritos. Nenhuma relevância há no fato de estar ausente das obras do mestre essa designação, até porque demandaria o juízo do distanciamento histórico. Chamá-lo codificador só o diminuiria se lhe excluísse o esforço de coleta e coordenação metódica; no entanto o ato de codificar implicou méritos e escolhas. A suposta impertinência dessa designação seria, pois, um caso mais lexicográfico que doutrinário. A reflexão kardeciana é de fato filosófica. Pertence, pois, ao instituinte, não ao instituído. Fez diferença e, por isso, Kardec suportou críticas. Espiritismo **lato sensu** já havia; doutrina espírita, o espiritismo **stricto sensu**, contudo, ainda não existia. Os princípios doutrinários propriamente ditos, restando de escrutínios metódicos, são obra de Kardec, sim, muito embora já

---

<sup>212</sup> A.B.L., 2008.

constassem dos comunicados mediúnicos **in natura**, bem como de autores que o antecederam, sobretudo magnetistas. Assim, o fato de ser “codificador”, ou seja, de trabalhar sobre material alheio, não implica afastamento das iniciativas pessoais e determinantes de Kardec em sua produção sistematizada: a codificação kardeciana do espiritismo. Houaiss registra: “**codificar 1** reunir (p. ex.: leis) em um código”; “**código 1** conjunto sistematizado de leis ou normas”.<sup>213</sup> Essa é, precisamente, a vantagem da codificação kardeciana do espiritismo sobre as demais obras espíritas de todos os tempos. Pretendeu-se um código a expressar uma universalidade ínsita ao que, nessa matéria, seriam as leis naturais, quer físicas, quer morais. De tal modo é crucial essa reflexão identitária que, particularmente, hoje aceito até que se diga “kardecismo”, porque “espiritismo” é algo de mais vastos empregos, retroativos até, como em: “O espiritismo entre os druidas”, artigo de 1858, do próprio mestre na sua *Revista*. Os druidas leram *O Livro dos Espíritos*?<sup>214</sup>

## 18.2. MÉDIUM.

E médium? Kardec o teria sido? Diz ele que médiuns inspirados têm mais dificuldade de discernir o que lhes é sugerido daquilo que lhes é próprio, ao oposto dos médiuns intuitivos, nos quais a distinção seria mais sensível, donde médiuns inspirados constituírem um tipo de médiuns intuitivos. Segundo o mestre, sugestionados por nossos anjos guardiães, espíritos protetores e familiares, todos seríamos, ao abrigo desse entendimento, médiuns. Nenhum motivo existiria, então, para que Kardec não fosse médium, inspirado ao menos. E o era, em particular, pelo Espírito da verdade, seu guia espiritual; um fato, aliás, assumido publicamente, em que pese àquele pedido de discrição do

<sup>213</sup> 1ª ed., Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

<sup>214</sup> Cf. cap. 24 deste trabalho: Spiritism e spiritisme.

dia 25/3/1856.<sup>215</sup> No entanto, reconheceu Kardec ser assistido também por espíritos de um modo mais geral, ao mesmo tempo em que afirmou não ter nenhuma das qualidades exteriores da mediunidade efetiva.<sup>216</sup> Que quis dizer ele com isso? Que não via, nem ouvia espíritos? Ou que não lhe causavam frêmitos agindo sobre seu braço para fazê-lo escrever, nem lhe provocavam transes? Ora; a mediunidade pode ser efetiva, i. e., real, sem ser ostensiva, ou seja, manifesta à percepção alheia, donde Kardec, pois, só não lhe ter as qualidades exteriores. Observado em meio a seu trabalho por um espírito que manteve diálogo com um leitor de sua *Revista*, o mestre teria sido surpreendido a escrever certa feita, e estaria rodeado, nessa ocasião, por cerca de vinte desencarnados, que estariam murmurando acima de sua cabeça. Segundo o informante do além, Kardec os ouvia tão distintamente que olhava para todos os lados para ver de onde vinha o ruído, chegando a erguer-se, abrir a janela e checar se não seria, por acaso, o vento ou a chuva. O mestre afirmaria, depois, que tudo isso era absolutamente exato. Ficara, porém, esclarecido que só dois ou três desses cerca de vinte espíritos sopravam mais diretamente ao codificador o que deveria escrever, e que, por sua vez, julgava serem dele mesmo as ideias. Médiun, portanto, inspirado e, nesse caso, quase audiente,<sup>217</sup> o que também se deduz do fato de que a ação espiritual seria tão constante ao derredor do mestre, sobretudo a do Espírito da verdade, que mesmo ele não a podia negar.<sup>218</sup>

Desse modo, não restam dúvidas sobre a mediunidade de Kardec, ainda que a possuísse sem as qualidades exteriores da faculdade.

---

<sup>215</sup> O Livro dos Médiuns, 182. *Revista Espírita*, nov/1861: Discurso aos espíritas bordeleses. Obras Póstumas.

<sup>216</sup> *Revista Espírita*. Set/1867. Caráter da revelação espírita. Nota ao n. 45.

<sup>217</sup> *Revista Espírita*. Mai/1859. Cenas da vida privada espírita, ns. 47 a 53.

<sup>218</sup> Obras Póstumas. Imitação do evangelho, Paris, 14 de setembro de 1863.

Intuição, inspiração, semiaudiência... Pode-se ir além? Ele via os espíritos, por exemplo? Kardec ensina que quase sempre os médiuns videntes exerceriam a faculdade em estado sonambúlico, ou dele aproximado; que não raro ela seria efeito de crise passageira e, nessa medida, apresentaria, portanto, a qualidade exterior do transe. Segundo o mestre, porém, alguns videntes exercem a faculdade em estado normal, perfeitamente acordados.<sup>219</sup> **A priori**, não há desse último tipo de exercício qualquer sinal externo; é efetivo, ou seja, real, mas não ostensivo, i. e., perceptível. O mais próximo que se poderia chegar da ostensividade, nesse caso, seria a aferição das visões; p. ex., mediante um reconhecimento, por terceiros, das características dos falecidos avistados, mormente se de todo ignoradas do vidente. Por que o ressaltar? Explico-me. Kardec surpreende ao dizer que viu desencarnados atravessando chamas sem que lhes causasse dor alguma. No original: **nous en avons vu passer à travers les flammes**: já os vimos atravessar chamas; vimo-los passar através das chamas.<sup>220</sup> Para não conferir a seus textos o excesso de uma conotação impositiva e pessoal demais, escritores podem tratar a si por ‘nós’ em vez de ‘eu’. É o plural de modéstia. Quase sempre Kardec se refere a si na 1ª pessoa do plural; raramente na 1ª do singular. Mesmo que se queira imaginar, aí, a expressão de uma experiência compartilhada, ainda assim, o próprio Kardec estaria incluído na ação; doutro modo, escreveria algo como ‘foram vistos’, ou ‘têm sido vistos’ atravessar chamas, e nunca: ‘nós os vimos’, ‘os temos visto’. Entenda-se: — Eu, Kardec, os vi; os tenho visto passar pelas chamas.<sup>221</sup>

---

<sup>219</sup> O Livro dos Médiuns, 167.

<sup>220</sup> O Livro dos Espíritos, 257 (E. N. Bezerra, 1ª ed. Comemorativa do Sesquicentenário, F.E.B., 2006, p. 202, & J. Herculano Pires, 54ª ed., L.A.K.E., 1994, p. 144.)

<sup>221</sup> Cunha & Cintra. Nova Gramática do Português Contemporâneo. Cap. 11. 3ª ed., 7ª impressão, Nova Fronteira, 2001, p. 283.

O mestre também reporta sua experiência junto a um bom médium vidente que o acompanhou à ópera. Provável que fosse o sr. Adrien: “Estivemos juntos nos teatros, bailes, passeios, hospitais, cemitérios e igrejas; assistimos a enterros, casamentos, batismos e sermões; em toda parte observamos a natureza dos espíritos que ali vinham reunir-se, estabelecendo conversação com alguns deles, interrogando-os e aprendendo muitas coisas que tornaremos proveitosas aos nossos leitores”.<sup>222</sup> Ali mesmo, após um baixar da cortina, evocou e conversou com Weber, autor de Obéron. Este se afastou prometendo insuflar nos cantores mais ímpeto. Dito e feito. Nesse ínterim, Kardec surpreende ao escrever: **Alors on le vit sur la scène, planant au-dessus des acteurs; un effluve semblait partir de lui et se répandre sur eux; à ce moment, il y eut chez eux une recrudescence visible d'énergie**: Vimo-lo então sobre o palco, pairando acima dos atores. Um eflúvio parecia derramar dele para os intérpretes, espalhando-se sobre eles. Nesse momento se verificou entre eles uma visível recrudescência da energia.<sup>223</sup> A forma **vit** é 3ª p. do sing. do **passé simple**, **il vit**: ‘ele viu’. Kardec, porém, usou o pronome impessoal **on**, que equivale ao nosso: ‘a gente’, embora possa indicar também indeterminação do sujeito: ‘viu-se’; razão pela qual divergem os tradutores entre ‘a gente o viu’, ‘nós o vimos’, ‘vimo-lo’ e ‘foi visto’. O mesmo se verifica quando escreve doutra feita: **Cela dit, on le vit aller se placer**.<sup>224</sup> Desta vez, Herculano salteia a expressão: ‘dito isso, foi se colocar’. G. Ribeiro acresce artigo e substantivo inexistentes: “Dizendo isso, o médium o viu ir colocar-se”. Mas poderia ser: ‘vimo-lo ir colocar-se’, ‘o vimos ir se colocar’. O mestre, bem como os médiuns que o acompanhavam, teriam compartilhado,

<sup>222</sup> O Livro dos Médiuns, 169. Também a Revista Espírita. Dez/1858.

<sup>223</sup> O Livro dos Médiuns, 169. Trad.: J. Herculano Pires, 18ª ed., L.A.K.E., 1994, p. 176.

pois, a visão dos espíritos em tempo real? Serviram a Kardec como controle da sua pessoal dupla vista? Ou Kardec tão só confiou na boa-fé de ambos? Na vidência isolada de terceiros, nada pode provar que não se trate da imaginação do sensitivo, mormente se não há confirmação da aparência dos espíritos e suas ações, como em certos exemplos relacionados pelo mestre mesmo e relativos a mortos recentes cujos detalhes atinentes a seu aspecto puderam ser subscritos por amigos e parentes dos falecidos **in loco**.<sup>225</sup>

## **19. RACISMO.**

### **19.1. KARDEC.**

Reduzir o nível de oportunidade do espiritismo a sua dimensão ética seria desconhecê-lo. A isso respondera Kardec dizendo que, fora do ensinamento puramente moral, os resultados do espiritismo não são tão estéreis quanto pretendem alguns.<sup>226</sup> O mestre lhes é, por isso, um incômodo permanente, razão pela qual sempre buscam levantar-lhe fraquezas, a fim de tentarem minar o poder de influência que tem sua obra, e só ela, para conferir ao espiritismo uma racionalidade principiológica mínima. A limitação mais explorada tem sido o racismo emergente de algumas de suas asserções. De fato, choca o depararmos-nos com dizeres assim:

“Arago jamais será, numa pele negra, membro do Instituto”; “como organização física, os negros serão sempre os mesmos; como espíritos, trata-se, sem dúvida, de uma raça inferior, isto é, primitiva; são verdadeiras crianças às quais muito pouco se pode ensinar”; “a raça negra, enquanto raça negra, corporalmente falando, jamais atingirá o

---

<sup>224</sup> O Livro dos Médiuns, 170.

<sup>225</sup> Revista Espírita. Dez/1858. Conversas familiares de além-túmulo. Uma viúva de Malabar e A bela cordoeira.

<sup>226</sup> Revista Espírita. Ago/1865: O que ensina o espiritismo.

nível das raças caucásicas”; “os homens só nascem inferiores e subordinados pelo corpo”; “o ardor do Sol nunca transformou um branco em negro, nem lhe achatou o nariz, ou mudou a forma dos traços da fisionomia, nem lhe tornou lanzudo e encarapinhado o cabelo comprido e sedoso”; “o negro pode ser belo para o negro, como um gato é belo para um gato; mas, não é belo em sentido absoluto, porque seus traços grosseiros, seus lábios espessos acusam a materialidade dos instintos; podem exprimir as paixões violentas, mas não podem prestar-se a evidenciar os delicados matizes do sentimento, nem as modulações de um espírito fino; daí o podermos, sem fatuidade, creio, dizer-nos mais belos do que os negros e os hotentotes”.<sup>227</sup>

Felizmente, vai-se hoje a ferros caso se sustente excrescências desse tipo. Mas como exigir de um europeu do século dezenove, abolicionista e republicano que fosse, a ausência, em si, de um grau qualquer de racismo? Cumpre dimensionar a gradação desse racismo em Kardec para que se lhe faça justiça. Primeiramente, porque, nele, o racismo se deve à grave limitação biogenética e antropológica de sua época. Só mais tarde, essas ciências reduziram a pó todo conceito de superioridade racial. Depois, porque Kardec era um pedagogo humanista; jamais cogitou que estivesse fazendo algum mal ao especular com tais ideias, não raro contrabalançadas, aliás, por dizeres que, decerto, desagradavam racistas propriamente ditos, falas como as abaixo grifadas e que, de propósito, omiti acima:

“(...) como organização física, os negros serão sempre os mesmos; como espíritos, trata-se, sem dúvida, de uma raça inferior, isto é, primitiva; são verdadeiras crianças às quais muito pouco se pode

---

<sup>227</sup> Revista Espírita. Abr/1862: Frenologia espiritualista e espírita. Perfectibilidade da raça negra. A Gênese, I: 36 (Léon Denis Gráfica e Editora, 2ª ed., Rio, 2008. Trad.: Albertina Escudeiro Sêco, 4ª

ensinar. **Mas, por meio de cuidados inteligentes é sempre possível modificar certos hábitos, certas tendências, o que já constitui um progresso que levarão para outra existência e que lhes permitirá, mais tarde, tomar um envoltório em melhores condições. Trabalhando em sua melhoria, trabalha-se menos pelo seu presente que pelo seu futuro e, por pouco que se ganhe, para eles é sempre uma aquisição.**”<sup>228</sup>

“(…) a raça negra, enquanto raça negra, corporalmente falando, jamais atingirá o nível das raças caucásicas; **mas, na qualidade de espírito, é outra coisa: pode tornar-se e tornar-se-á aquilo que somos. Apenas necessitará de tempo e de melhores instrumentos.**”<sup>229</sup>

“Os homens só nascem inferiores e subordinados pelo corpo; **pelo espírito eles são iguais e livres. Daí o dever de tratar os inferiores com bondade, benevolência e humanidade, porque aquele que hoje é nosso subordinado pode ter sido nosso igual ou nosso superior, pode ser um parente ou um amigo, e nós, por nossa vez, podemos vir a ser o subordinado daquele que hoje comandamos.**”<sup>230</sup>

“O negro pode ser belo para o negro, como um gato é belo para um gato; mas, não é belo em sentido absoluto, porque seus traços grosseiros, seus lábios espessos acusam a materialidade dos instintos; podem exprimir as paixões violentas, mas não podem prestar-se a evidenciar os delicados matizes do sentimento, nem as modulações de

---

ed. francesa, 1868) e XI: 39 (FEB, 5ª ed. francesa, 1870). Obras Póstumas: Teoria da Beleza.

<sup>228</sup> Revista Espírita. Abr/1862: Frenologia espiritualista e espírita. Perfectibilidade da raça negra.

<sup>229</sup> Revista Espírita. Abr/1862: Frenologia espiritualista e espírita. Perfectibilidade da raça negra.

<sup>230</sup> A Gênese, I: 36. (Léon Denis Gráfica e Editora, 2ª ed., Rio, 2008. Trad.: Albertina Escudeiro Sêco, 4ª ed. francesa, 1868.) Obs.: Parágrafo ausente nas edições da FEB, baseadas na 5ª ed. francesa, 1870.)

um espírito fino. Daí o podermos, sem fatuidade, creio, dizer-nos mais belos do que os negros e os hotentotes. **Mas, também pode ser que, para as gerações futuras, melhoradas, sejamos o que são os hotentotes com relação a nós. E quem sabe se, quando encontrarem os nossos fósseis, elas não os tomarão pelos de alguma espécie de animais**”.<sup>231</sup>

Enquanto se acreditava que negros escravos eram seres brutos, pouco inteligentes, incorrigíveis e profundamente incapazes, Kardec sustentava, portanto, a possibilidade de encará-los sob outro prisma: o de serem tão perfectíveis quanto europeus civilizados, quer corporal, quer espiritualmente. Segundo a teoria espírita do progresso das almas pela educação intelecto-moral e pela reencarnação, a raça negra só precisaria, assim, de tempo para evoluir ao mesmo ponto corporal e espiritual da raça caucásica.<sup>232</sup> Se Kardec preconizou, desse modo, a superioridade de um grupo racial sobre os demais, o que já é, sim, racismo, o fato é que isso nunca se fez acompanhar do desejo de segregação ou extermínio de grupos étnicos, razão pela qual falo de uma justiça a lhe ser feita, porque seu racismo estava na contramão dos rumos desse tráfego nefasto. Ou seria um racista bem tipificado de nossos dias alguém que escreveu, por exemplo, isto:

“(…) o espiritismo, restituindo ao espírito o seu verdadeiro papel na criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os **estúpidos preconceitos de cor.**”<sup>233</sup> — “(…) do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de

---

<sup>231</sup> Obras Póstumas. Teoria da Beleza.

<sup>232</sup> Revista Espírita. Abr/1862: Frenologia espiritualista e espírita. Perfectibilidade da raça negra.

<sup>233</sup> Revista Espírita. Out/1861. Discurso do Sr. Allan Kardec. F.E.B., 2007, 3ª ed., p. 432.

que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à consequência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à **igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas** e à **abolição dos privilégios de raças**. Eis o que ensina o espiritismo.”<sup>234</sup> — “Com a reencarnação **desaparecem os preconceitos de raças** e de classes, pois que o mesmo espírito pode renascer rico ou pobre, grande senhor ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que supere em lógica o fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação fundamenta sobre uma lei da natureza, o princípio da fraternidade universal, ela fundamenta sobre a mesma lei **o princípio da igualdade dos direitos sociais** e, por consequência, **o da liberdade**”.<sup>235</sup>

A acusação, pois, de racismo a Allan Kardec, além de clara motivação ideológica oportunista, padece do vício de anacronismo, porque, nele, o racismo permaneceu no nível da fatalidade científica de seu tempo, sem jamais projetar-se, entretanto, no rumo da segregação social ou, menos ainda, do extermínio étnico; bem ao contrário, como se viu. Kardec via um paralelismo evolutivo entre corpo e alma; de início, admitindo que a natureza apropriara os corpos ao grau de

---

<sup>234</sup> Revista Espírita. Jun/1867. Emancipação das Mulheres nos Estados Unidos. F.E.B., 2007, 2ª ed, p. 231.

desenvolvimento dos espíritos que neles deveriam encarnar e, por fim, concluindo que os próprios espíritos modelaram seus corpos, ao longo de milênios, adequando-os a suas novas necessidades; talhando-os, por assim dizer, à sua inteligência; bem como ainda imprimindo às suas feições traços de caráter,<sup>236</sup> coisa essa, hoje, reconhecidamente esdrúxula. Progressista até sua constituição mais íntima, a **doctrine spirite** não se compadece com nenhuma forma de obscurantismo e propugna pela mais ampla e irrestrita fraternidade. O que parece mais viável nesse porém evolucionário é que as mutações adaptativas seletoras das espécies não hajam sido mera casualidade e os espíritos tenham dado mesmo sua contribuição. Onde começou, onde terminará, no entanto, não se sabe. Uma coisa é certa. Conforme o axioma do mestre espírita: **Un hasard intelligent ne serait plus le hasard**: Um acaso inteligente não seria mais acaso.<sup>237</sup>

## 19.2. SÃO LUÍS.

Antes de tudo, saiba-se que, na SPEE, frequente era que os guias se comunicassem por médiuns distintos e em épocas diferentes. A resposta de São Luís pode ter sido vazada na forma infracitada por imperfeição do trabalho de um só desses médiuns. Seria precipitado malsinar o espírito com base nessa única situação, sem evidência de isso corresponder, nele, a um padrão inferior qualquer. Na evocação de **le nègre Pa César**: o negro Pai César, além do mais, o médium atua como intermediário de dois espíritos: São Luís, que auxilia nas respostas, e o negro Pai César, submetido a essa ajuda. Existe a possibilidade de o médium não ter filtrado bem os recados, ou os ter entrecruzado. A opinião, por sinal, de que a brancura conferiria

---

<sup>235</sup> A Gênese, I: 36.

<sup>236</sup> Revista Espírita. Abr/1862: Frenologia espiritualista e espírita. Perfectibilidade da raça negra. A Gênese, XI: 11.

superioridade é, ali, não de São Luís, mas do negro Pai César e, ainda assim, não por conta da cor branca, mas das relações injustas de poder naquela sociedade. O negro Pai César chega a dizer que estava mais feliz que na Terra porque seu espírito não era mais negro; isto é, por não estar mais sujeito às humilhações aqui sofridas, não sendo o espírito rico ou pobre, homem ou mulher, velho ou criança, negro ou branco. Todavia, numa inesperada inferência, dada sua condição, afirmou o ex-escravo que os brancos eram orgulhosos de uma alvura de que não eram a causa. Parece mais São Luís, aí, do que Pai César.

De qualquer forma, causa desconforto a resposta equívoca: “9. [A São Luís]. — A raça negra é de fato uma raça inferior? Resp. — A raça negra desaparecerá da Terra. Foi feita para uma latitude diversa da vossa”.<sup>238</sup> Agora já pareceu mais o negro Pai César algo frustrado com sua encarnação anterior do que São Luís, o qual responde assim à última pergunta de Kardec: “12. [A São Luís]. — Algumas vezes os brancos reencarnam em corpos negros? Resp. — Sim. Quando, por exemplo, um senhor maltratou um escravo, pode acontecer que peça, como expiação, para viver num corpo de negro, a fim de sofrer, por sua vez, o que fez padecer os outros, progredindo por esse meio e obtendo o perdão de Deus”.<sup>239</sup> Como quer que tenha sido essa sessão com São Luís, há realmente desconfortável inferência de que a reencarnação nos corpos de negros seria apenas uma rara exceção punitiva de brancos maus (“algumas vezes”), nunca opção natural de avanço sem conteúdo necessariamente expiatório a quem quer que seja; o que só não repugna de todo à razão por saber-se das deploráveis condições impostas pelo colonialismo europeu aos

---

<sup>237</sup> O Livro dos Espíritos, 8.

<sup>238</sup> Revista Espírita. Jun/1859. O negro Pai César. F.E.B., 2007, 3ª ed., p. 245.

<sup>239</sup> Revista Espírita. Jun/1859. O negro Pai César. F.E.B., 2007, 3ª ed., p. 245.

africanos, apartados de tudo que fora um dia seu, pela ganância desenfreada da raça superior. Superior? Só se fora em vileza mercantilista melhor equipada que a dos escravagistas negros de África.

### 19.3. MPF.

Não há muito, oportunamente apareceu nota explicativa da Federação Espírita Brasileira repelindo toda possibilidade de inferência discriminatória ou preconceituosa na doutrina espírita bem entendida; motivada foi, contudo, por atuação do Ministério Público Federal. A FEB sempre foi mais dedicada a consignar notas que contestem Kardec, como a que corresponde à *Gênese*, XV, 66, defendendo o corpo fluídico de Jesus no momento mesmo em que o mestre o repele em definitivo. Eis, pois, a nota ao título da nota explicativa, a esclarecer a situação da feitura da peça: “Nota da Editora: Esta ‘Nota Explicativa’, publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na doutrina espírita”.<sup>240</sup> Como vimos, nesses trechos da doutrina não é exatamente ausência de preconceito e discriminação que se vê. Mais vale dimensioná-los que negá-los. Foi o que preferi fazer. De todo modo, dada a relevância do assunto, é de se lamentar que as referências das citações da *Revista Espírita* nessa nota explicativa febianiana hajam sido registradas algo descuidadamente. Das cinco citações diretas da *Revista*, nenhuma é vinculada ao tópico a que corresponde e só duas indicam o mês, o que dificulta sobremodo encontrá-las, e às demais, nos volumes de outras editoras. Por sinal, um dos textos foi reproduzido sem menção ao

---

<sup>240</sup> Revista Espírita. ANO I. 1858. F.E.B., 2009, 4ª ed., p. 537.

número de sua página nas edições da FEB e, ainda, reportando-se ao mês errado. Onde se lê janeiro de 1863, leia-se p. 87, fevereiro de 1863: “Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada crêem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais”.<sup>241</sup> Kardec e São Luís não foram, pois, racistas, senão na medida quase comum do tempo em que os brancos, sim, consideravam-se superiores; o mestre, porém, teve esta vantagem soberba: se os erros bioantropológicos do seu século o autorizaram a crer em raças humanas primitivas e, dessarte, que alguns nascem inferiores e subordinados pelo corpo, a isso nunca deixou Kardec de contrapor a medida libertária do pensamento espírita, de que, pelo espírito, somos iguais e livres, nem homens nem mulheres, nem crianças nem velhos, nem ricos nem pobres, nem brancos nem negros, o que levou o mestre à postura marcadamente política da defesa da igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e da abolição dos privilégios de raças. Quem dera todos os racistas pensassem hoje assim.

## 20. HOMOSSEXUALIDADE.

O espiritismo não trata de orientações sexuais para além da heterossexualidade, nem poderia; à época de sua formulação, os limites das ciências ainda bem estreitos eram para tanto. Kardec, porém, chegou a ensaiar instigante tese no artigo inaugural da sua *Revista* de jan/1866. Disse o mestre que o espírito se ressentiria da injunção do organismo, o que, segundo ele, poderia modificar o caráter, por conta da submissão às exigências do estado de encarnação.

---

<sup>241</sup> Revista Espírita. Fev/1863. A Loucura Espírita. F.E.B., 2007, 3ª ed., p. 87.

Essa influência não desapareceria logo após a morte; a alma não perderia, pois, instantaneamente, a despeito de já livre, seus gostos e hábitos terrenos. É assim que sucessivas encarnações num mesmo sexo poderiam levá-la a fixar caráter masculino ou feminino, cuja marca nela ficaria impressa. Só depois de atingir certo grau de adiantamento, a repercussão da matéria no espírito desapareceria e, se assim posso dizer, também essa sexualidade periférica, pois o espírito, em si, não teria sexo algum, donde encarnar normalmente em ambas as polaridades a fim de lhes deprender aprendizados. Se a rota dessa influência segue do corpo à alma, o mesmo se verificaria da alma ao corpo. Desse modo, o caráter e as inclinações dos espíritos, quando encarnados, viriam a constituir os homens e as mulheres, avançados ou atrasados; razão pela qual concluiu Kardec: “Mudando de sexo, sob essa impressão e em sua nova encarnação, poderá conservar os gostos, as inclinações e o caráter inerentes ao sexo que acaba de deixar. Assim se explicam certas anomalias aparentes que se notam no caráter de certos homens e de certas mulheres”.

Essa tese não chegou a ser submetida ao ensino geral dos espíritos. O que, no entanto, esse ensino consigna é que a encarnação se verifica nos dois gêneros para que o espírito possa auferir-lhes a síntese de experiências. Nosso condicionamento cultural, todavia, tem apostado o selo da normalidade nesta via exclusiva de mão dupla para a libido: homens a mulheres e vice-versa. Ora; Kardec chama o que disso se afasta de anomalia, é verdade; contudo anomalia aparente. E por quê? Ele mesmo já o dissera. O espírito pode conservar gostos, inclinações e caráter do sexo que haja ocupado por vidas a fio e, assim, manifestá-los a despeito de nova e inversa condição física. Isso, para Kardec, nada mais é que efeito esperado e, portanto, aparentemente anômalo, porque corresponderia, na natureza, apenas a mais um entre tantos

nexos causais, cujo desvelo o mestre enxergou, de novo, no mais determinante motor de seu pensamento filosófico, quase ausente nos espíritas anglo-americanos: a reencarnação. Presumível consequência, então, do histórico da causalidade espiritual. Tão só. Dessarte, Kardec não condena a homoafetividade; tenta explicá-la. Nada lhe recomenda, por sinal, que já não o faça a todo o gênero humano: desmaterialização dos hábitos, moderação dos apetites grosseiros. Reprovar a homoafetividade? Forçar Kardec a reprová-la? Nem uma coisa nem outra. Fraternalmente, amemo-nos uns aos outros, sem distinção. A sensibilidade ética que sempre mais nos eleva, pelo senso de justiça e compaixão que possamos vivenciar conforme Jesus: eis o que importa.

## 21. ESSÊNCIA BENIGNA.

Assim diz a escritura: “Todos levam teu espírito incorruptível! Por isso, pouco a pouco corriges os que caem, e os admoestas, lembrando-lhes as faltas, para que se afastem do mal e creiam em ti, Senhor”.<sup>242</sup>

Haveria fundamento para essa maneira de pensar entre kardecistas? Creio que sim. De idêntico modo podemos entender esta instrução do fundador da filosofia espírita: “A alma humana, emanção divina, leva nela o germe ou princípio do bem, que é seu objetivo final, e deve fazê-la triunfar das imperfeições inerentes ao seu estado de inferioridade na Terra”.<sup>243</sup> O espírito Dufêtre, no mesmo sentido, ensina: “(...) se o coração humano é um abismo de corrupção, sempre existe em algumas de suas partes mais secretas o germe de bons sentimentos, centelha viva da essência espiritual”.<sup>244</sup> O espírito Fénelon, consoante, sustenta: “O amor é de essência divina e, do primeiro ao último de vós, todos possuís, no fundo do coração, a centelha desse fogo sagrado. (...) por

<sup>242</sup> Sabedoria, XII, 1-2. A Bíblia de Jerusalém.

<sup>243</sup> Revista Espírita. Abr/1869. Profissão de Fé Espírita Americana, n. 18. Edicel.

<sup>244</sup> O Evangelho segundo o Espiritismo, X: 18.

mais que procurem, não conseguem fazer desaparecer o germe vivaz que Deus colocou em seu coração, no momento em que os criou. Esse germe se desenvolve e cresce com a moralidade e a inteligência (...) Não acrediteis na dureza e na insensibilidade do coração humano, mesmo a contragosto ele cede ao verdadeiro amor; é um ímã ao qual ele não pode resistir, e o contato desse amor vivifica e fecunda os germes dessa virtude que está em vossos corações em estado latente”.<sup>245</sup> Ainda no **best-seller** da codificação kardeciana, garante um espírito protetor: “Deus, em sua misericórdia infinita, colocou no fundo do vosso coração uma sentinela vigilante, que se chama consciência. Escutai-a, porque ela só vos dará bons conselhos. Às vezes podereis entorpecê-la, opondo-lhe o espírito do mal; então, ela se cala. Mas ficai seguros de que a pobre desprezada se fará ouvir no momento em que deixardes perceber a sombra do remorso. Escutai-a, interrogai-a, e, muitas vezes, sereis consolados pelos seus conselhos”.<sup>246</sup>

Tudo isso remete flagrantemente ao que a tradição cristã, em verdade, sempre chamou o Espírito Santo, ou o Santo Espírito, i. é, o nosso potencial divino, o germe do bem, a centelha viva da essência espiritual, donde, talvez, o quarto evangelho canônico estender a todos o que só aos juízes de Israel estava dito no Salmo 82, v. 6: “Vós sois Elohim (deuses). E todos vós sois filhos do Altíssimo”. Aos que digam que exorbito, recordarei o frontispício da *Revista Espírita* de Allan Kardec, no sentido de ser por demais extenso esse capítulo da história do espiritismo na antiguidade, integrando as infindas tentativas de explicar as lendas e as crenças populares, bem como a mitologia de todos os povos.

## 22. RESIGNAÇÃO.

---

<sup>245</sup> O Evangelho segundo o Espiritismo, XI, 9.

<sup>246</sup> O Evangelho segundo o Espiritismo, XIII, 10.

A cada ciência o seu objeto. O espiritismo cuida da alma, vê pelo prisma da evolução do espírito. Tudo certo, mas sempre em termos. Onde está dito na doutrina espírita que a resignação seja passividade ante as injustiças e os desmandos de quem detém poder, seja político, seja também econômico, aliás sempre mancomunados? O que devemos fazer como bons espíritas? O que é caridade nesse caso? Kardec diz sobre o bom espírita: “Possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem esperar paga alguma; retribui o mal com o bem, toma a defesa do fraco contra o forte e sacrifica sempre seus interesses à justiça”.<sup>247</sup> Por que será então que quando se critica o capitalismo, ou mais propriamente as formas de sua sociabilidade usurária, alguém sempre lembra do tema resignação de modo seletivo, aconselhado ao socialista, ao comunista, visto como revoltado sem causa, invejoso inconsequente, ou, por outra, ao pobre, julgado em provas ou expiações inamovíveis tão só? Leia-se isto: “Pode dar-se que um homem nasça em posição penosa e difícil, precisamente para se ver obrigado a procurar meios de vencer as dificuldades. O mérito consiste em sofrer, sem murmurar, as consequências dos males que lhe não seja possível evitar, em perseverar na luta, em se não desesperar, se não é bem-sucedido; nunca, porém, numa negligência que seria mais preguiça do que virtude.”<sup>248</sup> Sofrer sem murmurar, mas não sem lutar; não é o conformismo que se aconselha. Ora; exatamente quais efeitos de que males não nos seria possível evitar? Os resultados maléficis, por exemplo, que mais amplamente considerados se conjugam na desigualdade das condições sociais, ao contrário do que se

---

<sup>247</sup> O Evangelho segundo o Espiritismo, XVII: 3. Obs.: O período estava assim originalmente: “Possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem contar com qualquer retribuição, e sacrifica seus interesses à justiça”. (O Livro dos Espíritos, 918.) Portanto, Kardec lhe impôs as alterações “retribui o mal com o bem, toma a defesa do fraco contra o forte.”

<sup>248</sup> O Evangelho segundo o Espiritismo, V: 26.

propala, de modo nenhum vêm a constituir uma lei da natureza, uma obra de Deus; segundo os guias kardecistas, essa desigualdade exclusivamente se deve ao ser humano.<sup>249</sup> De fato, somos, pois, estimulados a lutar, a melhorar de vida e a própria vida, excluídas extravagâncias ridículas do egoísmo, e não a nos conformar com miséria ou pobreza, seja nossa, seja alheia, menos ainda frente aos desmandos que as ocasionam e impedem que, **exempli gratia**, o trabalho honesto prevaleça; quem se impõe em geral são as manipulações do capital especulativo, ao atingirem os setores público e/ou privado, quebrando mesmo quem produz desde que isso interesse a uns poucos, em detrimento das reais necessidades de bilhões de seres, que restam desprezados ante nefandas maquinações numéricas, que a mobilização consciente da maioria explorada, por sinal, reduziria a pó.

A resignação bem entendida, como fonte de serenidade e discernimento em meio às lutas físicas e morais, não deve ser lembrada no interesse e fomento da alienação ou do imobilismo na doutrina espírita, porque, nesta, a isso não corresponde. Nem se deve abusar, outrossim, do princípio de submissão às leis. É sabido que direito e justiça nem sempre marcham **pari passu**. Por lapidar, leia-se até mais não poder: “Não digais, pois, quando virdes atingido um dos vossos irmãos: ‘É a justiça de Deus, importa que siga o seu curso.’ Dizei antes: ‘Vejam os meios que o Pai misericordioso me pôs ao alcance para suavizar o sofrimento do meu irmão. Vejam se as minhas consolações morais, o meu amparo material ou meus conselhos poderão ajudá-lo a vencer essa prova com mais energia, paciência e resignação. Vejam mesmo se Deus não me pôs nas mãos os meios de fazer que cesse esse sofrimento; se não me deu a mim, também como

---

<sup>249</sup> O Livro dos Espíritos, 806.

prova, como expiação talvez, deter o mal e substituí-lo pela paz”<sup>250</sup> E à eventual falácia meritocrática neoliberal, recomendem-se estes desvelamentos: “O orgulho é o terrível adversário da humildade. Se o Cristo prometia o Reino dos Céus aos mais pobres, é porque os grandes da Terra imaginam que os títulos e as riquezas são recompensas deferidas aos seus méritos e se consideram de essência mais pura do que a do pobre. Julgam que os títulos e as riquezas lhes são devidos, pelo que, quando Deus lhes retira, o acusam de injustiça. Oh! irrisão e cegueira!”<sup>251</sup> — “Infelizmente, sempre há no homem que possui bens de fortuna um sentimento tão forte quanto o apego aos mesmos bens: é o orgulho. Não raro, vê-se-o atordoar, com a narrativa de seus trabalhos e de suas habilidades, o desgraçado que lhe pede assistência, em vez de acudi-lo, e acabar dizendo: ‘Faça o que eu fiz.’ Segundo o seu modo de ver, a bondade de Deus não entra por coisa alguma na obtenção da riqueza que conseguiu acumular; pertence-lhe a ele, exclusivamente, o mérito de a possuir. O orgulho lhe põe sobre os olhos uma venda e lhe tapa os ouvidos. Apesar de toda a sua inteligência e de toda a sua aptidão, não compreende que, com uma só palavra, Deus o pode lançar por terra”<sup>252</sup>.

### 23. ESPIRITISMO E COMUNISMO.

Inserta no terceiro dos discursos proferidos em Lyon e Bordeaux (1862), está a crítica de Kardec aos sistemas de reforma social que visam, ao fim, qualquer tipo de comunismo;<sup>253</sup> ao mesmo tempo, trata-

<sup>250</sup> O Evangelho segundo o Espiritismo, V: 27.

<sup>251</sup> O Evangelho segundo o Espiritismo, VII: 11.

<sup>252</sup> O Evangelho segundo o Espiritismo, XVI: 14.

<sup>253</sup> O socialismo seria um lapso temporal, pós-revolucionário ou não, que conduziria ao comunismo; transição, portanto, em que a mais ampla democracia de massas extinguiria a sociedade de classes e seus fundamentos (sobretudo a propriedade privada dos meios de produção e o Estado), pondo fim à exploração do homem pelo homem e viabilizando, mediante livres associações de livres produtores, o desenvolvimento de um como condição do desenvolvimento de todos, a nova ordem social: o comunismo. O socialismo seria algo menos

se de uma defesa contra assertivas de adesão espírita a tais sistemas, no intuito de indispor a nova doutrina com a ditadura de Napoleão III, intrigas da Igreja católica, estreitamente ligada àquele regime. Concentra-se a crítica do mestre na inviabilidade desses sistemas por conta, sobretudo, do estado moral da humanidade, composta, segundo o espiritismo, por almas da terceira ordem da escala espírita, ou seja, nas quais a influência da matéria ainda é dominante, donde a origem do seu vício radical: o egoísmo, incompatível com a justiça, o amor e a caridade.<sup>254</sup> Tais sistemas levariam, no dizer de Kardec, a um estado de comunidade fundado na completa abnegação da personalidade e, por efeito, requerendo o devotamento mais absoluto, o que só se sustentaria, na opinião do mestre, havendo, em todos os homens, o móvel da abnegação: a caridade, o amor ao próximo. Baseado na evidente insuficiência dessas virtudes neste mundo — e, ao contrário do que fizera doutras vezes, sem divisar a relevância do meio social melhorado para uma conseqüente melhora dos indivíduos nele postos

---

programático que analítico e crítico, ao contrário do comunismo. Talvez seja muito desconcertante para quem julga Marx o pai das atrocidades tidas e havidas como socialistas ou comunistas, mas a verdade é que, sobre a economia ou instituições econômicas do socialismo, bem como acerca da forma concreta da sociedade comunista, ele, deliberadamente, nada declarou de modo específico, senão que apenas uma sociedade socialista poderia construir a comunista. A primeira teoria sobre uma economia socialista centralizada, aliás, sequer partiu de um socialista: de Enrico Barone, economista italiano, em 1908. (Cf. NETTO, José Paulo. O Que É Marxismo. São Paulo: Brasiliense, 2009. HOBBSBOWM, E. J. Como Mudar o Mundo. São Paulo: Schwarcz, 2011.) Em função da variedade de concepções desses conceitos, o plural é mais correto: comunismos, socialismos. Já o discurso kardeciano a que me refiro se encontra na brochura Viagem Espírita em 1862. Kardec reporta seus leitores a essa peça quando defende a doutrina das injúrias do bispo do Texas em sermão proferido na igreja de Saint-Nizier: — “O espiritismo vem destruir a família, aviltar a mulher, pregar o suicídio, o adultério e o aborto, preconizar o comunismo, dissolver a sociedade.” — Ao que responde o mestre: — “Temos necessidade de refutar semelhantes asserções? Não; basta remeter ao estudo da doutrina, à leitura do que ela ensina, que é o que se faz em toda parte. Quem poderá acreditar que pregamos o comunismo depois das instruções que demos a respeito no discurso publicado **in extenso** no relatório de nossa viagem em 1862? Quem poderá ver nas palavras seguintes uma excitação à anarquia, encontradas na mesma brochura, página 58: ‘Em todo o caso, os espíritas devem ser os primeiros a dar exemplo de submissão às leis, caso a isso sejam convocados’.” (Revista Espírita. Fev/1863: Sermões contra o espiritismo.) Obs.: Cf. cap. 22 deste trabalho: Resignação.

<sup>254</sup> O Livro dos Espíritos, 101, 913 e 917.

—, Kardec sentencia: 1) “a totalidade das riquezas, postas em comum, criaria uma miséria geral ao invés de uma miséria parcial”; 2) “a igualdade, estabelecida hoje, seria rompida amanhã pela mobilidade da população e a diferença entre aptidões”; 3) “a igualdade permanente de bens supõe a igualdade de capacidades e de trabalho”; 4) “A experiência aí está, diante de nossos olhos, para provar que eles não extinguem nem as ambições nem a cupidez. Antes de fazer a coisa para os homens, é preciso formar os homens para a coisa. (...) de que maneira, sob o império do egoísmo, fundar um sistema que requeira a abnegação em um sentido tão amplo que tenha por princípio essencial a solidariedade de todos para cada um e de cada um para com todos?”. E o espiritismo afinal quer o quê, senão isso a fim de contas? Bem... Mas a que experiência se refere Kardec? 1) à dos socialismos revolucionários, que bem se resume nestas palavras do prof. José Paulo Netto: “(...) as insurreições proletárias de 1848 e sua repressão pela burguesia (associada à nobreza que ela viera de derrocar) liquidaram as ‘ilusões heroicas’ da Revolução Francesa e puseram a nu o caráter opressor da organização social dela derivada”;<sup>255</sup> 2) à dos socialismos utópicos; em especial, de Saint-Simon, Fourier e Owen, a quem o socialismo científico de Marx e Engels, por sinal, deve importantes matizes — exploração do homem pelo homem, abolição do Estado, princípio distributivista segundo capacidades e necessidades etc. —, mas nos quais, segundo estes últimos, havia muitas deficiências teóricas, tais como: 1) “da mesma maneira que os enciclopedistas, não se propõem emancipar primeiramente uma classe determinada, mas, de chofre, toda a humanidade”;<sup>256</sup> 2) “comunismo ainda totalmente rude e irrefletido” por ser “apenas a expressão

<sup>255</sup> NETTO, José Paulo. O Que É Marxismo. Os pressupostos da teoria social de Marx. p. 12.

<sup>256</sup> ENGELS, F. Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico.

consequente da propriedade privada”, no qual a “inveja e o desejo de nivelamento”, “pelo menos contra a propriedade mais rica”, repisam “a essência da concorrência”, conduzindo a um minimalismo representativo que “tem uma medida limitada determinada” e, desse modo, “nega a personalidade do homem”, donde, pois, nesse comunismo rude, “a negação abstrata do mundo inteiro da cultura e da civilização; o retorno à simplicidade não natural do ser humano pobre sem carências que não ultrapassou a propriedade privada, nem mesmo até ela chegou”;<sup>257</sup> 3) falta de uma análise econômica mais abrangente da propriedade privada como base da exploração capitalista; 4) essência apolítica, não reconhecimento da missão histórica do proletariado: ser o coveiro da sociedade de classes na ação revolucionária.<sup>258</sup>

---

<sup>257</sup> Manuscritos Econômico-Filosóficos. Propriedade privada e comunismo. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 104. Obs.: Bem se vê que os espíritos que responderam ao n. 811 do livro que lhes traz o nome estão de acordo com o que, antes deles, escreveu Marx, em 1844. Como foi dito a Kardec, muitos se movem mais por ambição e inveja do que pela busca de menor desigualdade numa organização social que se quer assim mais justa. Marx critica essas pretensões comunistas porque integram um comunismo “ainda totalmente rude e irrefletido”, que “nega a personalidade do homem” e representa, assim, “a negação abstrata do mundo inteiro da cultura e da civilização”, sendo “um retorno à simplicidade não natural do ser humano pobre sem carências que não ultrapassou a propriedade privada, nem mesmo até ela chegou”. Ora; foi contra esse “comunismo antissocial” de “legislações conventuais” que “aniquilam brutalmente os indivíduos” que o espírito Erasto, assim como Marx, também se levantou. Falta a Marx a “solução” do espírito e da reencarnação. Mas já tarda a cidadania científica do espiritismo e a concretização da regeneração, em que os indivíduos depurados em sínteses de amor sejam a maioria do gênero humano. Ora; até espíritas são vistos com todos os indicativos do fascismo mais tosco. O fato é que o horizonte kardecista de uma civilização em que todos pratiquem a lei de justiça não se afigura hoje, concretamente, menos utópico do que qualquer comunismo. (Cf. MARX, Karl. Manuscritos Econômico-Filosóficos. Propriedade privada e comunismo. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 104. HOBBSBOWM, Eric J. Como Mudar o Mundo. Cap. 5. O Manifesto Comunista. Cap 7. Marx e as formações pré-capitalistas. KARDEC, Allan. Revista Espírita. Out/1861. Epístola de Erasto aos Espíritas Lioneses.)

<sup>258</sup> Razão pela qual escreveu L. Denis: “Eu me coloquei entre os socialistas. (...) Mas reprovoo o socialismo materialista, que só semeia o ódio entre os homens e, por conseguinte, permanece infecundo e destrutivo, como se pode ver na Rússia. Sou evolucionista e não revolucionário”. (Socialismo e Espiritismo. Cap. VII. 1ª ed. Matão: O Clarim, 1982, p. 126.) Todavia, segundo Hobsbawm, o socialismo marxiano diferia dos predecessores utópicos, entre outras, justamente por inserir o socialismo no quadro de uma análise histórica evolucionista, tornando a sociedade socialista um produto do desenvolvimento histórico do próprio capitalismo. (Cf. HOBBSBOWM, Eric J. Como Mudar o Mundo. Cap. 2. Marx, Engels e o socialismo pré-marxiano.) Saint-Simon, Fourier (franceses) e Owen (escocês) são postos por Marx e Engels (alemães) entre os fundadores de “sistemas socialistas e comunistas propriamente ditos”, que “compreendem bem o antagonismo

Sem me deter, como Kardec, apenas na cogitação moral, dela farei antes uma âncora. Admitamos, pois, factível, por mais imponderável, a destruição do ascendente egoísta, que os espíritos predizem e para o que afirmam concorrer.<sup>259</sup> Ora; isso não equivaleria a um tipo de

---

das classes”, mas aos quais chamaram “crítico-utópicos”, porque “rejeitam toda ação política e, sobretudo, toda ação revolucionária; procuram atingir seu objetivo por meios pacíficos e tentam abrir um caminho ao novo evangelho social pela força do exemplo, com experiências em pequena escala e que naturalmente sempre fracassam.” (Manifesto Comunista. 3. O socialismo e o comunismo crítico-utópicos. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 66/7.) Diante da convergência da profissão de fé do fourierista M. Briancourt com o espiritismo — no que toca à metafísica e à moral —, o próprio Kardec chegou a dizer: “compreende-se que fourieristas e espíritas possam dar-se as mãos”. De fato, **Charles Fourier**, filósofo e economista morto em 1837, previu, já em 1826, a eclosão dos fenômenos espíritas modernos, crendo na alma e na reencarnação, inclusive. (Cf. KARDEC, Allan. Revista Espírita. Mar/1869. O espiritismo em toda parte.) **Saint-Simon**, filósofo e economista morto em 1825, cujas ideias são consideradas o embrião do pensamento socialista, é pioneiro no conceito de que a Revolução Francesa foi uma luta de classes e de que se deve condicionar o direito ao usufruto dos bens da sociedade a quem trabalha, defendendo por necessário o embate entre os que trabalham e os ociosos. **Robert Owen**, empresário morto em 1858, instituiu jornada de 10h30min a seus empregados — à época eram comuns 14h —, bem como berçários e escolas-modelo aos filhos destes. Fundou nos Estados Unidos, em 1825, a comunidade Nova Harmonia; fracassando, retornou à Grã-Bretanha em 1829. Segundo W. Rodrigues: “Owen converteu-se ao espiritismo, fundando na Inglaterra o primeiro centro espírita daquele país. Seu filho, R. D. Owen, é célebre escritor espírita, autor de vários clássicos, entre os quais *Região em Litígio entre este Mundo e o Outro*”. (Viagem Espírita em 1862. 2ª ed. Matão: O Clarim, s/d, p. 84/5.) Com efeito, dos três pensadores citados, só R. Owen era por Marx e Engels chamado “comunista”. (Cf. HOBBSBOWM, Eric J. Como Mudar o Mundo. Cap. 2. Marx, Engels e o socialismo pré-marxiano.) Sobre Owen, assenta Engels em seu clássico de 1892: “(...) um homem cuja pureza quase infantil tocava às raias do sublime e que era, ao lado disso, um condutor de homens como poucos. Robert Owen assimilara os ensinamentos dos filósofos materialistas do século XVIII, segundo os quais o caráter do homem é, de um lado, produto de sua organização inata e, de outro, fruto das circunstâncias que envolvem o homem durante sua vida, sobretudo durante o período de seu desenvolvimento (...) O avanço para o comunismo constitui um momento crucial na vida de Owen. Enquanto se limitara a atuar só como filantropo, não colhera senão riquezas, aplausos, honra e fama. Era o homem mais popular da Europa. Não só os homens de sua classe e posição social, mas também os governantes e os príncipes o escutavam e o aprovavam. No momento, porém, em que formulou suas teorias comunistas, virou-se a página. Eram precisamente três grandes obstáculos, os que, segundo ele, se erguiam em seu caminho da reforma social: a propriedade privada, a religião e a forma atual do casamento (...) E não ignorava ao que se expunha atacando-os: à execração de toda a sociedade oficial e à perda de sua posição social. Mas isso não o deteve em seus ataques implacáveis contra aquelas instituições, e ocorreu o que ele previa. Desterrado pela sociedade oficial, ignorado completamente pela imprensa, arruinado por suas fracassadas experiências comunistas na América, às quais sacrificou toda a sua fortuna, dirigiu-se à classe operária, no seio da qual atuou ainda durante trinta anos. Todos os movimentos sociais, todos os progressos reais registrados na Inglaterra em interesse da classe trabalhadora, estão ligados ao nome de Owen”. (Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico.)

<sup>259</sup> Observe-se este interessante contraponto de Engels: “As concepções dos utopistas dominaram durante muito tempo as ideias socialistas do século XIX, e em parte ainda hoje as dominam. Rendiam-lhes homenagens, até há muito pouco tempo, todos os socialistas franceses e ingleses e a eles se deve também o incipiente comunismo alemão, incluindo Weitling. Para todos eles, o socialismo é a expressão da verdade absoluta, da razão e da justiça, e é bastante revelá-lo para, graças à sua virtude, conquistar o mundo. E, como a verdade absoluta não está

superação do sistema-mundo que, concentrador e periodicamente em crise por natureza, não comporta a solidariedade de todos para cada um e de um para com todos, porque a aprisiona na eventualidade altruísta que, se erigida em lei, implodiria aquele sistema? Para que “coisa”, em 1862, eram os homens formados e, mais que isso, para que “coisa” permanecem a ser formados? Kardec nem deixa de cogitá-lo doutras feitas, sobrelevando até a influência social no caráter humano, como se verá. Não sem motivos, divisa Marx em seu materialismo dialético-histórico: “(...) assim como a sociedade mesma produz o homem enquanto homem, assim ela é produzida por meio dele. (...) Acima de tudo é preciso evitar fixar (...) a ‘sociedade’ como abstração frente ao indivíduo. O indivíduo é o ser social”.<sup>260</sup> Inegavelmente, ao transformar

---

sujeita a condições de espaço e de tempo nem ao desenvolvimento histórico da humanidade, só o acaso pode decidir quando e onde essa descoberta se revelará. Acrescente-se a isso que a verdade absoluta, a razão e a justiça variam com os fundadores de cada escola; e como o caráter específico da verdade absoluta, da razão e da justiça está condicionado, por sua vez, em cada um deles, pela inteligência pessoal, condições de vida, estado de cultura e disciplina mental, resulta que nesse conflito de verdades absolutas a única solução é que elas vão acomodando-se umas às outras. E, assim, era inevitável que surgisse uma espécie de socialismo eclético e medíocre, como o que, com efeito, continua imperando ainda nas cabeças da maior parte dos operários socialistas da França e da Inglaterra: uma mistura extraordinariamente variegada e cheia de matizes, compostas de desabaços críticos, princípios econômicos e as imagens sociais do futuro menos discutíveis dos diversos fundadores de seitas, mistura tanto mais fácil de compor quanto mais os ingredientes individuais iam perdendo, na torrente da discussão, os seus contornos sutis e agudos, como as pedras limadas pela corrente de um rio. Para converter o socialismo em ciência era necessário, antes de tudo, situá-lo no terreno da realidade”. (Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico.)

<sup>260</sup> Manuscritos Econômico-Filosóficos (1844). Propriedade privada e comunismo. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 106/7. Mais tarde, Marx escreve: “O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência”. (Para a Crítica da Economia Política, 1859. Prefácio. Cf. NETTO, José Paulo. O Que É Marxismo. Uma teoria da sociedade burguesa. p. 26.) Uma leitura superficial induziria ao erro de que restaria, assim, negado o livre-arbítrio ou a capacidade humana de autotransformação. O que Marx pensa é que ambos não ocorrem abstraídos os fatores circunstanciais em que se verificam nem tampouco, nesse ínterim, deveriam eximir-se de alterá-los. Já em 1845, ele critica a rudeza do mecanicismo e até confere papel-chave à educação e ao educador: “A doutrina materialista sobre a modificação das circunstâncias e da educação esquece que as circunstâncias são modificadas pelos homens e que o próprio educador tem de ser educado. (...) A coincidência entre a alteração das circunstâncias e a atividade ou automodificação humanas só pode ser apreendida e racionalmente entendida como prática revolucionária”. (Ad Feuerbach. In A Ideologia Alemã. São Paulo: Boitempo, 2014, pp. 533/34.) Marx e Engels creem que não há espírito, que o homem se deve, basicamente, “a uma determinada forma social, a determinadas condições de produção e intercâmbio.” (Ad Feuerbach. In A Ideologia Alemã. Boitempo, 2014. p.

nosso meio, somos por ele transformados; uma dialética, aliás, que a doutrina espírita não pretende negar, mas ampliar, somando-lhe o elemento espiritual intrínseco à natureza: este influi na matéria e vice-versa.<sup>261</sup> Em contrapartida ao discurso assaz idealista de 1862, passo a citar um Kardec mais dialético, que começa admitindo os primeiros versículos do evangelho comunista — o antagonismo entre classes, a opressão da lei e o império das influências mesológicas — e termina ordenando reformas sociais: 1) “haverá luta, luta sangrenta, de extermínio, porque são dois elementos” — a) classes mais elevadas sem sentimento do bem, só com o instinto do eu; b) classes inferiores, bem como raças mais fracas, ambas escravizadas — “dois elementos que têm interesses opostos e, para proteger os bens e as pessoas, serão necessárias leis; mas essas leis serão ditadas pelo interesse pessoal e não pela justiça; é o forte que as fará, em detrimento do fraco”;<sup>262</sup> 2) “por toda parte onde a lei consagra medidas injustas, contrárias à humanidade, as boas influências parciais ficam perdidas na multidão, como espigas isoladas em meio de espinheiros”;<sup>263</sup> 3) “com uma

---

250, a.) No entanto, como se viu, apostam numa dialética que não só promoveria como também manteria uma ordem superior à atual. Assim, os próprios proletários comunistas, erguidos ao poder em sua revolução, não continuariam encarnando os velhos paradigmas burgueses. Escrevem Marx e Engels: “(...) eles sabem muito bem que somente sob circunstâncias transformadas poderão deixar e ser ‘os velhos’ e, por essa razão, estão decididos a modificar essas circunstâncias na primeira oportunidade. Na atividade revolucionária, o transformar a si mesmo coincide com o transformar as circunstâncias”. (Ad Feuerbach. In *A Ideologia Alemã*. Boitempo, 2014. p. 209.) Isso aplicado ao kardecismo se formularia assim: Ao me transformar moralmente, ao transformar a mim mesmo, devo fazer que esse movimento de alma impacte socialmente, transforme circunstâncias para que nasça um ciclo estruturalmente virtuoso; caso contrário, essa boa influência, restrita a um não impacto ou a um pífio impacto social, mais se assemelha à própria imagem kardeciana da espiga dourada no meio dos espinheiros, oriunda do comentário ao n. 521 de *O Livro dos Espíritos*. Sempre me restará, claro, a promessa, apesar de postergada ao infinito, da regeneração deste mundo ou, enquanto não o vejo nessas condições, quiçá do meu eventual ingresso nalgum outro em que tal regeneração já exista concretamente ou, o que é menos provável ainda, uma situação espiritual liberta da necessidade de uma encarnação qualquer.

<sup>261</sup> PIRES, J. Herculano. *Espiritismo Dialético*. In MARIOTTI, H. *Dialética e Metapsíquica*. Prefácio. Édipo, 1951. A Fagulha, 1971.

<sup>262</sup> *Revista Espírita*. Mar/1858: Júpiter e alguns outros Mundos.

<sup>263</sup> *O Livro dos Espíritos*, 521.

organização social previdente e sábia, o homem não padece necessidades senão por sua culpa; mas essas culpas são frequentemente o resultado do meio em que ele vive”;<sup>264</sup> 4) “quando se pensa na massa de indivíduos diariamente lançados na corrente da população, sem princípios, sem freios, entregues aos próprios instintos, não é de se admirar as consequências desastrosas desse fato”;<sup>265</sup> 5) “destruí nas leis, nas instituições, nas religiões, na educação, até os últimos vestígios, os tempos de barbárie e de privilégios, e todas as causas que mantêm e desenvolvem esses eternos obstáculos ao verdadeiro progresso, que se recebe, por assim dizer, desde a meninice e que se aspira por todos os poros na atmosfera social”.<sup>266</sup> Sem desprezo pelo que concorra à formação do caráter humano por via endógena, sempre posto por ele na primeira linha de ação, mais não propugna Kardec, nessas tomadas dialéticas, senão pelo que conduza, **pari passu**, ao fomento de um ciclo virtuoso de circunstâncias capazes de engendrar pessoas melhores, não só, mas também por via exógena; sobretudo mediante quanto venha minimizar a pressão, no indivíduo, do choque do egoísmo alheio, que leva muitos a se colocarem numa eterna defensiva, ciclo vicioso, pois, que os aferra, para além de sua virtual boa vontade, à imperfeição-mor de sua alma.<sup>267</sup> “Os números são frios.” “**The time is money.**” Etc. Etc. Nessa performance discursiva da Viagem em 1862, tão conseqüente com a doutrina moral espírita quanto conveniente ao

---

<sup>264</sup> O Livro dos Espíritos, 930.

<sup>265</sup> O Livro dos Espíritos, 685.

<sup>266</sup> Obras Póstumas. Liberdade, igualdade, fraternidade. Obs.: Chamaram-me a atenção semiótica a imperatividade manifesta pelo verbo destruir e a impaciência implícita no adjetivo eternos.

<sup>267</sup> O Livro dos Espíritos, 917. Obs.: O autor de além-túmulo dirá noutro livro de Kardec: “A lei de amor substitui a personalidade pela fusão dos seres; extingue as misérias sociais. Ditoso aquele que, ultrapassando a sua humanidade, ama com amplo amor os seus irmãos em sofrimento”. E mais: “Pobres irmãos! o vosso afeto vos torna egoístas; o vosso amor se restringe a um círculo íntimo de parentes e de amigos, sendo-vos indiferentes os demais. Pois bem! para praticardes a lei de amor, tal como Deus o entende, preciso se faz chegueis passo a passo a amar a todos os vossos irmãos indistintamente”. (O Evangelho segundo o Espiritismo, XI: 8-9.)

rígido controle imperial dos discursos públicos, todos os comunismos são por Kardec submetidos ao mesmo signo reducionista de uma igualdade absoluta e permanente de bens, a ser de pronto estabelecida entre pessoas privadas de virtudes quase monásticas e sem mediação de nenhum interregno socialista. Assim, de fato, todo comunismo transparece, das utopias, a mais inviável. Já o de Marx não é ab-rupto ou pré-moldado: “O comunismo não é para nós um estado de coisas que deve ser instaurado, um ideal para o qual a realidade deverá se direcionar. Chamamos de comunismo o movimento real que supera o estado de coisas atual. As condições desse movimento [devem ser julgadas segundo a própria realidade efetiva] resultam dos pressupostos atualmente existentes”.<sup>268</sup> Este comunismo marxiano emerge resultante de uma transição da pré-história societária (a era da sociedade de classes, cuja última etapa seria o capitalismo) para o tempo da plena posse do controle do nosso destino, a vigência de uma associação na qual o livre desenvolvimento de cada um seja a condição do livre desenvolvimento de todos, garantido o livre desenvolvimento de toda

---

<sup>268</sup> A Ideologia Alemã. Feuerbach e História. Nov/1845-abr/1846. p. 38, a. Obs.: Como já disse, Marx, em 1844, critica o comunismo “ainda totalmente rude e irrefletido”, em que, p. ex.: “a posse imediata, física, lhe vale como a finalidade única da vida e da existência”; “a comunidade é apenas uma comunidade do trabalho e da igualdade do salário que o capital comunitário, a comunidade enquanto capitalista universal, paga”; sendo, “portanto, apenas uma forma fenomênica da infâmia da propriedade privada que quer se assentar como a coletividade positiva”; esse comunismo que, “ainda de natureza política, democrático ou despótico; com supressão do Estado, mas simultaneamente ainda incompleto, sempre ainda com a essência afetada pela propriedade privada, ou seja, pelo estranhamento do ser humano.” Já para Marx, o fenômeno comunista é mais transversal: “(...) apropriação efetiva da essência humana pelo e para o homem (...) retorno do homem para si enquanto homem social, isto é, humano. (...) enquanto naturalismo consumado = humanismo, e enquanto humanismo consumado = naturalismo. Ele é a verdadeira dissolução do antagonismo do homem com a natureza e com o homem; a verdadeira resolução do conflito entre existência e essência, entre objetivação e autoconfirmação, entre liberdade e necessidade, entre indivíduo e gênero. É o enigma resolvido da história e se sabe como esta solução. O movimento total da história é, assim como o seu [do comunismo] ato efetivo de geração — o ato de nascimento da sua existência empírica — também, para a sua consciência pensante, o movimento concebido e sabido do seu vir a ser (...) O comunismo é (...) o momento efetivo necessário da emancipação e da recuperação humanas para o próximo desenvolvimento histórico (...) a figura necessária e o princípio enérgico do futuro próximo, mas o comunismo não é como tal o termo do desenvolvimento humano — a figura da sociedade humana”. (Cf. Manuscritos Econômico-Filosóficos. Propriedade privada e comunismo. p. 103/5 e 114.)

capacidade natural.<sup>269</sup> O humano a ser fim absoluto, não meio descartável. Haverá ética mais sublime? E aí está, ansiada por um dos mais implacáveis mestres da modernidade ateia. O receituário dos comos, as profecias dos quandos ficaram ao encargo dos marxistas. O próprio Marx, que dizia não ser marxista, deixou apenas a crítica e o método constituintes de uma multidimensionalidade teórica singularmente unificadora, não respeitada senão pela ignorância mais obtusa. Para o economista J. Attali: “(...) ele foi o primeiro a apreender o mundo como um todo que é, ao mesmo tempo, político, econômico, científico e filosófico”.<sup>270</sup> Ainda assim, um proletariado que, por essência, tenha como destino a extinção de toda opressão ocasionada pela sociedade de classes — a do Estado, inclusive — não resulta da análise marxiana do capitalismo, por mais arguta; na verdade, é uma esperança de Marx inserida nessa análise.<sup>271</sup>

A despeito de sua clara interdição aos comunismos, Kardec viu neles o que certos espíritas não se permitem admitir: “o objetivo é louvável, sem contradita” e, seus pensadores, “bem-intencionados”. Na opinião do mestre, não seriam viáveis, principalmente, porque exigiriam “as virtudes morais no grau supremo”. Ora; dois gumes nessa lâmina. Sujeito histórico da era da incerteza, problematizo e opino livre de peias. Não tenho o tolo fetiche de uma neutralidade que nada mais seria senão pretensa. Ser ou não ser socialista, ou comunista, é uma opção; ser crítico do capitalismo é uma obrigação. Os comunismos dependeriam de virtudes num grau inexistente. E o capitalismo? Delas dependeria em que grau? Digo-o: zero. Ele as

---

<sup>269</sup> Cf. HOBBSBOWM, Eric J. Como Mudar o Mundo. Cap. 2. Marx, Engels e o socialismo pré-marxiano. Cap. 5. O Manifesto Comunista.

<sup>270</sup> Cf. HOBBSBOWM, E. J. Como Mudar o Mundo. Cap. 1. Marx hoje.

<sup>271</sup> NETTO, José Paulo. O Que É Marxismo. Uma teoria da sociedade burguesa. HOBBSBOWM, Eric J. Como Mudar o Mundo. Cap. 5. O Manifesto Comunista. Cap. 7. Marx e as formações pré-capitalistas.

despreza. Lucro maximizado e concentrado é só ao que ele conduz. Acúmulo que finda sem capacidade distributiva e a gerar crises reincidentes. Por isso viceja, normativo, o açambarcamento dos supérfluos em prejuízo de a quem falta o indispensável; o esquecimento de toda lágrima que o culto das ambições fútuas não permite seja enxugada; o mal emprego de altas cifras que melhor se envidariam a disponibilizar o essencial a quem mesmo deste se encontra falto. Segundo as leis morais espíritas, só o necessário é útil; o supérfluo, nunca o é. O mérito espiritual está em resistir ao excesso, ao gozo das coisas inúteis; no sacrifício até do que seja necessário em favor de quem carece do bastante. Assim, o critério da verdadeira felicidade é olhar para baixo; não olhar para cima senão para elevar a alma ao infinito. O mínimo comum de felicidade relativa na Terra requer tão só a posse do necessário, a consciência tranquila e a fé no futuro, sendo o mais rico o de menos demandas e, verdadeiramente infeliz, só a quem falte o bastante à vida e à saúde do corpo.<sup>272</sup> Como conciliar essa moral mais que espírita: praticamente paleocristã, às formas de sociabilidade usurária do capitalismo? Segundo o prof. A. L. Mascaro, tais formas “se estruturam em relações de exploração, dominação, concorrência, antagonismo de indivíduos, grupos, classes e Estados, sendo o conflito e a crise suas marcas inexoráveis”.<sup>273</sup> Exatamente o que nos leva ao antológico A. Hauser: “(...) não foi toda a economia capitalista mera ilustração da teoria de Maquiavel? Não mostrou ela claramente que a realidade obedecia à sua própria e dura necessidade, que todas as ideias eram impotentes quando diante de sua implacável lógica, e que a única alternativa era submeter-se-lhe ou ser

---

<sup>272</sup> O Livro dos Espíritos, 704, 705, 717, 720, 896, 922, 923, 926 e 927.

<sup>273</sup> MASCARO, A. L. Estado e Forma Política. 5.1. Capitalismo, Estado e Regulação. São Paulo: Boitempo, 2013.

destruído por ela?”.<sup>274</sup> Não surpreende, pois, o nosso supremo grau, não de virtudes pacíficas da alma, mas de vícios beligerantes do corpo; o nosso calculado distanciamento do guia e modelo indicado à humanidade na orientação imperativa do kardecismo: “Vede Jesus”.<sup>275</sup> A meu juízo, o mesmo que disse: — Ai de vós, ricos! Honrados os pobres!<sup>276</sup>

A crítica de Kardec aos comunismos lhes contradita a eficácia presente, mas, no âmbito das próprias crenças espíritas, não lhes desautoriza o eventual êxito futuro, senão terráqueo, extraterreno. Não nos conduz, o conjunto dessas crenças, na direção do sublime da virtude, do sacrifício do interesse pessoal pelo bem do próximo, sem segundas intenções?<sup>277</sup> Portanto, não nos leva em direção da abnegação mais completa da personalidade, do império da solidariedade, do perfeito estado da vida comunitária enfim? O choque de uma organização em que a sociabilidade só induz ao possuir, ao por força amealhar, instiga permanente defensiva; reproduz egoísmo; frustra as melhores formações em contrário. Será a caridade a brotar no coração daqueles que, crentes ou não, mais que talhados para competir e consumir, são antes a isso obrigados, sob pena de perecerem?<sup>278</sup> Entretendo e excitando o egoísmo e, dessa forma, intensificando uma necessária piora do mal, não é a civilização capitalista que trama sua ruína e, assim, sua transição a uma sociedade superior? A própria causa: egoísmo, não destrói seu efeito: capitalismo? Dizem-no, a seu modo, os

---

<sup>274</sup> História Social da Arte e da Literatura. Cap. V, n. 6. A idade do realismo político. Martins Fontes, 2000, p. 389.

<sup>275</sup> O Livro dos Espíritos, 625.

<sup>276</sup> **Makarios** é a palavra que foi traduzida “bem-aventurados” quando, em verdade, significa “honrados”. (Cf. FARIA, Lair Amaro dos S. “Quão honoráveis sois vós, meus discípulos, porque perdestes a honra”. O contexto cultural dos macarismos em Q. In: 1.º Simpósio Regional - Bíblia e Ciências Humanas, 2007, São Paulo. ABIB, 2007.)

<sup>277</sup> O Livro dos Espíritos, 893 e 916.

<sup>278</sup> O Livro dos Espíritos, 914 e 917.

guias kardecistas, o próprio Kardec e, bem antes, até Marx: “Quanto maior é o mal, mais hediondo se torna. Era preciso que o egoísmo produzisse muito mal, para que compreensível se fizesse a necessidade de extirpá-lo.”<sup>279</sup> — “O paroxismo de um mal é sempre o sinal de que chega ao seu fim.”<sup>280</sup> — “O lugar de todos os sentidos físicos e espirituais passou a ser ocupado pelo simples estranhamento de todos esses sentidos, pelo sentido do **ter**. A esta absoluta miséria tinha de ser reduzida a essência humana, para com isso trazer para fora de si sua riqueza interior”.<sup>281</sup> Os comunistas não levariam em conta senão a organização da vida material e, por isso, Kardec os acusa de construir um edifício começando pelo topo. No entanto, a própria filosofia espírita decreta, com relação à vida na matéria, a posse do necessário como mínimo indispensável à felicidade terrestre.<sup>282</sup> Marx, aliás, chama “rude”, “irrefletido”, “incompleto”, o comunismo para o qual “a posse imediata, física, lhe valha como o fim único da vida e da existência.”<sup>283</sup> Se uns negligenciariam o espírito, o outro subestimaria a matéria, sobretudo ante este seu otimismo profético: **le spiritisme, par sa puissante révélation, vient donc hâter la réforme sociale:** o espiritismo, por sua poderosa revelação, vem acelerar a reforma social. Kardec não sabia que o interesse pelo espiritismo permaneceria, sim, muito depois de sua morte, mas decrescente, não acelerando, concreta e estruturalmente, nenhuma reforma social. Ao contrário, o colonialismo europeu, francês em grande medida, viria a estar na base mesma de dois

---

<sup>279</sup> O Livro dos Espíritos, 916.

<sup>280</sup> Viagem Espírita em 1862. Discurso III. Pronunciado nas reuniões gerais dos espíritas de Lyon e Bordeaux.

<sup>281</sup> Manuscritos Econômico-Filosóficos (1844). Propriedade privada e comunismo, p. 108/9.

<sup>282</sup> O Livro dos Espíritos, 922.

<sup>283</sup> Manuscritos Econômico-Filosóficos (1844). Propriedade privada e comunismo, p. 103.

terríveis conflitos mundiais.<sup>284</sup> Impossível fora desmentir a diagnose quântica do essencial A. Bosi: “As almas e os objetos foram assumidos e guiados, no agir cotidiano, pelos mecanismos do interesse, da produtividade; e o seu valor foi se medindo quase automaticamente pela posição que ocupam na hierarquia de classe ou de status. Os tempos foram ficando — como já deplorava Leopardi — egoístas e abstratos. ‘Sociedade de consumo’ é apenas um aspecto (o mais vistoso, talvez) dessa teia crescente de domínio e ilusão que os espertos chamam ‘desenvolvimento’ (ah! poder de nomear as coisas!) e os tolos aceitam como ‘preço do progresso’”.<sup>285</sup>

Para além de identificar o espiritismo a qualquer sistema político-econômico, resalto esse eterno desafio enfrentado pelos humanismos: a distância entre proposição e prática. No espiritismo não é diferente. Não parecem mais utópicas que a instauração de qualquer comunismo as soluções morais espíritas em pleno âmbito capitalista. Notadamente, essas soluções antagonizam o coração pulsante do sistema: o interesse pessoal; este rivaliza com o que é justo, e determina uma ordem jurídica feita para o mais forte em detrimento do mais fraco, como vimos o Kardec dialético escrever. O mestre também diz em 1862 que “a base da caridade é a crença; a falta de crença conduz ao materialismo, e o materialismo ao egoísmo.” Há uma prova final, no entanto, de que o espiritualismo seja necessariamente mais eficaz contra o egoísmo e o orgulho? Ou de que o materialismo conduza fatalmente a esses vícios radicais? Não existem adeptos de doutrinas materialistas, ou simples indiferentes, que sejam superiores em moral a adeptos do espiritismo, por exemplo?

---

<sup>284</sup> Dois anos antes, também num discurso público, Kardec afirmara: “Compreendeis todos, pelo que tendes sob os olhos e pelo que sentis em vós mesmos, que dia virá em que o espiritismo deverá exercer uma imensa influência sobre a estrutura social”. (Revista Espírita. Out/1860. Banquete oferecido pelos espíritas lioneses ao sr. Allan Kardec, 19 de setembro de 1860.)

Se a crença é nosso móvel, basta que conduza ao bem **de todos** antes que só ao nosso.<sup>286</sup> Importará tanto assim que ela seja espiritualista? Será impossível querer o bem **de todos**, até com fervor, sem acreditar em Deus, ou no espírito? Procede altruisticamente, tão só por neles crer, todo espiritualista? Com respeitosa vênua, mestre: “A experiência aí está, diante de nossos olhos, para provar que eles” — Deus e o espírito — “não extinguem nem as ambições nem a cupidez”. Ateus comunistas são acusados de credulidade religiosa ao defenderem a igualdade e condenarem o aprofundamento das diferenças — não individuais, mas sociais —, o que espiritualistas nem sempre fazem e, por vezes, mesmo repelem. Não será um fato que a dose geralmente intensa de presunção da verdade entre crentes constitui sério obstáculo à fraternidade irrestrita? Não estaríamos mais livres de preconceitos sem as muletas de tantos vínculos fideístas a justificar nossas crenças nestas ou naquelas ações ou comportamentos, o mais das vezes, pouco ou nada executados? Substituiremos o **fora da caridade não há salvação** pelo **fora da crença no espírito não há salvação**? Não seria essa a mesma esteira do **fora da verdade não há salvação**, quiçá, do **fora da Igreja não há salvação**? Melhor quando o mestre assenta: 1) respeitar “todas as crenças, mesmo a incredulidade, que também é uma espécie de crença quando se preza o bastante para não chocar as opiniões contrárias” e, nessa medida, pode igualmente “brindar-nos com observações úteis”;<sup>287</sup> 2) não ser sinônimos nem sempre se acompanharem sensualismo e materialismo, “já que se veem espiritualistas por profissão e por dever que são muito sensuais, ao passo que há muitos materialistas bastante moderados em

---

<sup>285</sup> O Ser e o Tempo da Poesia. Companhia das Letras, 2000, pp. 164-165.

<sup>286</sup> O Livro dos Espíritos, 629.

<sup>287</sup> Revista Espírita. Fev/1858. A floresta de Dodona e a estátua de Memnon.

sua maneira de viver”.<sup>288</sup> Se a crítica de Kardec pretende apontar a causa presente da inviabilidade dos comunismos — o egoísmo —, o mesmo já não se aplicaria, repito, a um eventual estado mais avançado do gênero humano, em que, no próprio dizer dos guias kardecistas, despojados daquele vício, viveremos como irmãos, sem nos fazermos nenhum mal, auxiliando-nos uns aos outros, num sentimento de mútua solidariedade, em que o forte será amparo do fraco, nunca seu opressor e, por isso, não haverá a quem falte o indispensável, porquanto todos praticarão — que sintomático! — “a lei de justiça”.<sup>289</sup> A Terra configuraria, então, um mundo ditoso, no qual, enfim, o primeiro direito natural de todos, sem exceção, seria realmente “o de viver”,<sup>290</sup> não o de ser explorado por quem, num compromisso de má consciência típico das sociedades de classes, só se apropria dos frutos do trabalho de outrem a fim de acumulá-los para seus próprios herdeiros sem jamais fazer o bem a quem quer que seja;<sup>291</sup> por quem não amealha recursos, mesmo honestamente, para socorrer seus irmãos em humanidade, e sim apenas para locupletar-se, pretextando sempre suas necessidades pessoais e/ou exigências do que considera a sua posição; tudo findando, de ordinário, em ridículas extravagâncias.<sup>292</sup> Ao reportar-se à força dos bons pensamentos em comunhão sobre as massas, Kardec adentra a antessala de um tipo de comunismo, senão praticado, ao menos aspirado: “(...) pela comunhão de pensamentos, os homens se assistem entre si, e ao mesmo tempo assistem os espíritos e são por estes assistidos. As relações entre o mundo visível e o mundo invisível não são mais individuais, são

---

<sup>288</sup> Revista Espírita. Fev/1869. Estatística do Espiritismo.

<sup>289</sup> O Livro dos Espíritos, 916.

<sup>290</sup> O Livro dos Espíritos, 880.

<sup>291</sup> O Livro dos Espíritos, 900.

<sup>292</sup> O Livro dos Espíritos, 883, 923, 1001.

coletivas, por isto mesmo são mais poderosas para o proveito das massas, como para o dos indivíduos. Numa palavra, estabelecem a solidariedade, que é a base da fraternidade. Ninguém trabalha para si só, mas para todos, e trabalhando por todos, cada um aí encontra a sua parte. É isto que o egoísmo não entende”.<sup>293</sup> Cinquenta e cinco anos antes do Outubro Vermelho de 1917 e com base em fracassos de certos experimentos utópicos, bem como das insurgências de 1848, a tese kardeciana quer sustentar que os comunismos são inviáveis, sobretudo, porque somos egoístas contumazes; no entanto, por efeito inverso, tacitamente admite que, justo por isso, o capitalismo tem prevalecido.<sup>294</sup> E a humanidade melhorada não melhoraria o próprio

---

<sup>293</sup> Revista Espírita. Dez/1868. O espiritismo é uma religião?

<sup>294</sup> Se não fez profissão de fé comunista, Kardec, por sua vida e pensamento, tampouco foi entusiasta do liberalismo. Como não lembrar destes comentários exarados em sua obra espírita inaugural: “(...) entre os homens, as posições sociais guardam, frequentemente, relação inversa com a elevação dos sentimentos morais. Herodes era rei e Jesus, carpinteiro. (...) A riqueza e o poder fazem nascer todas as paixões que nos prendem à matéria e nos afastam da perfeição espiritual. Foi por isso que Jesus disse: ‘Em verdade vos digo que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus’”. (O Livro dos Espíritos, 194 e 816.) Segundo J. W. Monroe, ph.d. em história da Europa pela Universidade de Yale: “(...) pequenos grupos de escritores estavam adaptando as ideias do espiritualismo americano ao contexto francês submetendo-as a uma variedade de modificações estratégicas, frequentemente procurando ou associando-as com as correntes mais radicais de 1848, ou as assimilando na estrutura católica. Rivail não era exclusivamente movido por um ou outro desses pontos de vista. Ao contrário, seu temperamento e educação parecem tê-lo disposto a pesquisar por uma nova síntese. Nascido em Lyon de uma família de advogados, cresceu católico, mas educado na famosa e progressista escola de Johann Heinrich Pestalozzi em Yverdon, Suíça, Rivail reuniu um respeito por dignidade profissional e um gosto por moderação com uma tardia atração para os valores do socialismo romântico. Depois de completar seus estudos e serviços militares em 1832, ele e sua esposa fundaram uma escola técnica privada em Paris, que fechou depois de alguns anos. Ele tornou-se um contador independente, e no início dos anos 50 do século dezenove estava ganhando suficiente dinheiro para viver a vida confortável de um burguês”. (A Travessia: Allan Kardec e a Transnacionalização do Espiritualismo Moderno. Do espiritualismo ao espiritismo. São Vicente (SP): PENSE, 2014, p. 25/6.) Correspondem, de fato, o pensamento e a vida do mestre, aos de um pequeno-burguês progressista cristão, como vimos e podemos reiterar ainda mais: “(...) o principio egoísta e tudo que dele decorre são o que há de mais tenaz no homem e, por conseguinte, de mais difícil de desarraigar. Toda gente faz voluntariamente sacrifícios, contanto que nada custem e de nada privem. Para a maioria dos homens, o dinheiro tem ainda irresistível atrativo e bem poucos compreendem a palavra supérfluo quando de suas pessoas se trata. Por isso mesmo, a abnegação da personalidade constitui sinal de grandíssimo progresso”. (O Livro dos Espíritos. Conclusão. VII.) — “(...) depois dos fanáticos, os mais refratários às ideias espíritas são os sensualistas e as pessoas cujos únicos pensamentos estão concentrados nas posses e nos prazeres materiais, seja qual for a classe a que pertençam, o que independe do grau de instrução. Em resumo, o espiritismo é acolhido como um benefício pelos que ele ajuda a suportar o fardo da vida, e é repellido ou desdenhado por aqueles a quem prejudicaria no gozo da vida”. (Revista

capitalismo? Ora; o sacrifício do interesse pessoal pelo bem **de todos**, sem pensamento oculto, é o sublime da virtude a que a doutrina espírita encoraja com suas leis morais.<sup>295</sup> Uma vez atingido e praticado largamente, não consagraria a extinção da sociabilidade capitalista e, por outra, a busca de qualquer comunismo ou gestão social? Qual é a crença espírita? Crê a doutrina numa elevação da Terra na hierarquia dos mundos, a fim de que seja habitação exclusiva de espíritos da segunda ordem da escala espírita, os que, quando encarnados, desconhecem orgulho, egoísmo, ambição, ódio, rancor, inveja ou ciúme; os que fazem o bem só pelo bem por serem de fato homens de bem, tomando sempre a defesa do fraco contra o forte e sacrificando seus interesses à justiça.<sup>296</sup> A não ser assim, restar-nos-ia tão só a esperança dos sucessos materiais, ou seja, o verniz de civilização; esse dos países desenvolvidos, em que os homens de bem, assim como nos países em desenvolvimento, ainda não suportam provas que lhes firam a corda do interesse pessoal, persistindo neles aquela serpente que lhes devora o coração: o egoísmo.<sup>297</sup>

---

Espírita. Jan/1869. Estatística do Espiritismo.) — “(...) a calma e a tranquilidade se encontram mais particularmente nas posições modestas, quando assegurado o bem-estar da vida. Aí quase não há ambição; contentam-se com o que têm, sem se atormentarem em o aumentar, correndo os riscos aleatórios da agiotagem ou da especulação. São os que chamamos despreocupados, falando relativamente; por pouco haja neles elevação de pensamento, ocupam-se de bom grado das coisas sérias; o espiritismo lhes oferece um atraente assunto de meditação, e o aceitam mais facilmente do que aqueles a quem o turbilhão do mundo suscita uma febre contínua”. (Revista Espírita. Fev/1869. Estatística do Espiritismo.) — “Quem quer que outrora tenha visto a nossa intimidade e a veja hoje, pode atestar que nada mudou em nossa maneira de viver depois que passei a ocupar-me do espiritismo. Ela é agora tão simples quanto era outrora. Então é certo que os meus lucros, por enormes que sejam, não servem para nos dar os prazeres do luxo. (...) Em todos os tempos temos tido de que viver, muito modestamente, é certo, mas o que teria sido pouco para certa gente[ a nós] nos bastava, graças aos nossos gostos e aos nossos hábitos de ordem e de economia. À nossa pequena renda vinha juntar-se o produto das obras que publiquei antes do espiritismo, e o de um modesto emprego que tive de deixar quando os trabalhos da doutrina absorveram todo o meu tempo”. (Revista Espírita. Dez/1868. Constituição Transitória do Espiritismo. II.)

<sup>295</sup> O Livro dos Espíritos, 629 e 893.

<sup>296</sup> O Livro dos Espíritos, 107, 918 e 1019; O Evangelho Segundo o Espiritismo, XVII, 3.

<sup>297</sup> O Livro dos Espíritos, 717, 727 e 895. Obs.: Em paralelo, pergunto a que matriz de pensamento pertence o espiritismo. À do positivismo. Ora; segundo emérito professor da UFRJ, José Paulo

A julgar certa a premissa evolucionária do kardecismo, não só o egoísmo será superado, outrossim, naturalmente atingido pela humanidade, um tipo comunismo. Não há nome mais correto para o que se lê no **best-seller** de Kardec: “Bem-aventurados os que são brandos, porque possuirão a Terra (...) Por aquelas palavras quis dizer [Jesus] que até agora os bens da Terra são açambarcados pelos violentos, em prejuízo dos que são brandos e pacíficos; que a estes falta muitas vezes o necessário, ao passo que outros têm o supérfluo. [Jesus] Promete que **justiça** lhes será feita, assim **na Terra como no céu**, porque serão chamados filhos de Deus. Quando a Humanidade se submeter à lei de amor e de caridade, deixará de haver egoísmo; o fraco e o pacífico já não serão explorados, nem esmagados pelo forte e pelo violento. Tal a condição da Terra, quando, de acordo com a lei do progresso e a promessa de Jesus, se houver tornado mundo ditoso, por efeito do afastamento dos maus”.<sup>298</sup> Ali, por fim, Kardec satisfaz plenamente Reza Aslan: “(...) o reino de Jesus — o Reino de Deus — era bem deste mundo”.<sup>299</sup> Afora os conteúdos espirituais, seria esse

---

Netto: “(...) ao contrário do que asseguram muitos estudiosos, o século 19 não está superado: as principais matrizes intelectuais nele emergentes estão mais vivas e atuantes que nunca — num polo, a inaugurada por Marx; noutro, a estabelecida pelo positivismo”. E mais: “(...) o desenvolvimento dessa matriz positivista (...), tendo sempre, franca ou veladamente, Marx como interlocutor, não excluiu a continuidade e a renovação das tendências místicas e mitologizantes que se abrigavam na gênese do pensamento conservador. Aparentemente contrapostas, a matriz positivista e essas posturas irracionistas dão-se as mãos para prover a sociedade burguesa de legitimações ideológicas”. (O Que é Marxismo, p. 20.) Pergunto-me se não é essa a gênese do conservadorismo espírita, apesar do progressismo de sua doutrina moral, tomada aos Evangelhos cristãos. Ainda assim, não finda o espiritismo, sobretudo por sua metafísica das provas e expiações, por bem servir ao conjunto das forças legitimadoras de uma sociedade dada? Será acaso que seus adeptos estejam ainda hoje entre os mais bem pagos e escolarizados? Digo-o não só pelo que constatarem órgãos estatísticos, mas até por causa do que se lê na nota 110 de uma edição alemã d’O Capital, p. 197: “Depois da derrota das revoluções de 1848-49, começou na Europa um período da mais obscura política reacionária. Enquanto, nesse tempo, as rodas aristocráticas e também as burguesas se entusiasmaram pelo espiritismo, especialmente por fazer a mesa andar, desenvolveu-se na China um poderoso movimento de libertação antifeudal, particularmente entre os camponeses, que entrou para a história como a revolução do Taiping”.

<sup>298</sup> O Evangelho segundo o Espiritismo, IX, 5.

<sup>299</sup> Zelota. A vida e a época de Jesus de Nazaré. 11. Quem vós dizeis que eu sou? Trad.: Marlene Suano. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

um horizonte afim de E. Bernstein, que pretendeu revisar Marx após a morte de Engels e, disso, resultou a ideia de que a revolução proletária seria um conceito anacrônico, porque a própria evolução da sociedade burguesa, por meio de reformas, progressivamente conduziria ao socialismo, sem rupturas, e do socialismo, ao comunismo. Justiça na Terra sem afrontas à do Céu. Darma praticado, karma zerado. Amém. Razão assiste, pois, a outro historiador estadunidense, J. W. Monroe: “(...) esta fusão da metafísica romântico-socialista e da epistemologia positivista era talvez a contribuição intelectual mais original de Kardec. Politicamente, O Livro dos Espíritos tinha uma inspiração no socialismo romântico, mas dispensou sua mensagem explicitamente revolucionária”.<sup>300</sup> Em nenhum passo desse clássico essa inspiração mais transparece que nestes dizeres: “(...) somente pode considerar-se a mais civilizada, na legítima acepção do termo, a nação onde exista menos egoísmo, menos cobiça e menos orgulho; onde os hábitos sejam mais intelectuais e morais do que materiais; onde a inteligência se puder desenvolver com maior liberdade; onde haja mais bondade, boa-fé, benevolência e generosidade recíprocas; onde menos enraizados se mostrem os preconceitos de casta e de nascimento, por isso que tais preconceitos são incompatíveis com o verdadeiro amor do próximo; onde as leis nenhum privilégio consagrem e sejam as mesmas, assim para o último, como para o primeiro; onde com menos parcialidade se exerça a justiça; onde o fraco encontre sempre amparo contra o forte; onde a vida do homem, suas crenças e opiniões sejam

---

<sup>300</sup> Crossing Over: Allan Kardec and the Transnationalization of Modern Spiritualism. Obs.: Moroe lista na matriz kardeciana do espiritismo a influência de quatro elementos que a distinguem da estadunidense e da inglesa: “(...) o legado do pensamento visionário cosmológico e moral derivado dos escritores socialistas românticos franceses tais como Charles Fourier, Pierre Leroux e Henri Reynaud; uma concepção teleológica do desenvolvimento histórico e o valor do empirismo baseado no positivismo de Auguste Comte; um ambiente religioso ortodoxo dominado pela Igreja católica, que mantinha ligações próximas com o Estado; e um governo autoritário que impunha controles rigorosos sobre o discurso público, especialmente em matérias concernentes à política, à economia e à religião”.

melhormente respeitadas; onde exista menor número de desgraçados; enfim, onde todo homem de boa vontade esteja certo de lhe não faltar o necessário”.<sup>301</sup> Quem sabe, se levarmos a sério Lacordaire: “Do vosso patrimônio, como do vosso trabalho, só uma coisa vos é permitido tirar em vosso proveito: o necessário; o resto cabe aos pobres. Eis a lei. (...) Velai pelo futuro de vossos filhos; preocupai-vos em lhes preparar dias calmos e tranquilos em meio a esse vale de lágrimas; mas jamais lhes ensineis a viver egoisticamente e a olhar como deles o que **é de todos**”.<sup>302</sup>

#### 24. SPIRITISM E SPIRITISME.

Qualquer adepto medianamente informado sabe que Kardec não atribuía a doutrina espírita a si. Porém, uma coisa foi o que ele quis, outra, o rumo da história. Sem a codificação francesa, a palavra **spiritism** teria permanecido no inglês estadunidense,<sup>303</sup> anterior ao *Livro dos Espíritos*,<sup>304</sup> não se teria, pois, afrancesado em **spiritisme**, que o pedagogo pestalozziano projetou, **stricto sensu**, como sinônimo de **doctrine spirite**. O vínculo semântico, todavia, com o lato alcance original permaneceu. Em 1868, Kardec usou, por exemplo, a expressão espiritismo “moderno”, ressaltando oposição entre os meios deste e os da magia ou feitiçaria. Em boa semiótica, isso referenda o quê? Um espiritismo “antigo”.<sup>305</sup> E, de fato, o mestre disse que o espiritismo é tão antigo como a criação e nenhum homem, seu criador; que o espiritismo moderno é o despertar da antiguidade, mas agora

<sup>301</sup> O Livro dos Espíritos, 793.

<sup>302</sup> Revista Espírita. Ago/1865. A Chave do Céu. Lacordaire (espírito). Por Allan Kardec.

<sup>303</sup> Brownson: Boston, 1854; Goodrich: Burlington, 1854; Edmonds, Dexter, Warren: New York, 1855.

<sup>304</sup> 1ª ed., Paris, 1857.

<sup>305</sup> A Gênese, I: 19. (Paris, 1868.)

liberta da superstição.<sup>306</sup> Mesmo as expressões ciência espírita “moderna” e doutrina espírita “moderna” foram utilizadas pelo mestre em França, a ele dizendo os espíritos que tal doutrina é tão antiga como o mundo.<sup>307</sup> Nada sem motivo. Encontram-se os adjetivos **ancient** e **present** associados ao substantivo **spiritism** já em 1854, nos E.U.A., bem como por lá utilizadas as palavras **spiritists** e **mediums**.<sup>308</sup> O frontispício da *Revista Espírita* de Kardec, aliás, não deixa dúvida: “A história do espiritismo na antiguidade”; ancianidade que ele sustentou como prova dos princípios doutrinários, jamais objeção. Não é surpreendente, portanto, que chamem magia ou feitiçaria de espiritismo, por serem, **lato sensu**, em retroativa semântica, práticas espíritas, isto é, que supõem a ação material dos espíritos; cultos afro-brasileiros, inclusive. O que há, pois, de novo? Respondeu o mestre: “O que é moderno é a explicação lógica dos fatos, o conhecimento mais completo da natureza dos espíritos, de seu papel e seu modo de ação, a revelação de nosso estado futuro, enfim, sua constituição em corpo de ciência e de doutrina e suas diversas aplicações. Os antigos conheciam o princípio, os modernos conhecem os detalhes”.<sup>309</sup>

Ante a realidade filológica, deve-se impor o uso majoritário kardeciano, ou seja, a sinonímia entre espiritismo e doutrina espírita? Condenar o emprego do anterior sentido? E pior: por preconceito, às vezes? Ora; o alcance mais abrangente de **spiritism** permaneceu mesmo em Kardec. Continuará, pois, esse viés, em litígio. O princípio essencial do espiritismo sempre esteve nas relações dos espíritos com

---

<sup>306</sup> O Livro dos Espíritos. Conclusão: VI. Revista Espírita. Jan/1858: Introdução. Fev/1858: A floresta de Dodona. Abr/1858: O espiritismo entre os druidas.

<sup>307</sup> O Livro dos Espíritos, 221-a, 222. Conclusão: VI. Revista Espírita. Jan/1864: Santo Atanásio, espírita sem o saber.

<sup>308</sup> GOODRICH, Chauncey. *The Apocatstasis: Or Progress Backwards*, VI, p. 64, Burlington.

o mundo físico, havendo possibilidade de o integrante de qualquer outro segmento, católico, protestante, judeu ou muçulmano, ser espírita, ser adepto do espiritismo. Foi Kardec quem o disse.<sup>310</sup> O mestre francês asseverou haver adotado — e não criado — os termos espírita, espiritismo, porque melhor exprimem o que é relativo aos espíritos; preferiu-os, sabiamente aliás, aos vocábulos espiritualista, espiritualismo, mesmo adjetivados da palavra novo. O uso de todos, porém, não cessou, sobretudo entre os adeptos da escola americana do espiritismo, com a qual, saliente-se, não havia, segundo Kardec, antagonismo radical de princípios, e sim divergências na forma, sem afetar o fundo.<sup>311</sup> Sem efeito resta, desse modo, determinado texto atribuído ao mestre em Obras Póstumas: “Criamos a palavra espiritismo, para atender às necessidades da causa; temos pois o direito de lhe determinar as aplicações e de definir as qualidades e as crenças do verdadeiro espírita”. Os organizadores do livro escreveram, antes disso, isto: “Ao que ele então dizia, acrescentou recentemente Allan Kardec”. Recentemente? Será? Estava morto havia 20 anos. Psicografia? Ele, porém, não criou a palavra. E que faz ali a referência: “(*Revista Espírita*, de abril de 1866, pág. 111)”? Trata-se de artigo do mestre contra as pretensões de um espiritismo livre de sua influência pessoal e mesmo da tutela dos espíritos. No ínterim, Kardec declara: “Inscrevendo no frontispício do espiritismo a suprema lei do Cristo, nós abrimos o caminho do espiritismo cristão; temos, pois, motivos para desenvolver os seus princípios, bem como os caracteres do verdadeiro espírita sob esse ponto de vista”.<sup>312</sup> O caso, portanto, não

---

<sup>309</sup> O Espiritismo em Sua Mais Simples Expressão. Histórico do Espiritismo. (1862.)

<sup>310</sup> O Espiritismo em Sua Mais Simples Expressão. Histórico do Espiritismo. (1862.)

<sup>311</sup> O Livro dos Espíritos. Introdução: I. O Que É o Espiritismo? Cap. 1: Espiritismo e espiritualismo. *Revista Espírita*. Abr/1869: Profissão de fé espírita americana.

<sup>312</sup> *Revista Espírita*. Abr/1866: O espiritismo independente.

se refere à criação da palavra espiritismo por Kardec nem a um direito de, por esse suposto fato, ele fixar as qualidades e crenças do verdadeiro espírita, mas, isto sim, concerne ao rumo filosófico-religioso cristão que o mestre e seus guias conferiram ao **spiritism**, afrancesando-o em **spiritisme**, bem como se relaciona o artigo, aos efeitos dessa orientação no que tange ao desenvolvimento dos princípios e caracteres dos verdadeiros espíritas segundo esse ponto de vista, isto é, o de Kardec e seus guias; já manifesto, por sinal, desde a *Revista Espírita* de jul/1858, em que identificaram a prática da caridade cristã como objetivo de todos os que compreendem a essência do **spiritisme**.<sup>313</sup> Na mesma esteira, dizeres do n. 222 de *O Livro dos Espíritos*; dos ns. 8 e 350 de *O Livro dos Médiuns* etc. etc.

De novo: deve-se impor a sinonímia majoritária kardeciana entre espiritismo e doutrina espírita frustrando os empregos de semântica retroativa do próprio mestre? A resposta está num vislumbre revelador e ora oportuno da *Revista Espírita* de out/1865. Em vida, um teólogo adversário da nossa causa, o sr. abade D..., referia-se ali, em comunicação mediúnica considerada instrutiva por Kardec, às divisões entre os espíritas, fossem os da escola americana, fossem os da francesa, sendo que, nesta última, seitas já despontavam em oposição ao núcleo principal. Este núcleo, segundo o espírito do abade sr. D..., era constituído — que interessante! — pelos “puristas ou kardecistas, que não admitem nenhuma verdade senão depois de exame atento e concordância com todos os dados.”<sup>314</sup> Por mais que Kardec repelisse um kardecismo, tão confiante era na unidade futura dos espíritas mediante seu controle universal de ensino, a história seguiu outro curso. Esse controle desapareceu com o mestre e, já depois de seu

---

<sup>313</sup> *Revista Espírita*. Abr/1866: Correspondência.

decesso, como antes igualmente ocorria, não era unânime a restrição das palavras espiritismo, espírita, aos adeptos das obras doutrinárias do pedagogo pestalozziano. Ele mesmo se referiu, no último volume da *Revista Espírita* por si publicado, de abr/1869, ao espiritismo “americano”, bem como aos espíritas “americanos”, a quem, ali, tentou oferecer o corpo de doutrina que elaborou, visando, assim, uma unificação das duas escolas do **spiritism**. Sem sucesso, como era de se esperar. Eu apreciaria que espiritismo fosse tão só os princípios codificados por Kardec e, espíritas, apenas os adeptos desses apurados ensinamentos. Todavia, consideram-se e são aclamados pela sociedade contemporânea como espíritas, os integrantes de segmentos para além da esfera kardeciana, admitido aí, sempre, como vimos, o princípio essencial mesmo em Kardec presente: as relações dos espíritos com o mundo físico. Isso remete, por si só, à origem estadunidense da palavra: **spiritism**; ou seja, **lato sensu**, tudo aquilo relativo à ação material e aos dizeres dos espíritos, à revelia ou não da coordenação metódica kardeciana. Quem será hoje levado a sério na defesa de que Chico Xavier, p. ex., não era espírita nem suas obras são espiritismo? Além de uma hegemonia numérica evidente, existe uma razão filológico-etimológica apoiando o contrário. Pode-se dizer, pois, que tais livros e seus similares não são **doctrine spirite**, embora sejam, **lato sensu, spiritism**, no sentido original e difuso estadunidense. Esse é, ademais, o entendimento autorizado no derradeiro opúsculo de Kardec — *Catálogo Racional de Obras que Podem Servir para Fundar uma Biblioteca Espírita*, de mar/1869, que o mestre estruturou assim: 1 — obras fundamentais da doutrina espírita (as dele, todas); 2 — obras diversas sobre o espiritismo ou complementares da doutrina (as que, sendo complementares da doutrina umas, outras não sendo, sejam

---

<sup>314</sup> Revista Espírita. Abr/1866: Partida de um adversário do espiritismo para o mundo dos espíritos.

todas porém sobre o espiritismo), e 3 — obras feitas fora do espiritismo (as que, segundo Kardec, interessam ao espiritismo pela similitude dos princípios, pelos pensamentos espíritas que nelas se encontram, pelos documentos úteis que encerram, ou pelos fatos que aí se acham casualmente relatados.) Desse modo, podemos nos dizer kardecistas, ou mesmo espíritas kardecistas, em função das distinções necessárias no que concerne ao ensino codificado pelo mestre francês; kardecistas, sim, nós que, em espiritismo, não admitimos nenhuma verdade supostamente espiritual sem exame atento e aferida concordância com todos os dados. Já o digo sem achegas há tempos. Perguntam-me, respondo: — Sou kardecista. — Incultura! — clamarão. A maioria destes, no entanto, não saberá que espiritismo é palavra estadunidense anterior ao *Livro dos Espíritos*, nem que kardecista é termo integrante da *Revista Espírita* (out/1865), do clássico âmbito, pois, das obras fundamentais da doutrina. Usemo-la sem medo, em prol da clareza e da verdade histórica.

#### **SOBRE O AUTOR.**



Ex-aluno do Colégio Pedro II, formado em língua e literaturas de língua portuguesa pelas faculdades de Letras e de Educação da UFRJ

(1990/95), Sergio Fernandes Aleixo foi redator e revisor junto à assessoria jurídica do gabinete do prefeito de sua cidade, o Rio de Janeiro (1996/2008). De falas precisas e estudos meticulosos, manteve intensa atividade radiofônica na rádio espírita de mesmo nome (1990/2003). Kardecista desde 1988, produziu artigos, concedeu entrevistas e realizou inúmeras palestras, muitas das quais disponíveis em [youtube.com/user/sergiofaleixo](https://www.youtube.com/user/sergiofaleixo). Escritor, publicou nove livros (1999/2011). Por cinco anos, disponibilizou no blogue ENSAIOS DA HORA EXTREMA as versões iniciais dos textos agora reelaborados e reagrupados em *Que Espiritismo É o Nosso?* (Volumes I e II).